

O Rei
dos
DIAMANTES

Suany Anjos

DEREK

Série Homens da Máfia - Livro IV





Suany Anjos
DEREK
Série Homens da Máfia Livro IV

1ª Edição - 2017



Agradecimento

Quarto livro da série e eu tenho que, sempre, agradecer ao MEU DEUS pela força dada até aqui. Minha família, Aricia, Amigos e leitores que acompanham a série até esse breve momento. São tantos agradecimentos que até ficamos sem palavras.

Espero que a Aricia Aguiar, goste desse livro, já que ela é protagonista aqui. Entramos naquele momento que começaram as homenagens as meninas que sempre estiveram ali do meu lado sempre.

Espero que curtam bastante o dono dos diamantes.

Sinopse

Aricia Aguiar tem total orgulho da mulher que ela se tornou. Bem-sucedida como design de joias de uma empresa de renome, ela deixou a vida que viva com o seu filho, Gabriel, na Inglaterra para voltar para a pequena cidade de Roadland e conquistar seus sonhos.

Apesar de Roadland lhe trazer algumas más lembranças do passado, as quais ela carrega consigo, Aricia está disposta a viver a sua vida e ser feliz. Mas o destino está disposto a brincar com ela e mostrar que o passado está muito mais perto do que ela imagina, afinal, Derek Holt, o culpado de suas lágrimas derramadas está de volta a cidade e o pior de tudo determinado a tê-la de volta.

Derek Holt era um menino pobre em sua adolescência e juventude. Se apaixonou perdidamente por Aricia Aguiar quando ambos eram mais novos e planejaram um futuro juntos. Futuro esse que nunca chegou. Derek buscou novos

NACIONAIS - ACHERON

rumos, rumos que o levaram para bem longe de Aricia e do seu maior amor.

Agora ele está de volta a cidade e disposto a ter a mulher da sua vida de volta, mas há alguns problemas:

Ele não é mais somente um menino, ele tem uma máfia para comandar.

Aricia lhe odeia com todas suas forças.

E Derek tem mais inimigos do que amigos.

Pode esse amor tornar a florescer em meio de tantas mentiras e derramamento de sangue?

Prólogo

2015

Aricia respirou fundo e apagou uma linha do novo desenho de uma joia que ela estava fazendo. Ela era design de joias e precisava de cinco desenhos prontos para a próxima reunião que ela teria. Aricia estava fazendo o quinto e último desenho, mas tudo precisava estar perfeitamente alinhado. Perfeitamente desenhado e sem manchas. Segundo seu chefe, as joias seriam analisadas pelo dono da empresa antes que pudessem ser aprovadas para serem vendidas. Já passava das cinco da tarde quando duas batidas foram proferidas na porta da sala de Aricia. Aricia estava com um lápis de cor azul olhando seu desenho e nem mesmo percebeu sua assistente a chamando.

— Srta. Aguiar.

— Hey. — Aricia finalmente olhou para *Elaine* que parecia apreensiva em sua frente. A expressão da mulher de olhos verdes e cabelos

longos com mechas loiras nas pontas não era de quem estava calma. — Você está atrasada para sua reunião.

— Merda. — Aricia ficou de pé e passou a arrumar os desenhos em ordem. — Elaine, por favor, pegue aquele portfolio que está ali no canto e me siga.

Aricia saiu correndo com os papéis que continham seus desenhos e Elaine ficou para trás para pegar não só o portfólio, mas também o blazer de Aricia. Aricia estava prestes a entrar na sala de reuniões quando sentiu o corpo de Elaine colidir junto ao seu.

— Aí. — o som de dor foi uníssono. — Você esqueceu o casaco, você está com os cabelos amarrados e acho que você deveria passar nem que fosse um gloss nos lábios.

Aricia entregou os papéis com o desenho nas mãos de Elaine, soltou os cabelos, colocou o blazer e deu uma mexida nos seus cabelos encaracolados. Os deixando ainda mais volumosos.

— Vai ficar faltando o gloss. — para sua surpresa, Elaine simplesmente abriu a palma da

NACIONAIS - ACHERON

mão e na mesma havia um gloss.

— Peguei sobre sua mesa.

— Você é um anjo. — Aricia passou o gloss e aproveitou para dar umas apertadas nas bochechas. Apesar de ser uma das principais designs de joias da empresa, era nova naquele cargo e não queria decepcionar o seu chefe.

Pegou o portfólio e os papéis com o desenho das joias e respirou fundo olhando mais uma vez para o seu corpo. Saia até o joelho e realmente colada ao corpo em um tom de lápis. Blazer da mesma cor tendo uma blusa de seda branca por baixo. Dois botões abertos, nada sensual, mas também nada recatado. Sapatos de estileto salto quinze. Sim, ela estava apresentável. Respirando fundo, Aricia abriu a porta da reunião vendo que a sala já estava cheia. A maioria eram homens e estavam todos em silêncio.

— Desculpe a demora, eu acabei por me atrasar fazendo os desenhos. — Aricia puxou a primeira cadeira que estava livre e sentou.

Não olhou na direção de ninguém e assim não fez por alguns segundos enquanto arrumava

NACIONAIS - ACHERON

tudo em ordem. Quando se sentiu segura ela finalmente sorriu e olhou na direção das pessoas que estavam à mesa. Algumas já lhe eram conhecidas, outras não, mas foi quando seus olhos caíram sobre o *homem* que estava sentado na ponta da mesa que Aricia sentiu o seu sorriso sumir. Naquele momento ela não estava mais confiante. Não tendo aquele homem lhe olhando daquele jeito. Como se ele estivesse vendo um fantasma.

— Srta. Aguiar. — Aricia olhou para o homem que era o seu chefe e ele estava sorrindo. — Preciso lhe apresentar o mais novo dono da nossa empresa, Derek Holt. Sr. Holt essa é a Srta. Aguiar, nossa melhor design de joias. Ela que tem os produtos que você pediu e... — o homem que estava falando parou, quando Derek elevou a mão no ar o fazendo parar.

— O que você pensa que está fazendo?

— Eu estou lhes apresentando, e...

— Você não seu idiota. — Derek não gritou, mas a forma fria que ele falou, era bem preferível que ele estivesse gritando. — Estou falando com ela. — Derek apontou na direção de

NACIONAIS - ACHERON

Aricia e ela pôde sentir como se o seu corpo estivesse caindo da cadeira

A forma como ele estava olhando para Aricia, não parecia a mesma forma que ela havia aprendido a gostar de ter aqueles olhos sobre seu corpo. Na realidade, ela não amava mais nada que vinha daqueles olhos.

— Trabalhando. Eu sou design de joias e consegui um emprego aqui.

— Você estava em outro país algumas semanas atrás e pelo o que sei você ainda continua lá.

Aricia riu olhando os desenhos na sua frente. *Pelo o que ele sabia?* Então quando ela se sentia vigiada não era somente uma sensação, era a pura realidade.

— Você andou me espionando e... Espera aí. — somente naquele momento Aricia percebeu que o Sr. Thorne havia falado que Derek era o dono da empresa. *Como aquilo era possível?* — Você é dono dessa empresa?

— Não mude de assunto. — o homem

negro que estava parado na ponta da mesa parecia realmente com raiva.

— Não estou mudando. Só estou tentando entender como você se tornou dono desse império todo?

— Sem chances. — Derek balançou a cabeça e Aricia sabia que nada de bom sairia daquilo. — Você não irá trabalhar para mim.

— Claro que não. — respondeu pegando os seus trabalhos e ficando de pé. — Claro que você daria um jeito de me expulsar até mesmo da sua empresa. Me tirar da *sua vida* e me deixar grávida e tendo que cuidar de tudo sozinha não foi exatamente pouco para você. Depois de dois anos que eu, finalmente estou bem, feliz e com um emprego o seu dedo *podre* tem que estar sobre ele. — Aricia respirou fundo e seus olhos verdes estavam sobre o homem que estava na ponta da mesa. — Não se incomode Sr. Holt. Em breve eu estarei longe da sua vida como me foi pedido. Não irei mais tomar o tempo de vocês.

E sem olhar para Derek ou qualquer homem que estava dentro daquela sala, Aricia saiu e fechou

NACIONAIS - ACHERON

a porta de forma educada. Mas quando Aricia deu o primeiro passo em direção a sua sala a primeira lágrima caiu e seguida delas muitas outras. Achou que nunca mais fosse encontrar Derek Holt na vida de novo, mas o destino às vezes era um completo idiota. Passando sem dar atenção ao que Elaine havia falado. Aricia entrou na sala e rapidamente soltou os papéis para pegar o porta-retratos que tinha a foto do seu filho: Gabe.

Era por ele que ela lutava todos os dois e foi por ele que ela voltou para casa, mas nunca pensou que Derek pudesse estar em Roadland também. O que aquele mundo estava aprontando?

Aricia se assustou quando a porta foi aberta de forma bruta e Derek entrou a fechando com força em seguida.

— Eu. — ele parou de falar ao ver o que Aricia estava segurando nas mãos. — É... É o meu filho? — ela podia jurar que estava vendo emoção nos olhos dele, mas não o deixaria ganhar.

— Não. — Aricia respondeu com segurança e escondeu a foto de Gabe atrás de si. — Ele é o meu filho. Você o abandonou, esqueceu?

— Eu não tive escolhas. — Aricia secou as lágrimas de qualquer jeito e apertou ainda mais o porta-retratos em suas costas.

— Você tinha escolhas e você fez a sua. Preferiu a fama, ou seja, lá o quê tenha lhe deixado na posição a qual você está nesse momento. Você preferiu a vida que você tem hoje e deixou claro há dois anos atrás que eu e o meu filho não fazíamos parte dela.

— Aricia.

— Eu estarei esvaziando o meu escritório, mas enquanto isso não acontece eu espero que você me deixe em paz.

— Aricia, eu...

— Agora!

Aricia gritou com toda força que lhe restava naquele momento. Quando Derek finalmente saiu batendo a porta, Aricia deixou o corpo cair ao chão de forma devagar agarrando o porta-retratos com a foto do filho.

Derek tinha a destruído. E pelo visto havia voltado para dar o xeque-mate!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

1

Alguns anos atrás....

— *Desmancha essa cara, desce do carro e se comporte. — Aricia revirou os olhos.*

Já estava cansada daquilo!

Pior coisa que poderia acontecer na sua vida era seu pai ser demitido e ela ser obrigada a trocar de escola. Seus amigos, sua vida, tudo o que conhecia estava deixando para trás para estudar em uma escola pública de um bairro vizinho ao seu.

Roadland.

*Que diabo de nome de bairro era aquele?
Que diabo de escola era aquela?*

— *Mãe!*

— *Agora, Aricia.*

Bufando de raiva, Aricia pegou a bolsa que estava no colo e saiu do carro batendo a porta com toda força. Um dia sairia da opressão dos seus
NACIONAIS - ACHERON

pais, um dia seria alguém independente que faria tudo o que estivesse com vontade. Seus pais não interfeririam em sua vida.

O pátio da escola estava cheio de meninos e meninas vestindo todos os tipos de roupas. Em sua antiga escola, o uniforme era obrigatório, mas agora isso não parecia uma lei.

— Hey Patricinha

Aricia elevou os olhos na direção da voz. O dono dela estava encostado aos armários. Haviam várias pessoas em sua volta e ele estava sorrindo. Um sorriso misterioso. Aricia esperou algo mais vindo dele, mas um piscar de olho foi o suficiente para ela fazer uma leve careta e sair.

Se aquele pequeno encontro não bastasse ela teve algumas aulas com o: Don Juan. Aricia não sabia o nome dele, mas sabia que a forma que ele sorria, o tom da voz, o jeito de andar e de olhar para, qualquer menina, o faziam parecer um Don Juan pegador de mulheres. E ele parecia amar isso.

Já fazia uma semana que ela estava naquela escola. Ainda não estava acostumada com
NACIONAIS - ACHERON

nada e nem mesmo tinha colegas, nem mesmo sabia se queria ter colegas.

— Hey. — Aricia estava lendo um livro e com fones de ouvido. Viu uma mão tocar em sua perna. Odiava quando alguém lhe tirava do seu mundo particular. Aricia retirou um fone e olhou a menina que estava na sua frente. Cabelos claros, olhos claros e sorriso simpático. — Você não gostaria de fazer teste para o time das líderes de torcida?

— Achei que como as aulas já começaram o time já estava formado.

— Formado está, mas você é alta e tem o corpo atlético. Estamos precisando de pessoas assim. Você torcia antes?

— Não. — e ela não estava mentindo. Seus hobbies eram desenhar e ler.

— Você gostaria de tentar?

Não. Essa era a verdade. Mas se ela não tentasse seria mais um dia de briga em sua casa com sua mãe. Já estava cansada disso.

— Posso tentar.

— *Então vamos. — a menina em sua frente parecia completamente animada. — A propósito me chamo Cloe.*

— *Aricia.*

— *O que você fazia na sua outra escola?*

— *Clube do livro e presidente do jornal da escola. Nada demais. — Aricia deu de ombros.*

— *Nada de ginástica?*

— *Nada. — Cloe sorriu e Aricia deu um falso elevar de lábios. Não estava aceitando aquilo porque queria e sim porque precisava.*

Aricia caminhou em silêncio ao lado da menina chamada Cloe, enquanto Cloe contava tudo o que acontecia na escola e o que todos estavam pensando da chegada dela.

— *E então?*

— *Hum? — Aricia tinha desistido há muito daquela conversa. Estava imaginando um desenho quando foi interrompida.*

— *Festa na minha casa hoje de noite você vem?*

— *Posso tentar.*

— *Você gosta disso, não é?*

— *Do quê?*

— *Responder que pode tentar.*

— *Mas é a verdade. Vai depender do humor da minha mãe, mas eu realmente posso tentar. Só me passar o endereço.*

— *Vou fazer melhor. — Cloe era somente animação. — Vou pedir que lhe busquem. Pode ser?*

— *Pode ser.*

— *Chegamos. Meninas! — Cloe bateu palmas chamando atenção das meninas que estavam no campo. Atrás delas estavam um grupo de meninos treinando algumas jogadas de futebol americano. O menino que havia mexido com ela estava lá. Sem camisa. Com sua pele negra exposta e suada. Ele não negou que estava olhando para ela assim como Aricia não negou que também estava o olhando. — Essa é a Aricia e ela fará parte do nosso time. — Cloe tocou no ombro dela quebrando o olhar que estava tendo entre os dois. — Ela não sabe nada de ginástica, mas acredito*

que saiba dançar. Quero todo mundo a tratando bem e vamos ensaiar.

Não era o que ela estava esperando. Não era mesmo. Esperava que as meninas fossem metidas e completamente sem noção, mas todas a receberam muito bem e foram gentis. Ela quem estava sendo a pessoa antissocial ali, como sempre. Depois de quase duas horas de treino e algumas risadas, Aricia estava suada e se sentindo feliz pela primeira vez em uma semana naquela escola.

— A Patricinha sabe mexer, hein Cloe. — Aricia viu o desconhecido se aproximar.

— Você estava treinando ou olhando o rebolado dela, Derek? — então o nome dele era Derek?

— Os dois! Esse par de pernas que ela tem me fez perder algumas jogadas hoje.

Cloe riu, mas Aricia o olhou em desafio o que foi retribuído na mesma proporção.

— Então já sei quem irá busca-la mais tarde.

— Não precisa. — Aricia foi rápida em sua

resposta. — Darei um jeito de aparecer.

— Eu busco, Patricinha.

— Eu dou um jeito, Cloe.

Aricia estava ciente sobre o chão e tudo ao seu lado em um momento e no outro a única coisa que fazia sentido era que, Derek, estava com as duas mãos em sua cintura e havia mordido o lóbulo da sua orelha. A voz dele era rouca e completamente sexy, e sim, Aricia sentiu as pernas tremerem.

— Eu busco você, patricinha. Será uma honra.

E tão rápido quanto ele havia aparecido ele se foi. Gritou para que Cloe mandasse o endereço dela depois e Aricia estava completamente sem chão.



— Aonde é essa festa mesmo?

— Na casa de uma menina que eu conheci

hoje na escola. Já disse que entrei para o time de torcida.

— Você fez o quê? — sua mãe parecia completamente surpresa com aquilo.

— Em que mundo você estava quando eu contei sobre isso? Falei no jantar.

— Tenho coisas mais importantes para pensar.

— Pois é, não é exatamente a minha culpa então.

Aricia colocou o vestido e soltou os cabelos que estavam presos. A maquiagem já estava feita e ela nem mesmo sabia se o tal do Derek apareceria, mas ela estava pronta.

— Você realmente fez amigos?

—Tentando. — Aricia passou um leve batom nos lábios e colocou os brincos.

— Tem um cara chamado Derek aí. — sua irmã Aline estava na porta do quarto a chamando. Aline era mais nova e parecia entediada em dar aquela notícia.

— Já estou descendo.

Aricia se olhou mais uma vez no espelho e respirou fundo. Estava vestida de uma forma simples, mas estava bonita. Se sentia bem. Ela era alta, morena, cabelos castanhos e cacheados, olhos verdes e boca carnuda. Uma bela adolescente que se tornaria uma linda mulher.

Mais uma olhada no espelho, pegou a bolsa com as suas coisas e saiu do quarto.

Um carro estava parado na frente da sua casa. Som alto, carro rebaixado e Derek no volante parecendo ser o dono do mundo.

— Patricinha.

Aricia revirou os olhos e entrou no carro. Não queria observá-lo, mas seus olhos lhe traíram. Fingindo olhar para o outro lado da rua, Aricia deixou que os seus olhos caíssem sobre o corpo do garoto que estava ao seu lado. Assim como ela, Derek um dia tornar-se-ia, um belo homem. Ele estava de calça jeans, camisa de gola V da cor cinza e tênis brancos. Os braços musculosos, pelo esporte praticado, estavam a mostra lhe dando uma bela visão.

— Gosta do que vê?

NACIONAIS - ACHERON

— *Estou olhando para a rua.*

— *Não, você está olhando para o meu corpo.*

— *Você é sempre assim?* — *Aricia cruzou os braços sobre os seios.*

— *Lindo e gostoso?*

— *Prepotente e arrogante?* — *ele riu e Aricia não podia negar que o som da risada era gostosa. Ela tentou o seu melhor para que Derek não a visse rindo e conseguiu.*

— *Isso é você quem está dizendo, Patricinha. As meninas geralmente me acham o foda.*

— *Elas, com certeza, não têm muito com quem comparar.*

E ele estava rindo de novo, mas dessa vez, Aricia acompanhou a risada. Os olhares dos dois se encontraram e foi impossível não sentir a conexão que cresceu entre os dois naquele momento. Aricia desviou o olhar rapidamente e Derek aumentou o volume da música. O resto da viagem os dois foram completamente calados.

Cerca de alguns minutos depois, Derek estava entrando em uma casa que mais parecia uma mansão. Estava cheia de carros, a música tocava a todo vapor e jovens apareciam de todos os lados. Quase todas as meninas, ou estavam de biquíni ou estavam de short, e naquele momento Aricia percebeu que havia se arrumado demais.

— É uma festa na piscina? — questionou enquanto descia do carro.

— Não necessariamente. Sutiã e calcinha não contam como biquíni, Patricinha.

Derek acionou o alarme do carro e fez sinal para que ela o seguisse.

Como Aricia havia previsto a piscina estava cheia. As pessoas estavam dançando e tomando banho, bebendo e realmente se divertindo. Na sua outra escola as festas não eram daquele jeito. As pessoas pareciam ser mais contidas, cada um queria ser melhor que o outro e no final ninguém realmente vivia.

— Você veio! — Aricia foi pega de surpresa quando foi abraçada por Cloe. Assim como ela, Cloe estava de vestido e isso acalmou Aricia.

NACIONAIS - ACHERON

— *As bebidas estão naquela mesa assim como a comida. Fique à vontade.*

— *Obrigada.*

— *Eu... — Cloe apontou para um garoto que estava logo atrás dela e Aricia assentiu.*

Estava tentando se enturmar, mas estar em uma multidão não era realmente o seu forte. Nunca havia sido

— *Nunca diga que não lhe dei nada. — Derek estava parado em sua frente segurando um copo de cerveja na mão.*

Apesar do lado arrogante, Derek tinha o seu lado encantador e esse lado encantador aparecia ainda mais quando ele sorria. O sorriso de dentes brancos e covinhas dava um contraste com a pele negra dele. Sim, ela estava o admirando assim como qualquer garota que passava por ele. Sim, ela sabia que até o final da noite aquela pequena troca de olhares terminaria em beijos.

— *Obrigada.*

— *Você é linda, sabia?*

Aricia sorriu e bebeu da sua cerveja.

— Isso costuma funcionar com todas? Somente isso e pum! Elas ficam com você?

— Não. — ele bebeu da cerveja dele e se aproximou mais. — Eu nem mesmo preciso falar.

Aricia gargalhou revirando os olhos.

— Você realmente se acha, não é?

— Eu sou, eu não me acho.

— Essa também costuma funcionar?

— Já disse que não preciso falar. — Derek bebeu mais de sua bebida. — Até agora você é a garota que eu mais conversei e mesmo assim eu nem mesmo sei se quero ficar com você.

Direto ao ponto.

Que bom seria se todos os garotos ou homens fossem daquele jeito e não enrolassem as mulheres. Lhe fazendo promessas vãs que não as cumpririam de forma alguma.

— Gostei da sinceridade. — Aricia piscou para Derek.

— Ganhei pontos?

— Veremos até o final da noite.

Dias atuais...

— Ahhh. — Aricia gritou jogando as coisas que estavam sobre sua mesa ao chão. Seus desenhos, seus portfólios, seu estojo. Tudo, somente seu computador se salvou e foi porque duas batidas na porta a impediram de acabar com a máquina.

— O que aconteceu? Você entrou sorrindo e confiante naquela sala e saiu como se tivesse visto o diabo. — Elaine, sua secretária e amiga, parecia assustada.

Aricia já estava chorando, mas tudo por causa da raiva que estava sentindo de Derek naquele momento. Falta de sinceridade nunca foi o problema dele, isso ela não podia negar.

— Por que ninguém me avisou que *Derek Holt* era uns dos novos donos da empresa?

— Eu lhe dei uma pasta com documentos de todos, Aricia. Você disse que estudaria.

— Não tive tempo, Gabe ficou doente e

acabei esquecendo.

— O que aconteceu?

— Derek Holt é um filho da mãe desgraçado que eu tive o desprazer de conhecer no meu passado e agora voltou.

Aricia secou as lágrimas de qualquer jeito do rosto e passou a catar as coisas do chão.

— E?

— E que agora ele é uns dos donos da empresa e não me quer como design. Deixou isso bem claro, e...

— Espera aí.... Esse homem está louco? Você é uma das nossas melhores designers, ele não pode simplesmente lhe mandar embora.

— Ele pode, e mesmo se não pudesse eu não ficaria aqui, e...

Mais duas batidas na porta impediram de Aricia continuar seu discurso. Sr. Faris estava parado a porta com um sorriso sem graça. Sr. Faris era uns dos mais antigos acionistas da empresa e o que continha mais ações até onde, Aricia, sabia.

— Sr. Aguiar, sinto muito pelo que
NACIONAIS - ACHERON

aconteceu. Percebemos que você e o senhor Holt possuem um passado pendente e não queremos perdê-la e nesse momento precisamos do Sr. Holt, então gostaríamos de pedir que você volte para sala de reuniões, por favor.

Pensar... ela precisava pensar.

O que faria sem aquele emprego?

O que faria para sustentar Gabe?

Como trabalharia com Derek depois de todos aqueles anos?

— Sr. Aguiar?

— Me dê um minuto Sr. Faris e eu logo estarei lá, só preciso me recompor.

Aricia podia ver o alívio nos olhos do homem.

— Tudo bem.

Assim que estava sozinha com sua assistente Aricia respirou fundo e afundou o corpo na cadeira, o único objeto que ainda estava no lugar depois do furacão Aricia ter passado.

— O que vamos fazer? — Elaine estava parada na ponta da mesa.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu preciso desse emprego, mas a vontade que tenho é de matar aquele homem! Aí que raiva!

— O que ele fez, *mana*?

— Ele foi o culpado pelos melhores e piores momentos da minha vida.

— *Viada*, esse homem é do babado, então.

Aricia riu. Não tinha como não ri quando Elaine, ou Lane como ela a chamava, começava a falar daquele jeito.

— Preciso ir. — Aricia ficou de pé e começou a catar os papéis que estavam espalhados. — Pedi um minuto ao Sr. Faris e preciso ir.

— Isso. — Lane a segurou pelos ombros. — Pense positivo, não olhe para ele e dará tudo certo!

Só que não olhar para Derek Holt era meio impossível. Se o homem já era bonito quando era um garoto, agora que ele estava um homem, ele estava ainda mais lindo. Aricia seguiu o corredor que levava a sala de reunião e parou com a mão na maçaneta prata e respirou fundo antes de empurrar

a porta e entrar. Todos estavam em silêncio. Derek estava mexendo no celular e elevou os olhos quando ela entrou na sala.

— Desculpe a demora, novamente. — Aricia escolheu a primeira cadeira que tinha e infelizmente ficava de frente para o Derek. — E desculpe pelo *show*.

Derek riu baixo chamando a atenção para ele.

— Ela é craque em fazer show, pessoal. Sua segunda formação.

— Sr. Holt, por favor, você disse que colaboraria conosco.

— Estou colaborando, Farias. Se eu não estivesse colaborando você saberia.

— Muito bem... está claro que a empresa precisa de ambos, mas também ficou claro que vocês precisam resolver algo do passado. O que preciso saber é: Eu posso ficar descansado que as coisas irão se resolver?

— *Da minha parte está tudo certo.*

Foi à vez da Aricia sorri, pois ela já havia

ouvido aquilo.

Alguns anos atrás...

— Só você mesmo para me fazer fugir pela janela meia noite, Derek. — Aricia bateu as folhas que estavam em seu short e entrou no carro. — Abaixa o som desse carro, Derek.

— Patricinha você mora em um condomínio de luxo. — Derek parecia completamente impressionado com as casas em sua volta. — Por isso você não queria que a buscasse aqui, não é?

— Não. — Aricia bateu a porta do carro. — Eu não queria que você me buscasse porque se a minha mãe me pegar eu estou completamente ferrada, agora cala boca e anda logo com esse carro.

Aricia ainda estava completamente desesperada quando Derek deu a risada a qual ela já estava completamente apaixonada e a puxou para um beijo. No começo ela estava assustada, queria logo sair dali. Sua mãe podia acordar a qualquer

momento e o plano dos dois de passarem a noite na rua seria jogado por água a baixo, mas não tinha como resistir aquele beijo que ela havia aprendido a apreciar. Antes que Aricia pudesse perceber, ela já estava completamente entregue ao beijo. Tendo as mãos de Derek em seu corpo, em cada curva saliente, a apertando e deixando claro quem ele realmente era. O garoto da periferia por quem ela estava começando a ter sentimentos.

— Agora vamos.

Depois do beijo que deixou Aricia desnorteada e com os cabelos desarrumados, Derek deu partida no carro e seguiu pelas ruas do condomínio e em direção da saída.

— Aonde você me levará?

— O que foi que combinamos? — Derek tirou uma mão do volante e levou a livre para segurar a mão livre da Aricia.

Depois da festa da piscina na casa da Cloe os dois estavam se encontrando já fazia três semanas, claro que o relacionamento não estava definido, mas estava favorável para as duas partes, então, enquanto tudo estava seguindo bem os dois

NACIONAIS - ACHERON

estavam bem.

— Que ficaríamos juntos. — Aricia respondeu.

— Sim, que eu a trabalharia mais essa semana e que levaria a minha Patricinha para um lugar especial e faria uma noite especial para ela. Por quê? Você desistiu?

— Não. — Aricia sorriu.

Ela realmente não havia desistido. O único medo dela era a tão temida e perigosa paixão. Derek era um garoto incrível, alguém por quem ela, em um futuro, se via completamente apaixonada. Era daquilo que Aricia tinha medo.

— Só queria saber se estava tudo certo.

— *Dá minha parte está certo.*

Não estava nada certo, aí que estava o grande problema.

Aricia respirou fundo e colocou o seu melhor sorriso nos lábios antes de abrir a porta do apartamento. Seu pequeno e magnífico filho não tinha culpa que as coisas na empresa estavam de cabeça para baixo. Gabriel, ou Gabe, como carinhosamente as pessoas mais chegadas o chamavam.

— Mama. — Aricia sorriu ao ver Gabe correr em sua direção.

Por mais que ela não quisesse, Gabe era a junção perfeita entre ela e Derek. O menino tinha a cor da pele do pai, o jeito do Derek e os olhos dela. A perfeição. De tudo que ela havia vivido ao lado do Derek, Gabriel tinha sido a melhor coisa que Derek tinha lhe dado.

— Oi meu bebê. — Aricia colocou as bolsas no chão e se abaixou para pegar o filho. Ela não estava no seu melhor humor. Olhando Gabe naquele momento, ela só queria chorar, mas não

faria aquilo, não na frente dele. — Como foi o seu dia?

— Boa noite, Aricia. — Aricia sorriu ao ver Drika, a babá de Gabe, vir da cozinha com a refeição do Gabe em uma bandeja. — Eu darei a refeição dele e logo o banho.

— Pode deixar que eu dou o banho dele, Drika. Só dê a comida dele enquanto eu tomo um remédio para dor de cabeça e mudo de roupa está bem?

— Está tudo bem?

— Sim. — Aricia sorriu dando um beijo na testa de Gabe. — Mamãe já volta está bem?

— Tá bom, mama.

Aricia o colocou no chão, pegou suas coisas e seguiu em direção do quarto no seu apartamento. Depois de quase dois anos morando longe de Roadland, a cidade que ela aprendeu a amar como sua, ela estava de volta. Estava pronta para ter uma vida bem-sucedida, mas a vida não pretendia ser bem generosa com ela. Não depois de tudo que ela tinha passado naqueles dois anos.

Ela entrou no quarto e colocou as coisas do trabalho sobre a cama e retirou os sapatos e naquele momento as lágrimas que Aricia estava tanto segurando começaram a cair. Sim, a felicidade que ela estava sentindo havia sido transformada em pura tristeza. Seu coração estava clamando por socorro naquele momento, sua vida estava clamando por socorro naquele momento. A vontade que ela tinha era de gritar! Aricia ficou de pé pegando o copo que ficava ao lado de sua cama e o remédio que estava dentro da gaveta e seguiu para o banheiro, pegou um pouco de água e tomou dois remédios. Se eles a ajudassem dormir de noite seria como um bálsamo.

Ela voltou para o quarto, retirou a roupa que havia usado o dia todo e colocou um short e uma blusa, chinelos, amarrou os cabelos e seguiu para a sala. Como sempre a imagem era a mesma de todo dia. Gabe estava sentado no sofá assistindo um desenho enquanto Drika lhe dava de comer. Gabriel estava completamente concentrado no desenho. Aricia sorriu e seguiu para cozinha para pegar alguma fruta, qualquer coisa. Não que estivesse

realmente com fome, mas precisava andar, pois sua cabeça estava explodindo e sua mente fervilhando de pensamentos.

Como Derek havia chegado até sua empresa? Como ele era um dos donos naquele momento? Aquele mundo ou era pequeno demais ou o destino era um belo de um filho da mãe. Aricia voltou da cozinha e Drika estava finalizando o jantar de Gabe.

— Eu termino aqui, Drika. Pode se arrumar para ir embora, eu assumo esse *gigante* a partir de agora.

Drika sorriu dando um beijo nos cabelos de Gabe que nem mesmo prestou atenção no gesto de carinho da babá.

— Qualquer coisa pode me chamar, Aricia.

— Eu sei disso, muito obrigada. Até amanhã.

— Até.

— E aí, campeão? Como foi o seu dia?

Aricia passou a dar de comer ao seu filho

sentindo um pouco de alegria entrar em seu coração quando Gabe lhe deu um sorriso cheio de comida e passou a relatar como havia sido o seu dia. Sim, era aquilo que importava. Era por causa do Gabriel que ela lutaria até o fim e suportaria estar na presença do homem que ela mais odiava na vida.



Derek levou o copo de bebida aos lábios e mirou a foto que estava em suas mãos. A mulher, ou melhor, a pessoa na foto ainda era uma menina. Os lábios carnudos, os olhos claros, os cabelos cacheados e o sorriso lindo. Nada havia mudado, ou melhor, agora ela era uma mulher ainda mais linda. Independência gritava por todos os seus poros, assim como raiva por sua pessoa.

Aricia estava completamente diferente. Não fisicamente, mas emocionalmente. Ele podia sentir que em nada ela parecia a menina por quem ele se apaixonou um dia, a menina por quem ele resolveu fazer várias besteiras para dar uma boa vida. Claro que ele não seria mentiroso, ele pensou somente

nele e suas vidas tomaram rumos diferentes, mas no começo tudo foi por ela.

Mãos tocaram seus ombros nus e ele não precisava nem mesmo olhar para saber quem era. Aquele toque já era conhecido em seu corpo. Tara. Sua garota preferida e inexplicavelmente, uma garota fisicamente parecida com Aricia. Derek sempre achou que seu amor por Aricia havia sido superado, mas depois do pequeno grande encontro entre os dois mais cedo, por mais que o mafioso tentasse, seu coração foi parar em sua garganta.

— Seus ombros estão tensos.

— Eu estou tenso. — Derek respondeu bebendo mais de sua bebida. Seus olhos sobre a figura de Aricia na foto.

Na foto ele estava a beijando enquanto ela sorria. Ela era linda.

— Que foto é essa? — Tara tentou pegar a foto e Derek ficou em pé a empurrando sobre a cama com força.

— Quantas vezes eu tenho que dizer que odeio quando você pega as minhas coisas sem

permissão?

— Que foto é essa, Derek? Que mulher é essa?

Derek sorriu. Sim, Tara compartilhava da sua cama, da sua mesa e de algumas coisas da sua vida e aquilo, com certeza, fez com que ela se achasse alguém importante em sua vida, contudo, ela não era.

— Acho melhor você dormir no outro quarto hoje.

— Só por que eu peguei nessa foto velha?

— Não. — Derek virou completamente sério. — Porque olhar para sua cara e ouvir a sua voz está me irritando e porque eu quero dormir sozinho. Então, sai da minha cama agora, Tara.

— Você está brincando, não é?

— Estou com cara de quem estou brincando?

Ela ainda demorou um pouco, mas finalmente ficou de pé e saiu do quarto o deixando sozinho. Derek guardou a foto dentro do bolso da calça e pegou o celular discando o número do seu

subchefe. Por ser novo na cidade, Derek ainda não tinha um escritório e nem mesmo um galpão para reunir os seus homens e quando precisava desse tipo de reunião, eles se encontravam em seu apartamento ou até mesmo em algum restaurante. Mas ele estava certo que fixaria residência em Rodland, então, precisava rapidamente arrumar as coisas para o seu lado.

— Pode falar, chefe.

— Paul. — Paul era o seu subchefe. Paul era um cara alto, forte, loiro e que colocava medo em qualquer pessoa.

— Preciso que você pegue alguns homens e faça uma pesquisa de área. Quais são as máfias que vivem no local, quais são as ligações delas com a cidade, seus chefes e subchefes, tudo! E preciso que você encontre uma mulher chamada Aricia Aguiar. Preciso saber tudo sobre ela.

— Tara sabe disso? — Paul estava rindo do outro lado da linha e Derek foi obrigado a fazer o mesmo.

— Tara logo saberá que ela nunca foi a única, ou melhor, ela nunca foi ninguém.

NACIONAIS - ACHERON

Derek jogou o celular sobre a cama e pegou novamente a foto. Nunca pensou que seguiria esse rumo em sua vida e que suas escolhas o tornariam um Chefe de uma máfia. Mas sim, ele agora era *Dom* de uma máfia. Depois de anos sendo soldado, passou pelo caporegime, foi subchefe e agora ele estava no cargo que sempre almejou, mas que nunca pensou que chegaria. Contudo, aquele sucesso havia vindo cheio de perdas e Aricia e Gabe eram umas dessas grandes perdas. Uma perda que ele achava que tinha superado, porém o acontecido entre eles tinha deixado claro que não era bem assim. Aricia mexia muito mais com ele agora do que no passado.

Seu celular tocou sobre a cama e o nome do seu subchefe estava aparecendo na tela.

O que ele não pedia para Paul que seu subchefe não fazia em segundos?

— Estou ouvindo.

— Acho que o fuso horário não me fez perceber que eu já conhecia esse nome. Por que eu estou pesquisando sobre ele até aqui em Roadland?

— Porque ela está nessa cidade.

NACIONAIS - ACHERON

— Mas nossa última atualização nos apontou que ela estava em Londres. E continua apontando isso.

— Também achei, mas estive pessoalmente com ela na empresa que comprei. Ela voltou para cidade assim como eu. E isso só pode significar uma coisa.

— Que preciso matar quem passou a informação errada. — Paul praticamente rosnou do outro lado da linha. — Odeio amadores.

— Também, mas isso significa que tenho a chance de me aproximar do meu filho.

— Ela nunca deixará você se aproximar, Derek. Eu cresci com você na máfia. Ela te odeia pelo o que você fez.

— Eu não a quero! Só quero conhecer o meu filho.

— Essa é a sua desculpa agora, uma desculpa muito perigosa por sinal, pois sabemos que temos inimigos e trazê-los para a sua vida nesse momento é arriscado.

— *Que inimigos?* — Derek riu e ouviu a

baixa risada do Paul do outro lado da linha. — Eu sou um simples empresário do ramo de joias, eu não tenho inimigos.

— Não tem poucos, não é? Mas você quem sabe. Amanhã eu apresento todas as informações.

— Sempre competente.

— Se fosse incompetente eu seria você. — Derek sorriu e finalizou a ligação.

Paul era uns dos poucos que ele podia confiar. Até mesmo seus seguranças, Derek confiava desconfiando. Haviam muitos homens que não o queriam no poder. Aquela máfia não era dele, ou melhor, não deveria ser dele. Vários homens tinham morrido para que Derek estivesse naquela posição e nem todos concordavam com aquele cargo, Paul estava certo, todo cuidado era muito pouco.

— Merda. — Derek seguiu para o pequeno bar que ele tinha no seu quarto.

Seu apartamento era novo, tudo ali era completamente novo. Sua liderança em uma máfia era uma coisa nova em sua vida. Contudo, a vida

estava lhe mostrando que traria coisas do passado para o presente e o futuro que ele estava planejando.



— Pode entrar — Aricia elevou os olhos para a porta e teve a visão de Elaine com dois copos de café nas mãos. — Salvou a minha manhã.

— Eu sempre salvo a sua manhã, *mana*. — Aricia sorriu pegando o copo com café e assistindo sua amiga/secretária sentar na cadeira que estava vazia bem na sua frente. — Você está melhor?

— Passei a noite toda rolando pela cama e pensando como será a minha convivência com esse homem dentro dessa empresa.

— Quem é ele?

— Pai do Gabe.

— *Viada!* — Lane levou a mão sobre a boca e arregalou os olhos. — Achei que o pai do Gabe estivesse morto.

— Está morto para mim, ou melhor, estava.

— Céus! Como viver com isso?

— Exatamente! Como viver com isso? Ele ainda é um dos donos da empresa. Não sei o que a vida está aprontando comigo. Só espero que não tenha nada a ver com o Gabe.

— Falando no Gabe, você ainda fará a festa de aniversário dele?

— Claro que sim! Meu filho merece toda festa do mundo. Você conseguiu ver o que lhe pedi?

— Sim, vou lhe enviar por e-mail os valores de tudo.

— Muito bem. — Aricia respirou fundo recuperando os pensamentos. — Vamos a agenda de hoje.

Elaine soltou o copo de café e pegou o tablet que já estava sobre a mesa.

— Boa ou má notícia primeiro?

— Eu tenho até medo disso, mas vamos de boa.

— Boa notícia é que seus desenhos foram
NACIONAIS - ACHERON

aprovados. A nova linha será lançada com o seu nome!

— E a má notícia?

— Derek Holt quer almoçar com você.

— Não.

— Ele não fez um pedido. Ele disse... Aí Céus, ele meio que ordenou e eu fiquei meio com medo. Se eu soubesse que ele era o pai do Gabe, eu teria...

— Tudo bem, Lane.

— Desculpe, *mana*.

— Tudo bem.

Depois de alguns minutos de silêncio, Elaine continuou falando o que elas tinham na agenda. Não havia nenhum compromisso importante, somente o almoço e nem era importante e muito menos um compromisso. Elaine saiu da sua sala a deixando sozinha e não lhe restou muito a fazer do que desenhar e esperar a hora do almoço.

Já passava das duas da tarde quando as portas do elevador se abriram revelando uma Aricia

NACIONAIS - ACHERON

que parecia cansada fisicamente. Ela havia enrolado o máximo possível aquele pequeno encontro que estava prestes a ter com Derek Holt. Nada daquilo estava em seus planos.

— Srta. Aguiar?

Aricia parou assim que saiu do elevador. Havia um homem loiro, alto, forte, cabelos longos, olhos azuis e usando um terno. Se ela não soubesse que já passava das duas da tarde poderia até dizer que estava sonhando com algum tipo de deus e um deus céltico ou nórdico. O homem era muito grande.

— Sim.

— Sr. Holt está lhe esperando no carro há algum tempo já.

— E você é?

— Sou um dos seguranças dele.

Aricia sorriu, mas seu sorriso era de puro deboche. Aquele mundo estava completamente mudado. Derek, o menino da periferia da cidade agora era rico, dono de uma empresa e tinha segurança. Ainda bem que seu arrependimento era

ter o conhecido e não por tê-lo desprezado.

— Achei que a minha demora o faria ir embora.

— Sr. Holt não desiste fácil.

— Com certeza não conhecemos o mesmo Derek, *grandão*.

Aricia passou pelo imenso homem que estava na sua frente e seguiu para fora da empresa colocando o óculos escuro. Havia um carro sedan preto parado bem na frente da empresa. Até os vidros estavam completamente escuros e ela sabia que pertencia ao Derek, pois ela ainda conhecia os gostos e desejos do homem que um dia ela amou. Derek almejava a grandeza. Dizia almejar isso por ela, mas no fundo sempre foi pelo o seu bem maior.

— Com licença. — o enorme homem a abriu a porta do carro e Aricia entrou.

Derek estava sentado, um braço apoiado na perna e a mão sustentando o queixo. Ele não parecia com raiva e nem mesmo entediado. Derek a conhecia, sabia que essa seria a sua reação. Seus olhos estavam falando isso.

— Pretendia me deixar esperando o dia todo?

— Acho que a riqueza não tirou sua inteligência, não é?

— Sabe que ser paciente sempre foi uma virtude minha, não é?

— Não sei de mais nada sobre você, Derek Holt. Deixei de saber quem você era, quando você abriu a merda daquela porta e foi embora sem olhar para trás.

— Tudo aquilo foi preciso, *Patri...*

— Nem ouse em me chamar assim, Derek.
— Aricia podia sentir seu rosto queimar, mas de pura de raiva.

— *Como está o meu filho?*

— O meu filho está bem, eu não sei se você tem filho.

— Por favor, Aricia, já ficou claro que teremos que viver juntos aqui dentro. Guerra não levará a lugar algum. Por isso eu marquei esse almoço. Precisamos nos resolver.

— Acho justo! Precisamos nos dá "bem"
NACIONAIS - ACHERON

por causa dos negócios. Por ironia do destino você tornou-se a merda do meu chefe e eu lhe devo respeito, mas dentro da empresa. O que acontece fora da empresa ou na vida do Gabe. — Aricia não conseguiu ficar imune ao sorriso discreto que Derek deu a menção do nome do filho, — não é do seu interesse.

— É do meu interesse quando eu quero conhecer o meu filho.

Aricia literalmente gargalhou. Desde que Derek havia aparecido no dia passado ela não se expressava daquela forma. Lançando a cabeça para trás. Quando ela finalmente olhou para Derek ele estava hipnotizado a olhando.

— Você ainda é a coisa mais linda sorrindo.

— Estou surpresa que eu ainda consiga fazer isso. — Aricia parou de sorrir. — Você terminou o seu show? Eu posso ir?

— Eu sei onde você está morando, sei com quem o meu filho está ficando. — Derek deu de ombros. — Em resumo eu sei todos os seus passos.

— Isso é alguma ameaça, é isso?

— Não, isso é um aviso que cedo ou tarde eu estarei na vida de vocês!

— Você estava nas nossas vidas! Tínhamos toda uma vida juntos planejada e o que você fez? Você sumiu! Você simplesmente disse que precisava viver seus sonhos, que a vida que tínhamos não era o suficiente. — Aricia respirou fundo. — Eu estava grávida, esperando um filho seu! Alegria maior do que isso não podia ter! Abri mão de tudo por você, pelo falso amor que você jurava sentir por mim, mas você foi atrás de dinheiro, então não venha me ameaçar, Derek Holt, suas ameaças de merdas não surtem efeitos na minha vida, acredite. Não sou a mesma menina que você conheceu na escola! Você nunca chegará perto do meu filho.

Aricia levou a mão para abrir a porta e parou quando Derek a segurou. Quase três anos sem sentir aquele toque. Seu corpo todo tremeu, seu coração acelerou e sua respiração faltou. Óbvio que ela havia estado com outros homens, mas aquele toque, aquele mísero toque, seu corpo conhecia muito bem.

Corpo traidor!

Aricia pensou enquanto assistia Derek pegar a sua mão de forma lenta e apaixonada entre sua própria mão e analisá-la.

— Tudo continua a mesma coisa.

— Engano seu, *don juan*. — Aricia puxou a mão com força.

— Tudo mudou!

Aricia saiu do carro e bateu a porta com força.

— O almoço foi bom?

Sem medo ela elevou o dedo do meio para o segurança de Derek e ele piscou para ela sorrindo o que a deixou mais sem ar do que outra coisa.



Derek viu Paul abrir a porta do carro, entrar e sentar no local que a pouco Aricia estava sentada. O mafioso ainda estava segurando a própria mão e apreciando o pequeno contato que havia tido com a

NACIONAIS - ACHERON

Aricia.

— Ela é braba!

— Sim, ela sempre foi uma mulher de posicionamento, por isso eu me apaixonei por ela no passado.

— No passado? — Paul estava com um tom e um sorriso de deboche. — A forma que seus olhos estão brilhando, você ainda está apaixonado. Nunca deixou de amá-la. Se isso tivesse acontecido não a seguiríamos para todos os lados. A pergunta certa aqui é o que iremos fazer?

— Conseguiu as informações que lhe pedi?

— Consegui. — Paul respirou fundo. — Pesquisei afundo o que você pediu e... A cidade têm três máfias interligadas. Eles são praticamente donos de tudo.

— E provavelmente já sabem que estou na cidade.

— Sim! Aconteceram algumas coisas antes de chegarmos a cidade, e tudo agora é monitorado.

— Você marcou o encontro?

— Marquei. Estão nos esperando no
NACIONAIS - ACHERON

restaurante.

— Muito bem. Toque para o restaurante, então. Enquanto isso, conte-me mais sobre eles.

— Pode dirigir até o Velásquez restaurante, Michel. Bom.... Temos o Rex Colton e o seu subchefe Caleb Roriz, Henrico Velásquez e seu subchefe Lincoln Pierce e Sunny Anjos com o seu sub Quentin Maddox...

A viagem até o restaurante durou cerca de meia hora. Paul relatou tudo o que havia adquirido de informação a respeito das máfias que regiam três regiões do lado Norte da cidade de Roadland. Quando chegaram ao restaurante, Paul desceu primeiro para fazer a segurança do seu chefe, e liderou a passagem para Derek descer do carro. O restaurante estava vazio e tirando o fato de que haviam seis pessoas em seu interior e alguns homens no seu exterior, Michel desceu do carro e se posicionou do lado esquerdo de Derek.

— Sr. Holt?

— Sim.

— Bom... estão lhe esperando. — Derek

não sabia quem era o cara, mas não tinha dúvida que ele era algum soldado de alguma máfia.

O mesmo homem que o recebeu abriu a porta do restaurante para eles.

— Fique no carro, Michel. — ele só entraria com o Paul.

Graças às fotos que Paul havia lhe mostrado, Derek sabia quem era quem. Os seis estavam sentados cada um com o seu subchefe ao lado. Se ele, Derek, não estivesse acostumado com a pressão e não tivesse passado por várias situações perigosas na vida, diria que estar na presença daquelas pessoas era realmente uma situação de dar medo.

— Derek Holt? — um homem alto, forte e que mais parecia um urso ficou de pé.

— Henrico Velásquez.

— Você fez o seu serviço. — Henrico sorriu. Mas não era nada amigável. — Sente-se. — apontou para duas cadeiras que estavam vazias.

— Também fiz o meu serviço. Paul

Griggio. — Paul assentiu. O cara era um *Dom* e eles estavam na área deles. — Você deve saber quem são todos aqui.

— De certa forma.

— Muito bem. — Henrico sentou de novo. — A reunião é sua, Holt, mas me sinto na obrigação de avisar que ninguém está feliz aqui com a sua presença na nossa cidade.

— Eu imagino que não, Sr. Velásquez, mas depois de “fazer o meu serviço”. — Derek usou os dedos para subentender as aspas. — Eu entendi que em nada posso lhe atrapalhar.

— E o que faz pensar isso? — Derek desviou o olhar para a única mulher que tinha ali. Loira, linda, mas mortal. Seus olhos diziam isso.

— Srta. Anjos, o serviço de vocês me revela isso. Sua máfia é famosa por um serviço que eu nem mesmo tenho coragem de mencionar. — a mulher sorriu bebendo um pouco da sua água que estava em seu copo. — Sr. Velásquez, vende drogas e proporciona prazer, Sr. Colton é um matador de aluguel. Meus serviços são outros.

— O que você faz? — Rex Colton perguntou olhando diretamente em seus olhos.

— Diamantes! Sou o novo chefe da máfia. Muitos homens saíram quando eu assumi. Tenho poucos homens e só quero crescer.

— O que exatamente você faz? — Henrico estava no comando de novo.

— Faço contrabando de diamantes. Adquiri pouco tempo uma empresa e estou investindo tudo o que consegui nessa empresa.

— Como você pretende colocar esses diamantes na cidade sem que seja interceptado? — Rex questionou.

— Essa é a parte que ele pede aliança, Rex. — Sunny riu.

— Essa é a parte que eu peço permissão para que as minhas cargas entrem pelo porto, Sr. Velásquez. Não quero aliança.

— Mesmo porque não queremos aliança com você. — Henrico foi rude, mas sincero. — Mas posso pensar sobre lhe deixar usar o meu porto por uma boa porcentagem mensal paga em dia.

— Podemos conversar sobre isso.

— Muito bem. Conversarei com todos e envio a resposta para o seu subchefe.

Derek ficou de pé e Paul fez o mesmo.

— Ficarei no aguardo.

Não estava com confiança de virar as costas para ele, mas assim ele fez. Tendo Paul apreensivo ao seu lado, os dois deixaram o restaurante sem ter a certeza do que realmente os esperava daquele pequeno pedido.

3

Aricia respirou fundo, e entrou no e-mail que Elaine havia lhe enviado. Sua amiga e secretária tinha pesquisado tudo o que Aricia precisaria para fazer um ótimo aniversário de dois anos para Gabriel. Era muito bom ser bem-sucedida. Seus desenhos haviam sido aprovados, o que lhe renderia uma coleção de joias em seu nome, uma ótima comissão e um belo aniversário para Gabe. O celular de Aricia vibrou sobre a mesa vendo que era a mensagem de Cloe, sua amiga e madrinha de Gabe.

Cloe: Quero saber sobre os preparativos do aniversário do meu afilhado. Estou sem notícias suas e isso me preocupa. O que está acontecendo?

Aricia: Desculpe, Cloe. Derek, isso mesmo que você leu. Derek está na cidade e a minha vida

virou de cabeça para baixo. Mas estou precisando de ajuda para o aniversário do Gabe.

Cloe: Podemos sair para almoçar hoje?

Aricia: Te espero as 14hrs na frente do meu prédio.

A porta abriu e Aricia viu Lane passar pela porta, como sempre sua amiga estava com o tablet em baixo do braço e dois copos de café na mão.

— Bom dia, Ari. Como foi sua noite?

— Perfeita como sempre ao lado do meu Príncipe. Então, me dê boas notícias.

— Tenho ótimas notícias para você. — Elaine puxou a cadeira que estava na sua frente e Aricia pegou o copo de café que ela estava lhe oferecendo. — A produção da sua coleção começa hoje e o prazo para que tudo esteja pronto é daqui a três meses.

— Sr. Faris ordenou isso? — o sorriso de Elaine sumiu e Aricia sorriu de forma debochada.

NACIONAIS - ACHERON

Sr. Faris em nada tinha a ver com aquela decisão.
— Eu sabia.

— A ordem veio dele, mas acredito que não tenha sido ele que realmente decidiu isso.

— Vou ter que viver com isso até quando?
— Aricia jogou o corpo para trás sobre a cadeira reclinável. — Tenho que trabalhar com um homem que eu odeio e que acha que o seu poder pode me conquistar.

— Esquece ele, e se liga na sua agenda.

Lane virou o tablet na sua direção e o nome de um conhecido estava em sua lista. Já havia desenhado um anel para ele e aquela visita era inesperada.

— Rex Colton?

— Sim. — os olhos de Lane brilharam. — Ele é o seu primeiro cliente e já está aí e ele é...

— Eu sei. — Aricia respirou fundo. O noivo de Aix Hine era simplesmente esplendido. — O mande entrar e depois vá passando os outros clientes que for chegando.

— Mandarei.

Aricia assistiu sua amiga deixar a sala e logo depois Elaine voltou acompanhada de *Rex Colton*. Ele estava vestindo um terno preto, com gravata preta e um lenço preto no bolso. O homem estava sério como sempre e Aricia se sentiu completamente intimidada em estar em sua presença.

— Bom dia Sr. Colton.

— Bom dia Srta. Aguiar, muito obrigado por me receber.

— Eu não sabia que você estava na minha lista de clientes. Alix não falou nada. Sente-se.

Rex puxou a cadeira e se sentou.

— Algo para beber?

— Estou bem.

— Estamos bem, Elaine.

— Com licença. — Lane saiu e fechou a porta delicadamente.

— Em que posso ajudá-lo?

— Primeiro de tudo, Alix não pode saber que estive aqui. — Aricia passou o dedo sobre os lábios simulando um zíper e Rex sorriu com seu
NACIONAIS - ACHERON

gesto. — Segundo, eu gostaria que você confeccionasse o meu anel de casamento com a Alix. E quero algo realmente único e intenso como somente a Alix sabe ser. Eu sei que você desenhou o anel de noivado dela, mas eu gostaria que o *nosso* anel de casamento fosse algo único.

— Seu pedido é uma ordem.

Aricia pegou o seu caderno de desenhos e passou a fazer perguntas a Rex. Ela faria as melhores alianças já criadas e deixaria sua colega Alix de queixo caído.



Derek dobrou no corredor e parou no exato momento em que viu Rex Colton deixando a sala de Aricia e a forma sorridente a qual ela se despedia dele o deixou completamente incomodado. Assim que Rex entrou no elevador, Derek caminhou rapidamente antes que Aricia fechasse a porta.

— Quem era o homem?

— Um cliente. — Ela respondeu lhe dando
NACIONAIS - ACHERON

as costas e entrando na sala. — Ainda bem que você apareceu, eu...

— Você sabe quem é esse homem?

Aricia cruzou os braços sobre os seios e arqueou a sobrancelha em questionamento.

— E você sabe cuidar da sua vida? Fiquei sabendo que a minha coleção começou a ser produzida e que daqui a três meses estará pronta. Uma coleção que não era para essa estação ainda. Quem você pensa que é?

— Só estou lhe ajudando. Faris não queria que a sua coleção fosse realizada agora e eu, que sou acionista majoritário, achei melhor começar a produção agora.

— Você realmente está se achando o cara, não é Derek? Não preciso da sua ajuda. Eu me virei sozinha esses dois anos, consegui o emprego em Londres e agora consegui esse ótimo emprego aqui sem que você colocasse o seu *dedo pobre* no meio. Não preciso de você e espero que isso fique bem claro.

Aricia passou por ele o carregando pelo

braço, sim ele estava deixando, pois naquele momento ele só queria saber como ela tinha contato com Rex Colton e o quanto à vontade aparentada estar na presença do mafioso. Aricia bateu a porta em sua cara e Derek respirou fundo antes de pegar o seu celular e discar o atalho do número do Paul.

— Estou ouvindo.

— Alguém entrou em contato com você? — Derek abriu a porta da sua sala e se jogou contra a sua cadeira reclinável. Aricia estava mais envolvida com problemas do que ele imaginava.

— Quem seria esse alguém?

— Henrico, Rex ou qualquer um desses homens que ficarão de nos dá a resposta.

— Não, mas acredito que eu receba ainda hoje a resposta deles. Falando nisso, estou vendo o local perfeito para montar o nosso escritório e você fazer a lavagem de dinheiro sem problemas. Pesquisei o que mais tem na cidade e o ramo imobiliário está em alta, acho que podemos esconder nossos negócios por trás disso.

— Precisamos primeiro da permissão do

Henrico para que os diamantes entrem na cidade, depois colocamos as coisas no lugar. Mas nesse momento eu quero saber por que a Aricia estava conversando com Rex Colton.

— Colton? O chefe da máfia Centro-oeste?

— Esse mesmo.

— Eu paro tudo que estou fazendo e já faço a minha pesquisa.

— Só seja discreto, Paul. Aricia já me odeia o suficiente para descobrir que estou seguindo-a.

— Pode deixar Derek.

O mafioso abriu a gaveta da sua mesa tirando de lá uma foto em que ele estava abraçado a Aricia. Ela estava grávida e ostentava uma, pequena, mas linda barriga. Ele já estava envolvido com a máfia quando ele tirou aquela foto. Aricia achava que ele estava fazendo faculdade e fazendo o seu melhor para se formar e ser um jogador de Basquete, mas as coisas não seguiram como Derek queria. As dificuldades apareceram, e a necessidade de se tornar adulto falou mais alto. Nunca achou que precisaria largar Aricia ainda grávida, mas a

segurança da mulher que ele amava e do seu filho sempre falou mais alto e quando Derek menos percebeu estava deixando o seu apartamento, Aricia e Gabriel para trás.

Muitas vezes o arrependimento batia. Quando ele sonhava em estar nos braços de Aricia, segurar o seu filho e viver uma vida feliz em família era quando seu coração mais clamava por suas decisões tomadas, mas quando Derek olhava para o futuro estável que ele estava planejando para Gabriel o arrependimento desaparecia. Certas escolhas pediam grandes sacrifícios. Derek guardou a foto dentro da gaveta e respirou fundo afastando todos os pensamentos de fraqueza que estavam em sua mente e voltou-se ao trabalho. Sua máfia era importante naquele momento e não Aricia.



— Seus pais estiveram na minha casa nesse final de semana.

Aricia estava sentada a mesa do seu
NACIONAIS - ACHERON

restaurante preferido e em sua frente estava Cloe, sua melhor amiga e comadre, já fazia um bom tempo que elas não se viam e era sempre bom estar na presença de amigos.

— E como eles estão? Preciso realmente falar com a minha mãe. O aniversário do Gabe está chegando e preciso da ajuda da Aline em algumas coisas.

— Eles estão bem, mas reclamaram que já faz um bom tempo que você não os visita.

— Muito trabalho. Farias resolveu lançar a linha de joias que desenhei para a próxima estação, e o que deveria ser algo calmo, será agitado. Tudo porque Derek acha que me deve algo.

— Derek Holt. O homem que é *dono do seu coração*.

As sobrancelhas de Aricia se arquearam na direção da amiga. Sim, seu corpo havia reagido na presença do Derek, não negaria que a noite passada havia sonhado com ele e que o fato de não estar com um homem por quase um ano estava deixando com os nervos à flor da pele, mas isso não significava que Derek era o dono do seu coração.

NACIONAIS - ACHERON

— Ficou louca? Você ainda nem bebeu e já está falando sandices.

— Ele é o pai do seu filho.

— Grande merda. — Aricia bebeu um pouco do seu suco e olhou as pessoas que estavam em sua volta. — Gabriel foi o que o Derek me deu de mais importante na vida. Estar com ele foi a pior burrada que eu fiz.

— Me diz uma coisa. — Cloe colocou um dedo sobre os lábios e Aricia sabia que sua amiga estaria aprontando para ela em sua pergunta. — *Nosso trovãozinho* é fruto do seu relacionamento com o *tosco* do Derek, como Gabe estaria aqui se não fosse pelo Derek?

— Você é louca, Cloe?

— Por quê?

— Você não gosta do Derek! Quando ele me deixou você foi a primeira a amaldiçoá-lo de todas as formas e agora você simplesmente quer que eu o perdoe?

— Eu quero que você *transe*. — Aricia lançou a cabeça para trás dando uma risada. Esse

era o jeito que ela sorria quando estava realmente com vontade de sorrir. — E acho que isso pode realmente acontecer com Derek.

— Acho que estou precisando sair, mas isso não quer dizer que precisa ser com o Derek.

— Você não deixa ninguém se aproximar. Derek você já conhece e...

— Seria um desastre estar com o Derek. Quando queremos somente algo físico, não podemos escolher uma pessoa que temos uma ligação. A regra é: *Pegar, mas não se apegar*. — Aricia piscou para a amiga e ficou em silêncio quando o garçom chegou com os seus pedidos. — Achei que você já tivesse aprendido.

— Depois você fala que ele ainda não é dono do seu coração. Ele lhe arruinou para os outros homens.

— Correção. Derek me mostrou quem os homens realmente são.

— Você me irrita.

Aricia sorriu de novo e Cloe fez o mesmo e logo as duas estavam comendo e conversando sobre

o aniversário do Gabe.

O almoço durou cerca de uma hora e se Aricia pudesse ela ficaria ainda mais tempo com Cloe, apesar de louca, sua amiga era especial. E mesmo não estando presente uma na vida da outra a amizade delas era real.

— Como foi o almoço? — Elaine estava sentada atrás do seu computador com um dedo no queixo e a outra mão mexendo no mouse e os olhos fixados na tela do dispositivo.

— Produtivo. Peguei algumas dicas para o aniversário do meu *Príncipe*. E o seu almoço?

— Comi demais e estou com sono, *mana*. O que fazer quando estamos com sono e precisamos trabalhar em plena sexta-feira?

— Trabalhar?

— Dormir!

— Sair!

Aricia sentou na ponta da mesa em que Lane trabalhava e os olhos claros da sua amiga estavam sobre sua figura.

— Acho que estou gostando disso.

— Claro que está! Cloe disse que estou precisando. — Aricia olhou para os lados para ter certeza que as duas estavam sozinhas. — Transar.

— Concordo com ela, *viada*. Qual é o plano?

— Eu e você em uma noite de garotas em algum lugar que nos levará para braços de homens que nos satisfarão uma noite inteira. O que acha?

— Acho que o sapato preto que eu tenho vai combinar com o vestido vermelho que comprei ontem.

— Te pego às nove da noite. Vou precisar arrumar alguém para ficar com o Gabe, vou ligar para a minha irmã, mas, com certeza está marcado. Algum lugar em mente?

— Tem aquela boate chamada *Red Lion*. Ouvi dizer que a banda *Dragon's Of The Night* estará tocando lá essa noite.

— Já ouvi falar dessa banda. Eles estão estourando pelo país com suas performances.

— Sim! — os olhos da sua amiga estavam brilhando. — Preciso dizer que adoro as músicas

deles e já estava pensando em ir ao show, mas não queria ir sozinha.

— Estou dentro. *Quem sabe não saímos de lá com um roqueiro quente?*

— É tudo que eu mais preciso nesse momento. — Lane parecia alguém realmente cansada naquele momento e Aricia sabia que não era por causa do trabalho e sim porque a amiga estava cansada de estar sozinha.

— Indo para a minha sala. Vou ligar para a minha irmã e nos vemos mais tarde! Qualquer coisa eu te chamo.

— Estarei aqui. Prometo não fugir.

Aricia riu de novo. Trabalhar com Elaine era sempre um prazer. Não tinha dia ruim para sua amiga e secretária.



— Posso ficar com ele sem problemas, *Nêm*, mas você precisa aparecer lá em casa de vez

em quando.

Aline, a irmã mais nova de Aricia estava sentada no sofá enquanto Gabe estava no tapete brincando com os seus carros. Realmente parecia que tinha passado um furacão pela sala levando em conta como os brinquedos estavam.

— Prometo aparecer no domingo. Não prometo aparecer amanhã, pois estou tirando essa sexta-feira para ser o meu dia. — Aricia se jogou ao lado da irmã. Cloe podia ser sua melhor amiga, mas sua confidente era Aline, sua irmã. — Derek voltou para cidade.

— O quê?

— Eu estava no meu trabalho quando fui apresentar uma nova coleção e descobri que Derek é o mais novo dono da empresa que trabalho. Você tem noção do que isso significa?

— Gabe.

— Também fiquei com medo, achei que ele pudesse querer a guarda dele, mas ele só perguntou como ele estava e mais nada.

— Isso é sério. O que ele quer depois de

dois anos?

— Morrer! Pois eu vou matá-lo se ele fizer algo contra o meu filho. Estava muito bem sem a presença desse homem e quero continuar assim. Por isso preciso sair, beber, sei lá. — Aricia ficou de pé. — Qualquer coisa, eu só preciso.

— Eu te entendo. Eu fico com ele essa noite, vou leva-lo para a minha casa e você se diverte, esfria a cabeça e fica calma. Derek não os destruiu quando foi embora, não irá destruir agora.

— Amo você. — Aricia abraçou a irmã e depois se sentou no chão para brincar com o seu filho.

Aline estava certa, Derek não a destruiu quando os deixou, não seria agora que a destruiria, *quando não havia mais sentimentos.*

Aricia passou o batom de cor vinho nos lábios e retirou o excesso que estava nos cantos. Havia caprichado em sua maquiagem. Seu trabalho exigia sempre uma boa aparência e isso incluía estar bem maquiada, mas nunca com uma maquiagem muito forte. E agora, ela estava com os olhos esfumados com uma sombra preta e os lábios bem delineados. Depois de muito procurar, finalmente Arícia havia optado por um look simples e ao mesmo tempo sensual. Uma sai de couro preta de cintura alta, que ia até o meio das suas coxas uma blusinha 7/8 bege de botões que fez questão de deixar abertos evidenciando seu colo. Brincos de pérola, Aricia não era muito extravagante para os assessórios.

Secou o cabelo e os deixou bem cacheado, e o sorriso de quem ia se divertir horrores na noite. Estava tudo perfeito. Uma borrifada de perfume na lateral do seu pescoço e ela estava pronta para arrasar na noite de *Roadland*. Tudo o que ela queria era só um bom acompanhante com quem voltaria

NACIONAIS - ACHERON

para casa e teria uma bela e selvagem noite de prazer.

Uma olhada no celular e foi confirmado que estava tudo bem com Gabriel. Uma mensagem de Aline deixou isso bem claro. Aricia pegou sua pequena bolsa, seu celular e suas chaves seguindo para a sala e deixando o seu apartamento logo em seguida. Assim que estava no elevador mandou uma mensagem para Lane.

Aricia: Estou a caminho.

Roadland estava agitada, era sexta-feira e todo mundo, assim como ela e Elaine, estavam saindo para curtir. Aricia demorou mais de quarenta minutos para chegar até a casa da sua amiga, mas Lane já estava a esperando.

— Você é pontual até mesmo para sair. — Aricia sorriu enquanto esperava Elaine entrar no carro.

— Sabe quanto tempo eu não saio? Todo tempo perdido será chorado depois, então, preciso

ser pontual.

— Então, toca para *Red Lion*, pois precisamos beber e eu preciso *destruir alguns corações*. Essa é a minha missão.

— Claro que é!

O tempo percorrido até a boate foi mais rápido, a casa de Elaine era mais no centro da cidade o que facilitava um pouco. Depois de estacionar o carro e acionar o alarme do veículo as duas desceram do mesmo conversando e seguiram para a boate. A fila estava grande e isso era normal levando em consideração que aconteceria um show de uma banda em ascensão no local. Após comprar as entradas e passar pela devida revista, Aricia e Elaine entraram na boate. O local era grande, luzes circulavam todo o salão, as mesas distribuídas estavam praticamente quase cheias e ainda tinha muita gente do lado de fora para entrar.

— Ali. — Elaine seguiu para uma mesa que estava no meio do salão.

— Boa noite, meu nome é Khan, posso servi-las com algo? — uma olhada para o garçom que estava em sua frente e Aricia sabia que o
NACIONAIS - ACHERON

homem era um possível candidato a dividir uma cama com ela naquela noite.

— Boa noite, você pode começar nos trazendo tequila. — Aricia respondeu depois da sua pequena inspeção.

— Você não está no cardápio? — Lane passou a língua sobre os dentes e recebeu um sorriso do garçom.

Ele era moreno, os cabelos pretos e o porte atlético, com certeza, o ajudavam a conseguir boas gorjetas. Bastava olhar para as mulheres que não estavam acompanhadas dentro do salão para saber que *todas* estavam *praticamente* o olhando.

— No momento não. — respondeu.

— Então me traga uma tequila.

Assim que o garçom saiu, sendo acompanhado pelos olhares de Aricia e Elaine, as duas amigas se olharam.

— Eu vi primeiro, Lane. Nem vem! — Aricia resmungou no momento em que estavam as duas sozinhas.

— Está escrito em algum lugar no corpo

desse homem que ele é seu?

— Não, mas está escrito no seu contrato que sou sua chefe.

— *Bicha escrota*. — Aricia lançou a cabeça para trás e sorriu.

Era muito bom estar na companhia de Elaine, ela era sempre feliz e não tinha medo de falar o que estava pensando e claro que as duas não brigariam por causa de um homem. Elaine sorriu também. A noite estava somente começando.

— Acho que posso explorar mais um pouco.

— Claro que você pode explorar mais um pouco. — Lane abriu os braços mostrando o salão da *Red Lion*. — O local está cheio e ainda tem muito homem para entrar, sozinha desse local você não sairá, Ari. Não se assuste. Fique calma.

— Isso. — Aricia respirou fundo. — Acho que já faz um bom tempo que estou sem sair com alguém que esqueci que não preciso ficar com o primeiro cara bonito que aparecer na minha frente. Posso escolher.

— Claro que pode! E ainda pode sair com um dos melhores essa noite!

— Então... — Aricia parou de falar quando Khan, o garçom, se aproximou com suas bebidas e colocou sobre a mesa saindo logo em seguida as deixando sozinhas. — Um brinde. — pegou o seu pequeno copo com tequila. — Vamos brindar aos belos homens que levaremos para casa.

— Sim!

Elaine gritou fazendo Aricia sorrir e as pessoas em sua volta as olharem, mas nada naquele momento realmente importava. Somente o gostinho da liberdade e do prazer que estava começando a tocar os seus lábios.



Derek enrolou a toalha em volta da sua cintura e apoiou as mãos contra o balcão de mármore do seu banheiro. Sua imagem sobre o imenso espelho a sua frente deixava claro que ele não estava nada satisfeito com o rumo que sua vida

NACIONAIS - ACHERON

estava tomando. Paul ainda não tinha a resposta de Henrico e isso só significava que o dono do lado Norte estaria fazendo da sua vida um inferno antes de aceitar sua proposta, e ele precisava o mais rápido possível começar os seus negócios. Gotas de água do recente banho escorriam pela pele negra de Derek. Ele estava prestes a voar em seus pensamentos quando o celular que estava sobre o balcão começou a vibrar. O nome do Paul estava no visor.

— Estou ouvindo. — respondeu assim que apertou no viva voz e puxou a toalha da cintura para terminar de se secar.

— Henrico Velásquez marcou uma reunião com você amanhã.

— Já estava na hora. Não conseguia mais pensar no que fazer. Não aguento mais ficar dentro daquele escritório, o local é bom, mas eu preciso do meu escritório para fazer as minhas transações.

— Imaginei que você já estivesse enlouquecendo dentro de quatro paredes. Só não enlouquece quando está com mulheres e falando em mulheres...

— Você descobriu alguma coisa?

— Descobri. — Derek pegou o celular e seguiu para o quarto.

Abriu uma gaveta e pegou uma cueca a vestindo e em seguida uma calça.

— Estou ouvindo.

— Arícia Aguiar conhece Rex Colton, pois ela é colega da futura esposa dele.

— Rex Colton vai casar? — aquilo sim era uma surpresa para Derek. Mafiosos podiam ser casados? Até aquele presente momento ele não tinha conhecido nenhum, exceto o seu antigo *Dom*, e toda sua família havia sido morta. Por isso ele não queria ter sentimentos por ninguém.

— Sim, com uma moça chamada Alix Hine, e Arícia é colega dela. Eu descobri que ela desenhou o anel de noivado deles e que irá fazer o mesmo com o do casamento. É por isso que ela parecia tão confortável em sua presença.

— Ela sabe que ele é um mafioso?

— Acredito que sim, Derek. Cloe Lopez, ela tem...

— Um segundo... Cloe Lopez, filha de Hank Lopez?

— Isso mesmo. Você a conhece?

— Erámos muito amigos na escola, ela me apresentou a *Patricinha*. O que tem a Cloe?

— Cloe é irmã de um mafioso que comanda o lado Sul, e Aricia e ela são melhores amigas. Cloe, inclusive é madrinha do seu filho.

— Puta merda! Ela está mais envolvida no meu mundo do que eu pensava.

— Sim, ela está mais envolvida no seu mundo do que você pensava. E há mais.

— Ainda há mais?

— Eu a segui hoje por algumas horas e... ela parou com o carro em frente a uma boate pertencente ao Henrico Velásquez. Não quis ficar por perto, mas tenho certeza que ela entrou no local e está por lá

— Aricia está querendo me foder? Me dê o endereço.

— Derek, eu...

— Só me passe o endereço, Paul. Eu não
NACIONAIS - ACHERON

venderei drogas no local, e até onde sei o local é público. Não estarei com nenhum homem meu.

— Como assim?

— Você não estará comigo. Eu vou sozinho. Ninguém me conhece nessa cidade e as chances de que eu seja capturado são mínimas e se isso acontecer eu preciso que alguém lidere a minha máfia. Então, você fica onde está e me deixe lidar com a Aricia.

— Achei que ela não fosse importante.

— Meu filho é importante, não quero um filho sem mãe. Estou me arrumando. Mande o endereço por mensagem e só apareça se eu pedir sua ajuda.

Derek finalizou a ligação e andou na direção do seu guarda-roupa. Uma calça jeans e uma camisa e um tênis estaria muito bom. Nada que chamasse muita atenção. Depois de se arrumar, ele pegou suas coisas, dentre elas sua arma, e deixou seu apartamento. Tara deveria estar em seu quarto e, com certeza, o procuraria, mas Tara não era nenhum problema naquele momento.

Algum tempo depois Derek estacionou em frente a *Red Lion* e já podia sentir o chão do lado de fora da boate tremer. Alguém estava fazendo um show e as músicas eram pesadas. Pagou sua entrada e teve uma leve briga de olhar com o segurança antes de finalmente entrar e quando estava no interior, percebeu que seria praticamente impossível encontrar Aricia. O local estava cheio. Pessoas estavam em pé, pulando e dançando ao som da banda que estava tocando. Uma olhada para a bateria e as siglas *DON* brilhavam para todos verem enquanto o baterista parecia fazer um show particular para alguém.

Derek seguiu para o bar, que era o local menos cheio no momento, e de lá deixou seus olhos checarem o local. Levaria Aricia para longe daquela boate, e deixaria claro que ela estava no meio de mafiosos e estava tentado contar um pouco da verdade que estava rondando a sua vida. Que ele também estava fazendo parte do time, mas que não era nada saudável para ela e Gabriel fazer parte daquele mundo. Sua mente gritava que tudo aquilo era somente pelo seu filho, seu coração gritava que

era por Arícia e por tudo que eles não tinham vivido ainda.

— Bebe alguma coisa? — Derek virou o seu olhar para o barman que estava secando alguns copos ao mesmo tempo que olhava as meninas que passavam no corredor o olhando. — Você faz sucesso com as mulheres sem precisar fazer muita coisa, não é? Qual é o segredo?

— Dinheiro. — Derek respondeu ainda olhando as pessoas no salão. A banda começou mais uma música e o pessoal foi à loucura com o vocalista que tinha um alto potencial para cantar músicas melancólicas. — Quem é a banda?

— *Dragons Of The Night*, crias da cidade e da casa. São os melhores.

— Eles são bons mesmo.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Escuta. — Derek puxou uma nota qualquer do seu bolso e julgando pela forma que os olhos do barman brilharam era uma quantia alta. — Preciso encontrar uma mulher alta, pele morena clara, linda, olhos verdes, cabelos longos,

cacheados, lábios carnudos, provavelmente a mulher mais linda que tenha aparecido nesse local essa noite. Tenho certeza que estou dando um tiro no escuro ao lhe dar essa... — Derek viu que era uma nota de cinquenta dólares. — Quantia toda, pois, com certeza não a encontraremos, mas aqui está. — estendeu a nota na direção do homem. — Você pode me ajudar a encontrá-la.

— Serve aquela?

Derek virou na direção do que homem estava apontando e a viu. Aricia estava encostada contra a parede da boate aos beijos com um homem. Derek não conhecia o homem e nem precisava conhecer, só o que importou naquele momento foi a raiva que possuiu o seu corpo. A forma que tudo ficou preto. Nada em sua volta parecia mais fazer sentido. Somente ele podia tocar aquele corpo. Era isso que a sua mente gritava. A arma que estava na parte de trás da sua calça estava queimando em suas costas e sua primeira reação foi levar a mão sobre o local, mas uma mão segurou a sua no exato momento e o barman estava o olhando.

— Não faria isso se fosse você, novato. Só vá até lá e tire sua mulher dos braços daquele homem, mas sem fazer nada que possa tirar a sua vida ou arrumar alguma confusão.

Derek puxou sua mão, em que o barman estava segurando, e seguiu em passos largos na direção do *casal* que estava dando um pequeno show no canto do salão. Aricia estava sendo devorada pelo o homem e não parecia nada incomodada com isso. O conselho do barman passou completamente em branco quando Derek se aproximou mais dos dois e ouviu Aricia gemer quando o homem a pressionou mais contra a parede, naquele momento, ele perdeu a cabeça.

— Filho da mãe. — Derek o empurrou para longe do corpo de Aricia e ela parecia completamente assustada ao ver que ele estava ali.

— Você ficou louco?

— Só fique quieta, Aricia.

— Eu que pergunto, você ficou louco, cara?
— o seu acompanhante se aproximou e Derek levantou a lateral da camisa mostrando sua arma e aquilo foi o suficiente para fazê-lo dar alguns
NACIONAIS - ACHERON

passos para trás.

— Você tentará com a sorte?

— Derek!

— Você vem comigo!

Antes que Aricia pudesse falar mais alguma coisa, Derek a puxou na direção da saída da boate e quando o vento bateu contra o seu rosto foi realmente um alívio. Foi um bálsamo estar ali fora. Derek estava pronto para matar aquele homem que estava apertando e tocando o corpo que o pertencia. Derek colocou as duas mãos contra o joelho e respirou fundo puxando ar para os pulmões quando recebeu um empurrão. Só não caiu, pois, seus reflexos eram bons.

— Você ficou louca?

— Eu que lhe pergunto isso! Como você chega daquele jeito lá dentro, empurrando o cara para longe do meu corpo, mostra uma arma para ele e simplesmente me puxa para fora da boate?

— Está tudo bem aí, senhorita? — um segurança apareceu logo em seguida e Derek esperava que Aricia fosse inteligente o suficiente.

— Tudo bem.

— Se precisar de alguma coisa, estamos aqui.

— Obrigada.

— Acho que ela no momento só precisa de alguém que entre em suas calcinhas. — Derek respondeu cheio de veneno em sua voz.

Aricia sorriu, seu sorriso era de pura vitória e aquilo deixou Derek ainda mais com raiva. Ela estava se divertindo às suas custas.

— E você está incomodado que esse alguém não seja você.

— Não, meu problema é que você está em uma boate comandada por um mafioso e age como se isso fosse normal.

— Posso estar em uma boate que pertence a um mafioso, mas a única pessoa que eu vi arrumando confusão e portando uma arma foi você, Derek Holt.

— Cadê o Gabriel?

— Não lhe interessa, eu preciso voltar para a *Red*. Talvez salvar o resto da minha noite e

NACIONAIS - ACHERON

arrumar alguém para esquentar a minha cama.

Arícia deu as costas para ele, mas Derek não a deixaria ir muito longe. Aquela bunda completamente pressionada dentro daquela saia de couro, aquelas pernas a mostra, aquela mulher que tinha o seu coração na palma da mão e não sabia não estaria dividindo a sua cama com mais nenhum homem que não fosse ele. Derek correu e segurou Arícia pelo braço, ela tentou virar pronta para soca-lo, o punho estava fechado e por um triz não acertou o seu rosto.

Derek gargalhou segurando os pulsos de Arícia para trás.

— WOW! Céus! Quanto tempo eu não me sinto vivo desse jeito, *Patricinha*. — se aproximou mais de Arícia sentindo o cheiro do perfume que ela estava usando.

— Não me chame assim! — Arícia falou entre os dentes, mas Derek podia ver que os seus olhos estavam sobre os seus lábios.

— Você adorava quando eu te chamava assim. — Arícia gemeu quando Derek a puxou mais para perto, prendendo ainda mais os braços

NACIONAIS - ACHERON

dela para trás. Colando os corpos. —
Principalmente quando eu estava dentro de você.
Entrando duro e profundamente, *patricinha*.

Aricia fechou os olhos e Derek sabia que aquele era o momento que ele precisava, na realidade, não era o momento que ele precisava. O que ele necessitava era ficar bem longe da Aricia, mas as situações da vida e seu corpo estavam o tempo todo chamando pelo o corpo dela. Derek levou a mão livre na direção dos cabelos cacheados de Aricia e os puxou para trás a fazendo gemer. Quando ela abriu os olhos de novo, os olhos verdes dela estavam brilhando de expectativas e ele estava louco para realizar tudo aquilo que estava passando dentro daquelas orbes e dentro daquele pensamento.

Ela mordeu o lábio inferior e aquilo foi o fim para Derek, ele tomou os lábios de Aricia em um beijo que não foi nenhum pouco gentil. Seus dentes bateram contra os dentes dela, e sua língua a invadiu como se ele estivesse reivindicando algo que, por muito tempo, o pertencia. Derek a puxou mais para perto e Aricia lutou para que ele soltasse

seus pulsos e assim ele fez, quando seus pulsos estavam livres, ela o agarrou com força, o puxando mais para perto deixando claro que aquele beijo era algo que ela também estava esperando.

Alguns passos para trás e Derek bateu o corpo de Aricia contra a parede mais próxima, sua boca devorava seus lábios, ele deixou sua mão livre descer pela lateral do seu corpo, e em seguida, adentrou por baixo da saia que Aricia estava usando e para o seu completo espanto ela estava completamente sem calcinha. Seus dedos tocaram o sexo de Arícia, mais preciso em seu ponto, e ela estava completamente molhada.

— Eu vou lhe destruir, *Patricinha*.

5

O prazer podia inebriar os seus pensamentos, mas Derek sabia que estava em frente a uma boate e que qualquer pessoa podia ver que ele e Arícia estavam se pegando. Sem pensar duas vezes e sem receber nenhum protesto por parte dela, Derek a pegou pela mão e a puxou em direção ao seu carro. Ele estava estacionado em uma rua paralela à boate.

— O que você pensa que está fazendo, Derek? — Derek não respondeu.

Aquele pequeno questionamento era somente o lado racional de Arícia tentando brigar com o seu lado emocional. Ele conhecia muito bem a mulher que amou na adolescência. Arícia agia pela razão, deixava suas emoções escondidas o máximo que conseguia, e naquele momento ele sabia que Arícia estava em guerra interior.

Derek desativou o alarme do seu carro e abriu a porta de trás do mesmo esperando que Arícia entrasse. Ela o encarou por alguns minutos

antes de finalmente entrar no veículo e Derek entrar logo atrás. Ele fechou a porta e a encarou. Os olhos verdes sérios, mas contendo um brilho de expectativa que Derek estava louco para realizar.

— Eu a levaria a um lugar melhor, mas...

Não foi preciso falar mais nada. Derek soube que a guerra acabou quando Arícia sentou sobre o seu colo, um joelho de cada lado do seu corpo e suas mãos desceram em direção da sua própria blusa a puxando para fora da sua saia. Derek levou suas mãos para o fecho na lateral da saia e o puxou, retirando a peça com a ajuda da Arícia.

Derek retirou os cabelos dela que estava sobre os seus ombros e os agarrou, puxando Arícia para mais perto e finalmente a beijando. Nunca o beijo entre eles seria um beijo calmo. Seria sempre uma disputa de quem tinha mais o poder. Derek sentiu seu lábio cortar com os movimentos do beijo e o gosto do sangue deixava tudo ainda mais delicioso. A mão que estava livre, desceu pelo abdômen definido da Arícia ultrapassando as carnes do seu sexo e finalmente chegando ao seu

ponto de prazer. Aricia cravou as unhas contra os seus ombros e separou suas bocas deixando um gemido satisfatório sair dos seus lábios quando Derek a tocou.

Sorrir foi o que restou para ele ao ver aquela maravilhosa cena. A forma como Aricia mordia os lábios e rebolava os seus quadris contra o seu dedo buscando o seu próprio prazer e tentando ditar o seu próprio ritmo era como voltar no tempo, mas com os dois mais velhos e muito mais maduros e com raiva um do outro. Ele podia sentir que a cada apertão que Aricia distribuía em sua pele ela queria arrancar algo seu. Derek desceu com os seus dedos mais um pouco para baixo e com um movimento forte invadiu o canal de Aricia a fazendo gemer alto e levar as mãos sobre o teto do carro.

Enquanto os seus dedos entravam e saíam em movimentos, que para ele eram deliciosos de sentir o quanto ela estava molhada por ele, Derek usou a outra mão que estava segurando os cabelos de Arícia para baixar uma parte da blusa e revelar um sutiã preto. Ela estava com a lingerie combinando, o que seria uma dádiva de assistir por

completo. Baixando um lado do sutiã ele liberou o seio direito dela, levando sua boca diretamente para o seu mamilo e o sugando. O gemido de Aricia foi ainda mais alto e ela o agarrou. Puxando seu rosto para mais perto, o fazendo devorá-la. Seus dedos trabalhavam em perfeita harmonia com sua língua e ele podia sentir seu membro crescendo e crescendo cada vez que Arícia rebolava e gemia sobre o seu colo.

Podia fazer dois anos que ele não tocava aquele corpo, mas ele conhecia muito bem suas reações e Derek sabia quando Arícia estava pronta para chegar ao seu prazer e a forma que os seus músculos internos estavam apertando seu dedo e o jeito que ela estava gemendo, deixava claro que ela tinha chegado ao seu limite e que estaria despejando o seu prazer. Derek se empenhou a mexer o seu dedo contra o ponto feminino de Aricia mais alguns minutos e ela finalmente se rendeu. Gemendo, e deixando os seus dedos completamente melados de prazer.

Derek depositou o corpo da Aricia sobre o banco traseiro do seu carro. Os olhos dela estavam

brilhantes de desejos e ele sabia que não podia estar muito diferente. Derek se esticou de qualquer forma para pegar um preservativo dentro do porta-luvas. Aquele era o seu carro particular e Tara era uma mulher imprevisível, ele tinha que estar sempre prevenido.

— Você coleciona mulheres em seu carro.
— Aricia fez uma pequena observação enquanto Derek abria a embalagem da camisinha e envolvia seu membro.

Ele não responderia. Não era momento para brigas e sim um momento de prazer.

Derek deitou sobre o corpo dela e com um movimento forte e profundo, como ele sabia que Aricia gostava, ele a invadiu. A ouvindo gemer e se agarrar ainda mais ao seu corpo.

— Isso!

Nada parecia diferente. A forma com os seus corpos se mexiam em sincronia, o jeito como Aricia estava moldada ao seu corpo, não parecia que os dois não se viam ou transavam a dois anos. Ele continuaria repetindo que nada estava mudado, pelo contrário, tudo estava melhor. Ele aumentou as

NACIONAIS - ACHERON

investidas, senti-o ir fundo e preciso no lugar que distribuía prazer pelo corpo de Aricia, levando em consideração a forma que ela estava gemendo. Derek repetiu aqueles movimentos por mais alguns segundos antes de sentir Aricia apertá-lo e chegar ao seu prazer o levando a alcançar o seu próprio prazer em seguida.



Aricia estava com a respiração agitada, seu coração estava batendo a mil em seu peito e em sua garganta. Derek estava sobre o seu corpo, respirando profundamente e, com certeza, buscando calma aos seus sentidos.

— Você poderia...

— Desculpe, devo estar lhe apertando.

Derek saiu de cima do seu corpo e Aricia sentou sobre o banco do carro. Passou as mãos pelos cabelos tentando arrumá-los e procurou sua saia que estava no chão do carro. *Silêncio*. Agora que os gemidos não estavam mais presentes o

NACIONAIS - ACHERON

silêncio constrangedor estava entre os dois. Aricia arrumou a sua saia, sua blusa e fez o melhor com os seus cabelos antes de abrir a porta do carro. No minuto que estava na parte de fora do carro, Derek estava do outro lado fechando as calças e com as sobrelancelhas franzidas.

— O que isso significa?

Aricia arrumou melhor a sua saia e a sua blusa e respirou fundo. Podia sentir que estava suada e precisava de um banho, mas estava completamente satisfeita.

— Obrigada.

Ela atravessou a rua e antes que pudesse subir na calçada, Derek havia pegado o seu braço e a puxado de encontro ao seu corpo.

— É isso? Você tem costume de fazer isso? Entrar no carro de um cara, transar com ele, agradecer e ir embora?

— Não sou eu quem tem preservativos guardados no porta-luvas do meu carro, Derek. Sinto em dizer, mas esse jogo de se fazer de ofendido não dará certo. — com delicadeza e

mostrando desprezo, Aricia pegou a mão dele que estava a apertando e retirou do seu braço. — Serei sincera com você, estava mesmo precisando relaxar e você foi útil, agora, eu preciso voltar para a *Red Lion* e fechar a minha noite com chave de ouro.

Aricia tentou andar de novo, mas Derek interceptou o seu caminho parando em sua frente e aquilo a fez revirar os olhos.

— Você precisa tomar cuidado com quem você anda, Aricia. Essa boate está cheia de mafiosos, o homem com quem você falou hoje mais cedo na empresa era...

— Mafioso. — Aricia terminou a frase por ele. — Eu sei disso, Derek. Mas eles são mafiosos, não eu. E só estou em uma boate e fazendo um anel para o Sr. Colton, nada demais. E eu sei me cuidar. — Aricia desviou da sua figura que estava parado bem em sua frente, mas parou virando de novo. — E você não parece ser muito diferente deles. Portanto armas, acompanhado de seguranças, dono de uma empresa e sabendo sobre a vida deles. — ele a encarou de volta e Aricia sabia que Derek estava escondendo algo que ela não gostaria de

descobrir. — Você não é mais o mesmo. Nem mesmo no sexo.

E o deixando completamente sem reação, Aricia saiu em direção da *Red*. Precisava encontrar Elaine e deixar claro que estava tudo bem com ela, e claro, que ela estava satisfeita. Sim, ela havia mentido. Derek continuava o mesmo no sexo, estava até melhor, mas ele não precisava saber disso.

Ela entrou na *Red* novamente e depois de alguns minutos avistou Elaine aos beijos com um homem alto e moreno. Sua amiga parecia completamente perdida nos braços do desconhecido. Aricia sorriu e se encostou no bar esperando Lane aproveitar a sua companhia. Depois que a música acabou, Lane veio em sua direção com um sorriso imenso e trocando as pernas. Sim, as duas estavam satisfeitas com a sua noite.

— Aonde você estava, mana?

— Conversando de um jeito especial com alguém! — Aricia piscou e Lane deu um sorriso preguiçoso, um sorriso puro alcoolizado.

— Perdi o meu “BV” de novo. — Lane virou o copo quase vazio em direção dos seus lábios e tomou o resto da bebida colocando o copo sobre a mesa do bar.

— Depois de quantos anos?

— Já tinha perdido as contas. — Aricia sorriu e ficou de pé.

— Será que podemos ir ou você ainda quer ficar?

Dragons Of The Night ainda estava tocando no palco e levando seu público ao delírio.

— Ainda estou zerada *naquele assunto*, Ari, mas podemos ir.

— Ou podemos ficar, se você acredita que exista um possível candidato a isso.

— Não, podemos ir. Acho que já bebi demais eu já beijei dois.

— Você já tinha beijado quatro quando saí, Lane, não dois.

— Eu beijei dois.

— Não.

Aricia saiu na frente e sabia que Lane estava vindo logo atrás dela, mesmo que o local estivesse cheio e que Elaine não estivesse no seu melhor estado, Aricia sabia que Elaine não ficaria para trás. Depois de sair da boate e conferir que Derek não estava a esperando, Aricia seguiu para o seu carro e esperou Elaine chegar até o carro e entrar no lado do carona. Ela havia bebido, mas não o suficiente para estar fora dos seus sentidos. Uma última olhada para o local aonde estava estacionado o carro do Derek e Aricia sorriu, foi bom relembrar os velhos tempos, *mas não aconteceria de novo.*



— Você tem certeza que esse é o endereço, Paul?

Derek desceu do carro vendo os letreiros que formavam a palavra *Mystique* apagados. Depois de chegar em casa, ou melhor, seguir Aricia até em casa e esperar até que todas as luzes do seu apartamento fossem apagadas, Derek voltou para o

seu apartamento e foi realmente difícil pegar no sono. Olhar para o teto e pensar nos minutos que ele havia passado com a Aricia foi o melhor que sua mente conseguiu fazer por quase toda a noite. Quando o dia estava quase amanhecendo, ele pegou no sono, mas logo o seu relógio estava o avisando que tinha um encontro com Henrico Velásquez. E lá estava ele e Paul parado em frente a um local chamado *Mystique*.

— É uma das boates dele, Derek, e basicamente o escritório dele.

— Então, estamos no local certo.

Derek bateu a porta do carro e como se aquilo fosse o sinal para os homens de Henrico, a porta lateral do local foi aberta. Ele estava usando uma calça jeans e uma camiseta o que o deixava de forma despojada.

— Derek Holt?

— Sim.

Aquele homem em particular, Derek não conhecia.

— O chefe está lhe esperando, só preciso

revistar vocês antes disso.

— A vontade.

Derek abriu os braços e esperou o homem se aproximar para confirmar que ele estava sim armado. Nunca que sairia sem estar protegido, mas se fosse preciso colocar a arma em algum lugar ele colocaria, mas ainda assim isso não significava que ele estaria desprotegido. Depois de uma revista minuciosa, Derek e Paul tiveram sua passagem liberada e os dois acompanharam uns dos homens de Henrico até o segundo andar do local, onde pararam em frente a uma porta vermelha e tiveram sua passagem liberada.

Henrico estava sentado à mesa e Lincoln estava sentado ao sofá e permaneceu no mesmo enquanto Derek e Paul entravam na sala.

— Bom dia, Velásquez. — Derek assistiu a sobrelance que continha falha de Henrico arquear a menção do seu nome.

— Bom dia, *Holt*.

Derek queria deixar claro, que apesar do Henrico mandar no lado Norte da cidade, ainda

assim, ele era um *Dom* de uma máfia, e mesmo que não usasse a palavra *senhor*, ele ainda tinha respeito por ele e por sua máfia.

— Acho que depois desse tempo em silêncio, você pensou a respeito sobre a minha proposta.

— Sente-se Holt. Eu odeio que alguém chegue no meu escritório e fique me olhando de cima como se fosse dono do mundo. — Derek sorriu. — Posso não ser o dono do mundo, mas sou o dono desta merda de cidade e boate, então, sente essa sua bunda na cadeira e converse comigo como uma chefe deve conversar com outro chefe. Não tire o meu bom humor, homem, por favor.

Derek ainda estava sorrindo quando puxou a cadeira e desabotoou os botões do terno para sentar. Paul parou ao seu lado e colocou uma mão sobre o banco deixando claro que estava ao seu lado e preparado para qualquer eventualidade que pudesse ocorrer.

— Desculpe por isso, Velásquez. Estou meio que acostumado a trabalhar somente com o Paul, até mesmo o fato de pedir permissão para

NACIONAIS - ACHERON

algo é novo para os meus negócios, por isso lhe peço desculpas se lhe faltei com respeito.

— Agora sim as coisas estão melhorando. Vamos lá... Lincoln fez algumas pesquisas e descobrimos que você é cria da cidade.

— Sim, nasci, cresci e vivi aqui até alguns anos atrás.

— Até dois anos atrás quando você, misteriosamente largou sua faculdade e emprego e foi embora para o *Brasil*. O que o Brasil tem, além de mulheres muito bonitas, que lhe chamou atenção, Holt?

— Mulheres bonitas no Brasil, Henrico? Srta. Sheridan sabe disso? — Derek quebrou o seu olhar para o homem que estava sentado ao sofá.

— Ela não está aqui, Lincoln, e não estou falando nenhuma mentira. Holt?

— Brasil tem mulheres bonitas e os meus negócios, Henrico. Por isso você não precisa ter medo. Nada do que eu faço irá respingar em você ou na sua cidade.

— Isso que você pensa, tudo acaba

respingando na minha máfia e tivemos provas disso a pouco tempo, mas isso não vem ao caso agora. Você realmente só quer uma parte do meu porto para chegada das suas cargas?

— Somente isso. Elas não chegarão sempre, pois como você bem sabe, virão do Brasil, elas demorarão a chegar e a única coisa que peço é discricção. Eu sei que você tem a polícia do porto em suas mãos. Gostaria de ter essa vantagem se fosse possível.

— Tudo é possível no nosso mundo se você estiver disposto a pagar o que eu estou disposto a receber.

— Vamos ouvir.

Henrico se esticou sobre a mesa e empurrou um papel sobre a mesma. Ali havia um valor escrito e era tipo um contrato onde falava que Derek tinha direito de chegada e partida das suas cargas em uma parte do porto e tinha direito a um galpão no porto, assim como a proteção da polícia, mas tudo aquilo possuía um custo. Um custo que ele estava disposto a pagar

— Considerando que você está se metendo

NACIONAIS - ACHERON

com coisas realmente pesadas em outro país, eu até acho que esse valor é pouco, Holt. Mas desde que você não traga problemas para a minha máfia e família posso viver com esse valor.

— Tudo bem. Como faremos a respeito do pagamento?

— Você pode me passar um cheque agora e todo mês, nessa mesma data, enquanto você estiver na cidade um dos meus homens irá ao seu encontro lhe cobrar esse mesmo valor.

Derek se esticou pegando sua carteira que estava no bolso de trás da calça e da carteira tirou o seu talão de cheque. O valor, apesar de ser um pouco exorbitante, não era nada do que ele já não estivesse esperando. Até estava esperando que Henrico fosse ainda pior em lhe cobrar, mas conseguiria viver com aquilo. Holt assinou o cheque, colocando o valor e passou na direção do Henrico que o pegou sem verificar se o valor estava correto, simplesmente colocou dentro da gaveta e cruzou os braços sobre o peito.

— Algo mais?

— Não. — Derek ficou de pé guardando a

NACIONAIS - ACHERON

carteira dentro do bolso da calça.

— Na verdade há sim. — Derek voltou o seu olhar para o homem que estava sentado ainda de braços cruzados o olhando. — Você foi na minha boate ontem de noite, entrou armado e queria arrumar confusão. Tsc, tsc, tsc, espero que isso realmente não aconteça de novo, Holt.

— Fui atrás de uma mulher, Velásquez. — Henrico sorriu como se soubesse do que ele estava falando, mas que mesmo assim a sua conduta continuava inaceitável.

— Mulheres estão sempre virando a nossa cabeça, posso até falar que entendendo, mas do mesmo jeito. Você é bem-vindo na minha cidade e até mesmo bem-vindo nas minhas boates, mas sem arrumar confusão. Estamos entendidos?

— Não pretendo chegar perto das suas boates de novo, Velásquez. Com todo respeito, mas acho que o quanto menos contato eu tiver com você ou com sua máfia, será melhor para todos.

— Estou começando a gostar de você, Holt.

Derek respirou fundo e andou em direção a

porta tendo um Paul calado e observador logo atrás de si.

— Obrigado pela proposta e... Nos vemos?

— Assim como você, espero que não.

E com aquelas últimas palavras, Derek deixou o escritório de Henrico Velásquez tendo Paul atrás de si, ambos loucos para deixar aquele lugar e finalmente colocar os seus planos em ação.

6

Algumas semanas depois...

Depois de quase duas semanas de preparativos, entre procurar um local, comprar móveis e deixar seu escritório como realmente imaginava, finalmente, Derek Holt podia falar que, agora, ele era realmente um chefe de uma máfia. Tinha seu próprio escritório, com sua sala de reunião e uma falsa empresa do ramo imobiliário para lavagem do seu dinheiro e um enorme galpão para esconder as suas joias. Farias ainda não sabia, mas Derek colocaria a empresa de joias dele no topo, mas isso, com certeza, teria um preço, um preço muito alto que ele estava disposto a pagar. Derek olhou na direção do Paul, Luciano e o resto dos seus homens. Sua máfia estava completamente desfalcada, mas isso não significava nada quando o chefe em questão possuía pulso firme. E isso Derek não tinha dúvida que tinha.

Estavam todos sentados em volta da mesa

NACIONAIS - ACHERON

de madeira bem lustrada e Derek estava na ponta da mesma os olhando enquanto os seus homens, no total de quinze, conversavam sobre amenidades.

— Luciano. — as conversas paralelas pararam no exato momento que Derek se fez presente.

— Fala chefe.

— Você já tem os relatórios do mês?

— As explorações estão indo como o senhor quer. Tivemos duas baixas o mês que passou, mas tirando isso está tudo bem.

— Companheiros ou garimpeiros?

— Garimpeiros. — Derek sinalizou com o queixo como se estivesse satisfeito com o relatório e como se ao mesmo tempo a morte de duas pessoas não o importasse nenhum pouco.

— Paul sobre o nosso carregamento?

— Ele está a caminho, acredito que dentro de três dias ele chegará a cidade e logo começaremos as nossas operações. Você já conseguiu alguém para negociar com o Faris?

— Ainda não, mas isso eu consigo em
NACIONAIS - ACHERON

questão de tempo. Só preciso que seja alguém que ele realmente confie.

Paul o olhou como se ele já tivesse a pessoa certa para isso. Derek nunca colocaria Aricia nos seus negócios, mas Paul estava certo. Faris confiava nela, e se Aricia realmente achava que os diamantes eram de boa qualidade, ela o convenceria, mas para isso Derek precisaria convencê-la. O que era praticamente impossível já que Aricia não acreditava mais nele.

— Michael, como estão as vendas dos imóveis?

— Como Paul mesmo pesquisou, hoje vendemos cerca de três casas, o que realmente é bom levando em consideração as pesquisas que fiz.

— Muito bem. Se tudo continuar assim as coisas se ajeitarão rapidinho e logo estaremos levando o nome da nossa máfia as alturas de novo.

Derek ficou de pé vendo todos ficarem de pé junto com ele, sem falar mais nada ele deixou a sala sendo seguido por Paul que fechou a porta da sala assim que saiu.

— Quantos desses aí estão mentindo para mim e quantos estão falando a verdade?

— Michael é alguém que você pode confiar, o resto você pode matar.

Derek parou no corredor dando um soco contra a parede, por pouco não quebrou a mesma que era feita de gesso. Ele estava cercado de inimigos, Paul era o único homem que ele podia confiar e ainda assim ele continuava naquela máfia, e pior, com Aricia e Gabriel como fraqueza agora.

— Diz que você não falou sério quando disse que Aricia seria alguém que Faris acreditaria?

— Queria saber se alguns dos homens já sabiam dela, mas na verdade eu estou falando sério. Não podemos confiar em ninguém, Derek. Se você a convencesse.

— Ela me odeia, Paul.

— Você disse que vocês ficaram juntos algumas semanas atrás.

— E depois ela foi embora como se nada tivesse acontecido, não que isso realmente me entristeça. Eu quero mesmo a proteção do meu

filho.

— Então corra atrás da proteção do seu filho, Derek. — Paul se aproximou mais do Derek ficando cara-a-cara com seu chefe. — Pois os homens dentro daquela sala querem a sua cabeça e eles vão conseguir se você não se proteger até os dentes. Descobri algo. — Paul puxou um convite de aniversário de criança em que Gabriel estava no convite sorrindo.

— É aniversário do seu filho amanhã, e claro que você não sabia disso, mas acho que seria legal você aparecer.

— Eu já acho que seria perfeito. — Derek abriu a porta do seu escritório dando de cara com Tara sentada sobre sua mesa somente de lingerie. Paul deu uma leve risada atrás dele antes de fechar a porta e deixá-los sozinhos.

— Pensei que você estivesse afim de uma distração. — Tara mordeu o lábio e sorriu.

Derek correu o seu olhar sobre o corpo da mulher que estava seminua sobre sua mesa. Ainda não entendia o que Tara fazia com ele. A conheceu no Brasil quando chegou no país de clima tropical a

NACIONAIS - ACHERON

dois anos atrás. Tara era filha do ex-chefe da máfia que agora pertencia a Derek. Era a única filha. Se Nial tivesse algum filho homem, com toda certeza, a máfia seria sua nesse momento, mas levando em consideração que ele não tinha filhos homens e considerava Derek o seu homem de confiança, quando sua morte prematura chegou, Nial, já havia deixado claro que a máfia ficaria nas mãos do seu subchefe Derek.

— Por que você resolveu largar o Brasil para vir morar comigo, Tara?

O olhar de sedução que ela estava carregando em seus olhos sumiu naquele momento e lá estava o olhar de raiva da Tara quente que ele conhecia.

— O que essa pergunta significa?

— Você tinha todo o direito sobre essa máfia. Podia me matar, podia ficar com o dinheiro do seu pai e acabar com os negócios dele com um estralar de dedos, mas você preferiu largar o Brasil e me acompanhar até uma cidade que você nunca ouviu falar e por que isso?

— Porque *eu te amo*. — Derek sorriu. Não
NACIONAIS - ACHERON

acreditava no amor da Tara assim como não acreditava na lealdade dos seus homens. — Você não acredita em mim, não é? Isso tudo é culpa daquela mulher da foto! Tenho absoluta certeza disso.

— Não fale besteira, Tara. Não acredito no seu amor, pois ele não existe. Somente por isso.

— E ela acreditará no seu amor? Acha mesmo que *esse grande amor da sua vida* irá aceitar que você é um bandido? Que ganha dinheiro com mortes de pessoas? Que você é frio e tem mais sangue de inocentes em suas mãos do que qualquer pessoa?

— Não tenho ninguém na minha vida, Tara. Não seja *idiota*.

— Não tem ninguém na sua vida? E quem é *Arícia Aguiar*? Quem é *Gabriel Aguiar*? Eu sei fazer o meu trabalho e sei que ambos fizeram parte do seu passado e se eu desco... — Tara não finalizou suas palavras.

Derek chegou tão rápido nela que percebeu o medo passar pelos olhos da brasileira quando ele a encarou com toda sua plenitude. Uma mão

NACIONAIS - ACHERON

agarrando o pescoço de Tara e a outra apontando o dedo bem no meio do seu rosto. Os olhos negros de Derek estavam ainda mais escuros de raiva.

— Será somente um aviso, Tara, para depois você não falar que não avisei. Não quero ouvir o nome da Aricia ou do Gabriel deixar os seus lábios novamente. Se algum dia eu, sequer, sonhar que você está *pensando* neles, eu juro que fiz uma *promessa* ao seu pai e o seu final será igual ou pior ao dos mineradores que trabalham na minha mina. Então, seja esperta e fique quieta!

Tara o empurrou para longe e Derek se afastou o bastante para vê-la se arrumar com os olhos cheios de água.

— Nesse momento eu te odeio mais do que eu te amo. — Tara resmungou enquanto puxava a blusa para cima e mostrava o seu sutiã. Derek viu a primeira lágrima cair dos seus olhos, mas ela não parou de se despir e não negaria que aquilo estava o excitando. — Mas eu realmente fico completamente excitada quando você deixa o seu lado mau aflorar.

Derek se aproximou novamente da cadeira

NACIONAIS - ACHERON

em que Tara estava e a pegou pelo pescoço de novo, mas dessa vez não foi para ameaçar, foi para tomar os lábios dela em um beijo cheio de volúpia.



O salão de festa estava cheio, mesas estavam espalhadas para todos os lados, a decoração estava impecável e aos poucos os convidados estavam chegando. Depois de muito trabalho, tudo estava como Aricia havia planejado. Tinha valido apenas todo esforço somente em ver Gabriel correndo em volta dos brinquedos e sorrindo como se fosse um dos dias mais felizes da sua vida.

— Sabe o que é o melhor em festa de criança? — Elaine parou ao seu lado segurando um pratinho cheio de salgadinho.

— O quê?

— A comida.

Aricia sorriu enquanto via sua mãe vindo em sua direção. Tinha uma ótima relação com sua mãe, a fase em que as duas não se davam muito

NACIONAIS - ACHERON

bem havia passado, foi na adolescência. Agora tudo estava muito bem, mas seu trabalho era algo que lhe deixava com as horas do dia completamente ocupadas o que fazia com ela ficasse realmente afastada da casa dos seus pais.

— Filha.

— Mãe. — Aricia a abraçou com força matando a saudade que seu corpo e coração sentiam de sua mãe. — O que achou?

— Está tudo lindo. Só consegui dá um abraço no Gabe rapidinho ele nem mesmo parou para falar comigo. Está impossível hoje.

— Drika está passando mal bocado com ele.

— Imagino que sim. Olha, espero que você vá me visitar mais. Eu sei que o seu trabalho é intenso, mas você não está mais em Londres e eu sinto a sua falta, então, por favor, arrume um horário na sua agenda e venha me ver.

— Horário na agenda? — Lena se meteu no assunto e Aricia sorriu. — Prazer Sra. Aguiar, sou quem arruma os horários na agenda dela, então, pode falar quando quer que ela tenha folga que eu

faço isso em um piscar de olhos.

Aricia sorriu vendo sua mãe fazer o mesmo, mas o seu sorriso sumiu no momento em que ela viu a figura do Derek passando pela porta do salão. Ele estava usando um terno preto, com camisa branca e gravata preta. Foi impossível não chamar atenção. Aricia apertou as mãos em esperança que sua mãe não se virasse naquele momento. Se tinha uma pessoa que sua mãe odiava, essa pessoa era Derek Holt.

— Já volto.

Antes que sua mãe ou Lane pudessem perguntar alguma coisa, Aricia caminhou na direção do homem que estava parado na entrada do salão e chamando atenção. Ele estava carregando um enorme embrulho e seus olhos corriam pelo salão como se aprovasse tudo.

— Sai daqui agora. — Aricia o agarrou pelo braço, mas Derek não se moveu.

— Nossa que recepção, nem parece que eu tirei o meu estresse alguns dias atrás. Estou bem aqui e está tudo muito bonito.

— Derek, estou pedindo, ou melhor, estou suplicando, por favor, sai daqui!

— Não. — Derek deu mais alguns passos para dentro do salão e Aricia parou em sua frente o impedindo. — É a festa de dois anos do meu filho, trouxe um presente e quero entregá-lo e você deixará isso acontecer.

— Só por isso do meu cadáver!

— Isso não é nenhum problema para mim, *Patricinha*. Acredite. Só que tem muita gente aqui e não quero dor de cabeça, então, arraste essa bunda enorme e gostosa que você tem para o lado e mostre aonde está o meu filho que eu quero lhe dar um abraço e esse presente.

— Não! — Aricia o encarou com segurança. Derek não chegaria perto do seu filho, nem que ela arrumasse uma confusão naquele momento, nem que todo o seu trabalho fosse por água abaixo, Derek não chegaria perto do seu filho.

— Aricia. — Cloe estava parada ao seu lado segurando o seu braço. Sua amiga era bem menor do que ela, e até mesmo menor do que Derek, mas Cloe tinha coragem e foi com essa coragem que ela

NACIONAIS - ACHERON

se meteu entre os dois. — Está todo mundo olhando, inclusive os seus pais. Pare com isso. Deixe ele entregar o presente e ir embora.

— Quem falou em ir embora, Cloe? — Derek piscou na direção da Cloe. — Saudades suas, *loira*. Devo muita coisa a você, sabia?

— Agora não, Derek. Aricia, o leve até o Gabriel e acabe logo com isso.

— Eu te odeio. — Aricia resmungou entre os dentes encarando Derek com raiva ele sorriu como se aquilo não fosse importante.

— Entre na fila, *patricinha*. Onde está o meu filho?

Tendo os olhos dos convidados sobre suas figuras, Aricia o acompanhou em direção ao pátio aonde estavam os brinquedos e, certamente, Gabe estava brincando na companhia da Drika, sua babá. E ela estava certa. Gabriel estava pulando em um brinquedo inflável e Aricia se aproximou do brinquedo tendo a presença de Derek logo atrás de si.

— Gabe. — seu filho a olhou com um

brilho mais do que especial nos olhos e a vontade que a Aricia tinha naquele momento era de chorar. Não queria que Gabriel conhecesse aquele homem de forma alguma. Sabia que tudo podia estragar depois daquele encontro. — Vem aqui meu gigante.

Mesmo a contragosto, ela assistiu Gabriel vir em sua direção e o ajudou a sair do brinquedo. Ele já estava suado e sujo e o aniversário nem mesmo estava na metade.

— Hey *homenzinho*. — Aricia sentiu uma pontada no coração quando Derek se abaixou na altura do Gabriel e o chamou.

Os olhos de Gabe que eram da cor dos seus brilharam com uma alegria especial ao ser chamado por Derek e aquilo cortou o seu coração. Ela tinha medo daquela conexão, pois ela sabia o quanto Derek era instável. Um dia ele estava lá e no outro não e ela não queria que o seu filho passasse pela mesma coisa que ela havia passado: A perda.

— Trouxe algo para você.

Gabriel parecia encantado com o imenso presente que estava nas mãos de Derek, o que era absolutamente normal para uma criança na sua

NACIONAIS - ACHERON

idade. O homem sabia como chamar atenção.

— Olha *mama*. — Gabriel mostrou a imensa pista de corrida que Derek havia comprado e Aricia sorriu para o seu filho enquanto o seu coração gritava para tirar aquele homem de perto do Gabriel.

— Acho melhor você deixar esse brinquedo aí e ir brincar com a Drika, meu Príncipe.

— 'Tá.

E assim como Aricia estava prevendo, Gabriel deu as costas para Derek o deixando sozinho e aquele gesto acalentou o seu coração. A forma como Derek parecia deixado para trás fez com que o seu coração sorrisse, não só o seu coração.

— Você amou isso, não é? — Derek ficou de pé arrumando o terno e mexendo o pescoço de forma desconfortável.

— O quê? — Aricia arqueou a sobrancelha em desafio.

— Vê-lo ir embora como se eu não fosse ninguém.

— Você não é ninguém, Derek. Gabriel não sabe da sua existência e nunca saberá. Para o meu filho você é só mais uma pessoa que eu conheço e que ele nunca lembrará. Amanhã mesmo ele nem saberá quem lhe deu essa *porcaria*.

Aricia pegou a caixa do brinquedo e passou a caminhar na direção do salão. Ela tinha um local especial para depositar os brinquedos que Gabriel estava recebendo.

Mas o brinquedo do Derek não estaria em evidência. Conhecia muito bem sua família e sabia que quando sua mãe ou pai vissem aquele brinquedo, que não era nada discreto, perguntariam de quem Gabriel havia recebido aquele presente e ela não estava nenhum pouco afim de contar que Derek Holt, o terror da vida, estava de volta. Aricia caminhou na direção de uma pequena sala que havia no clube e assim que abriu a porta da mesma, a sala possuía algumas coisas guardadas da decoração, Derek simplesmente a empurrou para dentro da sala e fechou a porta colocando a chave dentro do bolso do terno. Aricia respirou fundo colocando o brinquedo no chão, com a raiva que

estava sentido, seria capaz de jogar a caixa contra Derek e quebrar tudo.

— Acho que precisamos conversar.

— Ahh. — Aricia cruzou os braços sobre os seios e sorriu. — Você acha, espera aí, depois de dois anos, depois que você saiu pela porta daquele apartamento levando suas coisas e sem explicar o porquê, você acha que precisamos conversar?

— Você consegue esquecer o passado por um minuto?

— Esquecer o passado, Derek? Você está brincando comigo?

— Não pretendo ir a *lugar nenhum*, Aricia. Então você precisa se acostumar com a minha presença na empresa e parar de rosnar e arranhar toda vez que eu passar por você.

— Posso fazer isso se você manter distância minha e do meu filho.

— E é aí que precisamos conversar. Quero fazer parte da vida do meu filho.

— Isso é algum tipo de piada? — Aricia riu.

— Eu fui embora e daí? Você me odeia por

isso, grande coisa. Mas eu voltei e tenho direitos sobre o meu filho. — Derek se aproximou mais dela e Aricia deu dois passos se afastando. — Você mesma disse, eu mudei, estou diferente, sou uma pessoa que você não conhece, e você tem toda razão. Não sou mais aquele moleque que invadia o seu quarto pela janela de madrugada, sou um homem agora e tenho recursos que você desconhece. Se houver alguma proibição por sua parte, eu tenho meios bem prejudiciais a você para estar ao lado do meu filho. Então, seja inteligente, eu sei que você é muito inteligente, Patricinha. Eu me encantei com você por causa disso.

Derek a tocou no queixo e antes que Aricia percebesse ela havia lhe dado um tapa no rosto. Ela viu o rosto do Derek virar um pouco para o lado, mas ele não teve nenhuma reação aquilo. Depois daquele primeiro tapa, algo se encheu dentro dela e no segundo seguinte Aricia deu mais um tapa e mais um, e mais um e quando percebeu estava dando uma sucessão de tapas contra o peito do Derek enquanto, calado, ele recebia cada agressão.

— Sai daqui.

A vontade que ela tinha era de chorar, gritar o quanto o odiava. Ela sabia muito bem que as palavras de Derek eram ameaças. Ele estava a ameaçando. Aricia levantou a mão de novo, dessa vez ela estava pronta para dar um soco contra o rosto do homem que estava em sua frente, mas Derek segurou sua mão e a puxou com força contra o seu corpo.

— Você pode me bater o quanto quiser, Patricinha. Eu sei muito bem o que você precisa.

Aricia tentou sair do meio dos seus braços, mas ele estava determinado a tê-la de novo e dessa vez ela não sairia de dentro daquela sala pedindo obrigado e com um sorriso de quem estava ganhando aquela batalha que estava acontecendo entre eles. Derek a empurrou contra a parede mais próxima e a ouviu gemer quando sua costa bateu contra a mesma. Aricia levou a mão contra o pescoço dele e Derek sorriu, ela estava o impedindo, ou pelo menos tentando impedi-lo de chegar e seu aperto estava realmente forte, mas ele era homem sua força era superior. Sem pensar que a machucaria, Derek apertou o braço de Aricia a vendo fazer uma careta e em segundos seu pescoço estava livre daquele aperto.

— Se você me beijar... — ele não a deixou terminar, Derek simplesmente a beijou.

Tomou seus lábios de forma bruta e com lasciva. Sua língua pedindo passagem de forma bruta enquanto suas mãos seguravam as mãos de

Aricia com força e seu corpo comprimia o corpo dela contra a parede. Aricia mordeu o seu lábio e o gosto de sangue se fez presente no beijo, mas ele não parou, pelo contrário, ele apertou ainda mais as mãos dela e aprofundou ainda mais o beijo.

— Você quer isso tanto quanto eu. — Derek sussurrou contra os lábios de Aricia mordeu de volta os lábios dela a ouvindo gemer. — Quanto mais você resistir, mais *gostoso* tudo isso será, *Patricinha*.

Aricia estava usando um vestido vermelho, de tubinho e com decote “V”, o que facilitava e muito o que Derek pretendia fazer. Ele usou uma mão para segurar os braços dela e com a outra mão, ele desceu em direção das enormes pernas dela, parte interna das coxas e direto na calcinha que estava usando. A peça era minúscula e não foi nenhum trabalho colocar para o lado e passar o dedo sobre o seu sexo. Aricia gemeu sobre sua boca e naquele momento a força que ela estava usando para afastá-lo já não era mais a mesma.

Derek deslizou o dedo para cima e baixo em seu sexo o sentindo ficar cada vez mais molhado,

sua língua brincava dentro da boca da Aricia e ele abriu os olhos para perceber que ela estava de olhos fechados, suas sobrancelhas estavam franzidas, como se estivesse brigando com o seu próprio controle, mas ele a faria perder aquele controle naquele momento. Ele levou o dedo em seu ponto de prazer e deu a primeira circulada sentindo as pernas de Aricia vacilarem e as feições se tranquilizarem. Agora ele a tinha. Derek soltou as mãos dela e desceu uma lateral do vestido deixando o seio a mostra e o levou a boca, o sugando com vontade enquanto o seu dedo invadia o seu canal.

Aricia o segurou pelo ombro quando Derek aumentou as investidas em seu canal e ele sabia que ela estava perto de chegar em seu prazer. Ele tinha duas opções, dá o que ela queria ou cultivar ainda mais a raiva que ela sentia dele. Naquele momento, mesmo que ela não merecesse, ela estaria dando o que Aricia tanto queria. Derek aumentou as circuladas em seu ponto feminino e em segundos Aricia estava gemendo quando chegou ao seu prazer. Derek aproveitou para lhe dar um último beijo e se afastou. Ela ficou parada, na parede, a

respiração agitada, os olhos fechados.

— De nada. — Derek respondeu sobre os lábios dela.

Derek Saiu da sala sem olhar para trás, seu caminhar pelo salão era de um campeão. Seus olhos avistaram a figura dos pais de Aricia e, assim como sua ex-mulher, o ressentimento apareceu em seus olhos quando o reconheceram. Mas nada daquilo era importante. Derek não estava ali pela Aricia, não estava ali pelos pais dela e até alguns dias atrás não sabia que estava ali pelo Gabriel, mas agora, que sabia que seu filho estava na cidade, Derek sabia que a proteção dele era mais importante do que tudo. A intenção não era fazer com que todos soubessem que Gabriel era a sua fraqueza, a intenção era somente protegê-lo.

— Derek.

Ele parou no momento que o som da voz da Cloe chegou aos seus ouvidos. Cloe era uma bela adolescente na época em que eles estudavam juntos, foi uma bela jovem e agora era uma bela mulher. Realmente dois anos podiam fazer grande diferença na vida de uma pessoa.

NACIONAIS - ACHERON

— Hey Cloe. Como você está?

— Não quero demorar muito conversando com você. — ela sorriu olhando rapidamente para o chão antes de encará-lo completamente séria. — Realmente não sei o que você pretende voltando para a cidade, mas eu juro, Derek. — Cloe fechou os olhos como se tentasse se acalmar. — Não mexa com a Aricia, não chegue perto do Gabriel. Você destruiu sua chance de ser pai quando foi embora dois anos atrás. Ela não o quer em sua vida, ela não o quer perto do Gabriel e se você realmente um dia a amou, você acatará o meu pedido: Fique longe.

— Você deveria estar ao lado do seu irmão, sabia. — Derek se aproximou mais da mulher e Cloe o encarou. — Fico feliz que a Aricia e o Gabriel tenham pessoas que realmente se importam com eles, mas nesse momento eu não preciso do seu conselho, Cloe. — Derek a encarou sério. — Fica fora do meu caminho e não coloque besteira na cabeça da *minha mulher*.

Derek deu as costas para a ex-amiga, mas parou no momento em que a voz da Cloe se fez presente de novo.

— Ela não é a sua mulher, Derek. — Cloe sorriu. — Você foi embora, esqueceu?

— Ela nunca deixou de ser a *minha mulher*, Cloe. Ela só não sabe disso.

E piscando para Cloe, Derek saiu seguindo na direção do seu carro que estava estacionado do outro lado da rua em frente ao salão. Sabia que não seria bem recebido, mas a recepção foi melhor do que ele havia esperado.

Uma hora depois, Derek parou o carro em frente a orla da praia e desceu do carro, tirou o terno, abriu os botões da camisa e seguiu para o banco em que já estava ocupado pelo seu amigo e subchefe Paul.

— Como foi?

Derek sorriu. Não era o tipo do homem que se arrependia das coisas que fazia na vida, mas no exato momento em que ele colocou os olhos sobre Gabriel, ele se arrependeu de ter perdido dois anos do seu filho. Não o viu nascer, não o viu andar e não o viu falar, mas não perderia mais nada agora.

— Ele é a personificação perfeita dela e

minha.

— Você está completamente encantado.

— Ele é meu filho, claro que estou encantado.

Paul sorriu negando com um aceno de cabeça.

— Você está encantado com a Aricia.

— Ela é uma mulher espetacular e transamos de novo, mas nada mais do que isso.

— Ela é mais do que uma mulher espetacular. Ela é a mulher que você ama e a mãe do seu filho. Tara tem uma concorrente muito forte.
— Derek sorriu.

— Tara nem mesmo é uma concorrente em algo, Paul.

— Você sabe disso, eu sei disso, mas ela não sabe. Então, trate de fazer um ótimo trabalho na cama com aquela mulher, senão, ela é capaz de arrancar a sua cabeça. Aquilo é uma *Viúva-negra*. Mas vamos falar de negócio.

— Quero boas notícias.

— Nosso carregamento chega essa semana.

— Já temos compradores?

— Uma parte dos diamantes ficaram no Brasil e já foram vendidos a outra parte, a que está chegando, ainda não tem destino certo. Você precisa convencer o Faris a comprar os diamantes de você.

— Farei isso segunda. A Aricia está trabalhando no lançamento da coleção dela, e pelo que vi em seu portfólio, ela precisará de uma quantidade bem grande de diamantes e você precisa descobrir quem é o distribuidor das pedras para o Faris.

— Passei a tarde trabalhando nisso e já tenho o nome. Eu só queria saber se você queria fazer isso pessoalmente ou se o serviço podia ser feito por mim.

— Quanto tempo eu não mato ninguém? — Derek sorriu quando Paul olhou no relógio.

Seu subchefe as vezes parecia completamente insano. Um pouco da sua humanidade sumiu depois que ele virou amigo íntimo do Paul.

— Dois meses, vinte quatro horas e dezenove minutos.

— Acho que preciso sentir algo correndo pelas minhas veias.

— Acho que você está completamente certo. O homem deixa o emprego as sete da noite, é a hora que o show irá começar!

Derek sorriu de novo balançando a cabeça. Paul conseguia falar todas aquelas coisas e não sorrir, o que o deixava ainda mais assustador levando em consideração a sua forma física e como os seus olhos azuis brilhavam quando ele sabia que seria responsável pela morte de alguém.



Derek e Paul estavam dentro do carro e assistiram quando o seu alvo saiu do pequeno galpão que ficava de esquina, fechou a porta de metal e saiu caminhando dobrando a esquina logo em seguida. Derek abriu a porta do carro e saiu sendo seguido por Paul. Os dois precisavam ser precisos e não podiam ser visto. Estavam em uma

NACIONAIS - ACHERON

área comandada por Henrico Velásquez e qualquer deslize custaria suas vidas.

— Você já tem ideia do que fará com ele?
— Paul questionou enquanto os dois atravessavam a rua e seguiam o homem.

O alvo estava mexendo no celular o que facilitava, e muito, a sua aproximação.

— Preciso que não pareça uma morte, do contrário teremos problemas.

— Que não pareça uma morte. — Paul olhou para os lados antes de atravessar mais uma rua. — Temos o nosso galpão nas docas, podemos levá-lo até lá e depois armar alguma cena.

— Faremos isso, mas antes precisamos pegá-lo.

— Isso não é problema.

Com três passos mais largos, Paul chegou até o homem e o pegou por trás, levando o seu braço em seu pescoço e o apertando. Derek ficou atrás tendo a certeza que ninguém estava os observando e a sorte era que a rua estava vazia. Quando seus olhos tornaram a olhar o seu alvo,

cujo o nome era Alfonso, Paul já o tinha completamente desacordado e no chão.

— Vou pegar o carro.

Derek correu até o carro e o trouxe até Paul e o homem que ainda estava desacordado. Quem olhasse para os dois, realmente os chamariam de loucos. Dois homens, armados e tomando conta de uma máfia que mais queriam suas mortes do que sua ascensão. Estava tudo correndo para dar errado, mas Derek faria dar certo. De qualquer jeito, eles colocaram Alfonso no porta malas do carro e Derek entrou na parte do carona deixando Paul guiá-los para as docas.

Uma hora depois, os dois estavam entrando no galpão com o carro e um Alfonso que já estava completamente acordado dentro do porta malas e gritando. Derek desceu do carro, pegou a arma e abriu o porta malas apontando a arma na direção do seu alvo.

— Boa noite Sr. Alfonso, creio que o senhor não me conheça e que até mesmo não mereça estar aqui, mas infelizmente eu tenho negócios a tocar. Preciso manter a minha máfia

NACIONAIS - ACHERON

viva e o seu nome foi o escolhido para que a minha felicidade seja concreta.

O homem dentro do porta malas parecia completamente assustado, mas confusão passava em seus olhos, assim como medo.

— Ele não está entendendo nada. — Paul parou ao seu lado e debochou do homem que estava no porta-malas.

— Vou lhe explicar melhor. — Derek guardou a arma, mas sabia que Paul estaria com a sua arma direcionada para Alfonso. — Você tem negócios com Faris, não é? — Derek questionou enquanto revistava Alfonso e como ele previa, Alfonso estava armado.

— Quem é Faris?

— Raul Faris, uns dos donos da empresa de joias Faris.

— O que tem o meu negócio com ele?

— Eu sou seu novo patrão. Ninguém chegou lhe dizendo que um novo sócio estava vindo para cidade e blá, blá, blá? — Derek não obteve resposta, ele podia ver o ódio aparecer nos

olhos do homem que estava na sua frente. — Não leve para o lado pessoal, mas eu realmente preciso fazer isso.

— Me matar? Você realmente precisa me matar é isso mesmo que você está me falando? Como se estivesse me contando que vai chover quando eu preciso que faça sol?

— Você é durão! — Derek desarmou a arma que Alfonso estava carregando e a jogou no chão do galpão. — Adoraria estourar essa dureza que você tem com belos de uns tiros, mas infelizmente eu não posso fazer isso. — Derek arregalou os olhos como se fosse insano e escutou a risada de Paul logo atrás dele. — Então, vamos brincar de uma coisa diferente. Preciso de cordas, Paul.

Derek puxou o homem de qualquer jeito e colocou a sua própria arma na direção da cabeça dele. Ela estava engatilhada e pronta para disparar vários tiros se fosse preciso. Paul voltou com uma corda fina e outra um pouco mais grossa. Derek pegou a corda fina e amarrou o pulso do Alfonso e com a mais grossa deu um nó em volta do pescoço

dele puxando bem apertado.

— Uma cadeira ou algo que seja alto o suficiente para que esse cavalheiro voe e sinta o vento tocando os seus cabelos.

Paul veio carregando nos braços um imenso caixote e Derek puxou Alfonso mais para perto de um suporte de madeira que era alto o suficiente para causar uma asfixia no homem que estava como seu refém.

— Por favor. — Derek indicou o caixote, mas ele sabia que Alfonso não teria condições de subir com as mãos amarradas.

Até aquele momento o homem não estava demonstrando medo, mas agora tudo parecia fazer sentido. Ele estava vendo sua morte iminente e o medo estava passando em seus olhos.

— Não faça isso. Eu tenho família, eu tenho filhos e...

— Ele tem filhos, Paul?

— São maiores de idade. — Paul respondeu enquanto o colocava sobre o caixote.

— Superarão a sua morte. — Derek

respondeu jogando a corda mais grossa sobre a pilastras de madeira e a segurando na mão. — Você tem algo a dizer?

— Vocês são... — finalmente o homem estava desesperado e parecia que estava prestes a chorar. — Loucos.

— Isso não é novidade, *moço*.

Com um chute Derek derrubou o caixote no chão e Alfonso deu um grito antes que seu corpo ficasse pendurado somente pela corda em seu pescoço. Enquanto o homem debatia as pernas em completo desespero, sua face estava ficando com uma cor horrível e seus lábios espargiam saliva. Derek estava rindo e Paul estava o acompanhando na risada. Derek deu um puxão na corda e o som do pescoço de Alfonso sendo quebrado juntou—se a risada dos dois.

— Você acha que alguém achará que ele não se matou?

— Impossível.



O aniversário do Gabe havia sido perfeito, e o que Aricia mais amava depois do aniversário era sentar no seu apartamento e assistir Gabe abrir presente por presente e ser completamente feliz. O domingo estava sendo perfeito ao lado da sua família e era bom estar na casa dos seus pais desfrutando da companhia deles e de amigos.

— Ele gostou mais do presente do Derek.

— Cloe sentou ao lado da Aricia virando com tudo o copo de bebida que estava em sua mão.

— Gabriel sabe me tirar do sério.

O viu gritar quando o carrinho voou longe o suficiente para deixá-lo empolgado. Ele correu até o carrinho e voltou correndo em direção da pista de corrida e tornou a fazer os carrinhos voarem.

— Falei com ele.

— Com quem?

— Com o Derek, falei com ele ontem antes que fosse embora, Ele praticamente me ameaçou e... Ele disse que eu deveria estar ao lado do meu irmão.

Aricia que estava levando o copo de bebida até a boca parou no exato momento em que aquelas palavras deixaram os lábios da Cloe.

— Ele falou o quê? Por que ele falaria isso? Ele nem mesmo conhece o seu irmão, Cloe.

— Exatamente. — a mulher bateu uma mão contra a coxa e olhos estavam brilhando. — Foi nisso que fiquei pensando depois que ele foi embora, na hora eu realmente não prestei atenção porque estava com raiva, mas mais tarde deu um clique. Ele nem mesmo conhece o meu irmão para falar uma coisa dessa, então, levando em consideração que você disse que ele está completamente diferente e...

— Ele surtou quando me viu com o Rex Colton.

— Com o Tirano gostoso que vai casar com a Alix?

— A não ser que você conheça outro Rex Colton, sim, foi com esse mesmo. Ele disse que eu não sabia com quem estava me metendo, que ele era um mafioso e no dia que... — Aricia olhou para os lados para ter certeza que ninguém estava

NACIONAIS - ACHERON

as ouvindo. — Transamos, ele disse que eu estava em uma boate de mafiosos e que estava completamente louca por isso. Mas na realidade o único que parecia um mafioso ao meu ver era ele.

— Derek não faria isso, não é? — agora Cloe era quem parecia assustada. — Derek era um *playboy* que gostava de pegar mulher. Esse era o seu talento, pegar mulher. Isso só parou quando ele se apaixonou por você e vocês viveram aquele *lindo romance*, mas Derek não seria um mafioso.

— Lembra quando ele me deixou? Como ele estava estranho? Faltando as aulas na faculdade, faltando ao trabalho e completamente distante? Nem mesmo queria sair, falava que as ruas estavam perigosas e sempre que tinha oportunidade falava sobre o fato de ir embora de *Roadland*?

— Às vezes ele só estava deixando claro que ia embora, não que ele estava envolvido com a máfia.

— Então porque você veio falar sobre o fato dele perguntar do seu irmão, Cloe? Ou você é maluca ou você quer que eu fique maluca.

Cloe sorriu e Aricia tomou mais um pouco
NACIONAIS - ACHERON

da sua cerveja. Não sabia o que pensar de Cloe as vezes.

— Só queria saber como você reagiria quando eu contasse.

— Contasse o quê?

— Que eu conversei com o Aaric e ele me confirmou que Derek Holt é um mafioso.

Aricia arregalou os olhos e quase cuspiu a cerveja que tinha acabado de tomar.

— Ele é o quê?

— Derek Holt virou nada mais nada menos que o chefe de uma máfia.

Definitivamente Derek não era mais o mesmo homem que ela conhecia.

— *Você me ama? — Derek parecia completamente desesperado ao falar com Aricia. Suas mãos estavam suadas e tremendo.*

— *Claro que amo, mas o que aconteceu?*

— *Preciso que você tenha coragem o suficiente para largar tudo e morar comigo, Patricinha.*

— *Como assim? Largar tudo e morar com você? — Aricia sorriu segurando o rosto de Derek em suas mãos. — Você precisa se acalmar. Não sei o que aconteceu, mas você melhor do que ninguém sabe que isso que está saindo da sua boca é um absurdo.*

— *Meus pais vão se separar. — o sorriso da Aricia sumiu. Ela sabia que já fazia algum tempo que os pais do Derek estavam vindo de constantes brigas. Muitas noites Derek invadia o seu quarto para passar a noite ao seu lado, já que ele não aguentava as brigas. — Meu pai descobriu a traição da minha mãe, a agrediu, eu o agredi e*

você sabe o resto da história. Você conhece o quanto abusivo o meu pai pode ser, Patricinha. Não posso mais voltar para casa.

— Calma. Eu entendi, mas isso não significa que você precisa fugir, amor.

— ELE ME COLOCOU PARA FORA DE CASA, ARICIA!

— Eu entendi, Derek, mas você precisa se acalmar. Não posso largar tudo. Tenho meus problemas com minha família também, mas nada que me faça largar tudo.

— Então quando você falava que me amava era tipo o amor que a minha mãe tem por mim? Um amor de merda.

— Okay. — Aricia ficou de pé observando a figura desesperada de Derek em sua frente. — Vou realmente fingir que não ouvi isso. Quando você estiver calmo, você me procure, mas na situação que você está, não posso ouvi-lo.

— Você irá me abandonar, como meus pais estão fazendo? Ou você acha que não sou bom o suficiente para você como sua mãe vive dizendo?

Aricia se aproximou de Derek, mais uma vez segurando seu rosto e olhando dentro dos seus olhos.

— Eu amo você e se tiver que ir morar com você, eu irei, mas tudo tem que ser pensado de forma centrada. Não é somente duas pessoas morando juntas. Envolve muito mais do que isso. Envolve responsabilidades. Ainda somos jovens.

— Sei que somos jovens, sei que uma decisão dessa envolve muita coisa, mas uma coisa eu lhe prometo. Posso morrer, mas nunca lhe faltará nada nessa vida, Patricinha. Nada. Acredite, eu sou o homem certo para você.

A porta bateu e Aricia deu um pulo voltando dos pensamentos do passado e percebeu que a folha em sua frente não estava em branco, mas também não havia o desenho de uma joia. Ela havia desenhado o esboço do rosto do Derek.

— Estou ligando para o seu telefone faz cinco minutos, Ari. — Elaine parecia assustada na sua frente. — Sala de reunião, agora. Aconteceu algo terrível.

Deixando as coisas como estavam e guiada
NACIONAIS - ACHERON

somente pelo olhar aterrorizado que estava nos olhos de Elaine, Aricia seguia sua amiga em direção a sala de reunião. Alguns funcionários ainda estavam entrando e um burburinho estava rolando pelo local. Faris estava na ponta da mesa conversando bem baixinho com os outros acionistas e Derek estava no meio deles, mas parecia o menos afetado de todos. O Derek vulnerável que um dia ela havia conhecido, que chorava quando seus pais brigavam e quando seu pai agredia a sua mãe e ele não podia fazer nada não existia mais, havia malícia em seus olhos, havia algo que Aricia não conseguia mais reconhecer como o homem que um dia ela havia amado.

— Feche a porta, por favor. — Faris pediu ao último funcionário que entrou na sala de reunião.

Algumas pessoas pareciam aterrorizadas e outras pessoas, como ela, pareciam não saber de nada que estava acontecendo.

— Não sei nem como falar isso para vocês, mas foi comunicado hoje pela manhã que o,
NACIONAIS - ACHERON

Alfonso, nosso principal fornecedor de pedras preciosas foi encontrado morto hoje pela manhã em seu quintal. Sua esposa estava viajando e os vizinhos o encontraram com uma corda amarrada ao pescoço, a suspeita é que ele tenha se suicidado.

Alfonso Chanchez, um homem durão, mas que realmente amava a vida. Aricia esteve com ele em algumas situações que não lhe agradaram, nunca que aquele homem tiraria a própria vida. Ele amava suas pedras preciosas mais do que amava sua esposa, disso Aricia sabia. E a prova que aquela morte não havia sido um suicídio estava na ponta da mesa. Derek era a única pessoa que escondia um sorriso com os dedos e se alguém dentro daquela sala fosse inteligente o bastante saberia que Derek tinha tudo a ver com a morte do Alfonso.

Aricia não conseguiu tirar os olhos da figura do Derek e nem mesmo ouviu nada do que Raul Faris falou, quando Elaine tocou em seu braço e fez sinal para que as duas deixassem a sala de reunião, Aricia só queria estar o mais longe de Derek que fosse possível.

— Você irá para casa?

— Por que eu iria para casa? — Aricia sentou em sua cadeira vendo seu trabalho incompleto.

Desde a chegada de Derek ela não estava produzindo direito e mesmo que sua coleção estivesse prestes a ser lançada, ela precisava estar em constante produção e isso não estava acontecendo no momento.

— Sr. Faris decretou o dia de luto na empresa e avisou que mandará um comunicado com local e hora do enterro do senhor Alfonso.

— Não ouvi nada, Lane. Me perdoe.

— O que aconteceu dessa vez, Ari? — Elaine estava mais contida e Aricia sabia que era por causa da situação: morte. Sua amiga podia ser bem louca as vezes, mas Elaine tinha sentimentos e sabia ficar abalada quando o assunto era algo sério.

— Só tirei o dia para pensar em certas coisas e descobri que sempre fui cega.

— Do que você está falando?

— Com licença. — Derek não bateu na porta. Ele simplesmente a abriu como se a sala

fosse dele e como se tivesse permissão para entrar quando quisesse. Elaine lhe deu um olhar carregado e saiu sem falar uma palavra, o que deixava claro que sua amiga não havia gostado da atitude do mafioso. — Podemos conversar?

— Se eu falar que não, não adiantará muita coisa. — Aricia ficou de pé arrumando suas coisas.

Os desenhos que vinham em sua mente, eram somente desenhos mais agressivos, joias que em nada combinavam com a próxima coleção. Ainda tinha o anel de Alix Hine, futura Sra. Colton, que ela precisava desenhar. Mas o engraçado era que não estava lhe faltando inspiração, pelo contrário, sua mente estava borbulhando de ideias para joias mais rusticas.

— A resposta foi rude, mas ainda assim não foi a resposta que estava esperando. Você parece mais calma.

— Só não estou muito afim de brigar, Derek. Acabei de descobrir que uma pessoa que eu conhecia, apesar de não gostar muito dele, morreu, ou melhor, se matou. Não estou no clima para brigas. Acho que consigo me comportar perto de

NACIONAIS - ACHERON

você pôr... cinco minutos, talvez?

Derek sorriu e Aricia desviou o olhar para os seus portfolios.

— Como está o meu filho?

— Bem.

— Olha, eu sei que você me odeia, mas você terá que conviver com a minha presença e acho que seria sensato da sua parte me deixar chegar perto do meu filho e...

— *Por que você matou o Alfonso?*

— Como?

Aricia bateu as mãos contra a mesa. O lado calmo dela havia desaparecido. Não aguentaria ficar olhando para um Derek que estava se fazendo de coitado bem na sua frente quando ela reconhecia a verdade.

— Por que você matou o Alfonso?

— Eu não o matei.

— Claro que você o matou, Derek. De todas as pessoas dentro daquela sala, você era o único que estava sorrindo quando Raul falou da morte dele.

— E só por causa disso eu o matei?

— Não, você o matou porque você se tornou o chefe de uma máfia!

O sorriso que Derek estava deixando brincar em seus lábios sumiu.

— Como?

— Como eu sei? É isso que você quer saber, não é?

— Como você se atreve a se meter na minha vida? — Derek estava do outro lado da sala e em segundos estava na sua frente.

Um olhar de ódio, a tal sombra e aquilo que Aricia não reconhecia mais nele estava o apossando de novo.

— O que você fez da sua vida, Derek? No que você se meteu?

— O que você me fez fazer da minha vida seria a pergunta certa, Aricia!

— Eu? — Aricia sorriu com deboche? — Lhe amar foi o que eu fiz, largar a minha família por você foi o que eu fiz, morar em um apartamento ferrado com você foi o que fiz e o que

NACIONAIS - ACHERON

ganhei com isso? Você indo embora no meio da madrugada como se fosse a merda de um bandido! Hey... espera aí, VOCÊ É A MERDA DE UM BANDIDO! — Aricia deu com as duas mãos abertas no peito do Derek o fazendo dar dois passos para trás. Não queria chorar, mas já era tarde. — E o que você estava fazendo esse tempo todo?

— ESTAVA FAZENDO TUDO POR VOCÊ! — Derek gritou segurando o rosto de Aricia em suas mãos e encarando aquele par de olhos verdes. — Larguei faculdade, perdi a minha bolsa de estudos, estaria na NBA agora, mas eu larguei tudo isso porque eu precisava provar para os seus pais que viviam enchendo a sua cabeça que eu era um merda, que eu podia ser alguém nessa vida e que podia lhe dar uma vida digna. Foi por isso que eu me envolvi com a máfia, por isso que passei a mentir para você! Para ser alguém que você pudesse colocar ao seu lado e dizer com orgulho que era o homem que você amava! Para os seus pais pararem de dizer que você estava indo para o buraco e que você morava em um buraco! Queria lhe dar o melhor.

— EU TINHA O MELHOR, POIS EU TINHA VOCÊ, SEU IDIOTA! — Aricia tentou se soltar, mas Derek não deixou. — Você acha mesmo que se eu quisesse dinheiro, mansões e um homem rico eu teria saído da casa dos meus pais em primeiro lugar? SEU BURRO! Eu te amava como você era! Te amava mesmo quando você gritava aos quatro ventos que não aguentava mais aquela vida que levávamos, te amei quando você disse que era para eu voltar para casa do meu pai, e te amei quando acordei pela manhã e li a porcaria daquele bilhete em que você dizia que estava me deixando para que eu fosse feliz! — Aricia passou a mão pelo rosto borrando a maquiagem. — Eu era feliz, eu estava feliz. Eu tinha você, eu tinha o nosso filho que estava crescendo dentro de mim, não precisava de mais nada. Nunca almejei status, Derek. E você sempre soube disso. Eu te amei quando o nosso filho nasceu e eu vi muito de você nele, mas você me culpar pela vida que você levou ou está levando, eu não aceito!

— Patricinha, eu...

— Não, Derek. — Aricia virou o rosto

quando Derek tentou beijá-la. Quando os dois transaram pela primeira vez ela estava realmente necessitando daquele momento, mas agora era muito mais do que um descarregar de prazer. — Preciso que você me deixe em paz.

— Quero conversar com você, arrumar as coisas.

— Já conversamos. Você fez o que fez por achar que eu queria dinheiro e agora me culpa pela vida que leva, já nos entendemos. — Aricia respirou. — Você pode enganar o Faris, pode enganar as pessoas dessa empresa, mas eu sei quem você é realmente. Sei o quanto sujo você pode ser e que sua sujeira mata as pessoas em sua volta.

— Nunca faria nenhum mal a você, Aricia, mas você precisa saber que sua boca tem que ficar fechada. — e em um segundo o Derek vulnerável estava ali e no outro a sombra de um homem ruim tomava conta da alma de Derek e isso aparecia em seus olhos.

— Agora estou sendo ameaçada? É isso?

— Não, estou deixando claro que eu mando nessa empresa agora e que você ficará de boca
NACIONAIS - ACHERON

fechada sobre o que você sabe. Faris aceitou os meus termos e as coisas irão mudar por aqui. Se você quiser manter o seu trabalho, não dará uma palavra com ele, do contrário...

— Do contrário você me colocará para fora dessa empresa e me deixará a mercê da vida como você sempre me deixou esses anos todos. Com isso já estou acostumada, Derek. Fique descansado, não contarei nada a ninguém. Ao contrário de você, eu tenho um filho para sustentar. Agora, por favor. — Aricia apontou para a porta, mas Derek continuou parado a encarando, ele estava brigando com algo dentro de si.

A sombra que o puxava para o lado das trevas e o lado bom que cismava em deixa-lo na luz.

— Nunca a deixei a mercê do mundo, Aricia. — Derek caminhou até a porta enquanto Aricia ria de suas palavras.

— Colocar alguém para me vigiar não faz de você o homem do ano, Derek.

— Realmente, mas sustentar a sua família quando o seu pai estava completamente falido vale
NACIONAIS - ACHERON

de alguma coisa nesse mundo, *Patricinha*.

E com aquelas palavras Derek saiu a deixando sozinha e completamente confusa.



Derek assistiu a figura de Aricia deitada na cama de bruços dormindo. Ela ainda estava completamente nua depois da intensa e última noite de amor dos dois. Ela não sabia, mas estava tudo planejado em sua mente. Era a última vez que ele tocaria aquele corpo, beijaria aquela boca e faria carinho sobre o ventre que estava carregando o seu filho. Não queria, mas sua vida havia tomado um rumo o qual ele não esperava. Sempre quis dar o melhor para a Aricia, ela se sacrificou para ficar ao seu lado e ele buscou o mesmo sacrifício para que ela tivesse orgulho dele, mas as coisas não estavam saindo como o planejado. Ser apenas um soldado da máfia do Nial, um homem frio e calculista, mas que confiava nele não era nada simples. Seus bons serviços e comportamentos lhe

renderam bons frutos dentro da máfia e agora, que Nial, estava indo embora para a América do Sul, queria Derek ao seu lado. E sair de uma máfia não era tão simples quanto entrar. A vida de Aricia e Gabe, que estava em seu ventre, estavam em jogo. E ele não se perdoaria se algum dia os perdesse. Então, era melhor fugir, ir bembora, fosse como fosse que Aricia chamaria aquilo, até mesmo que o chamasse de covarde, mas ainda assim, ela estaria viva. E isso que importava.

Derek sentou na ponta da cama vendo as poucas coisas que eles haviam comprado para Gabe, a vida estava melhorando aos poucos. Aricia estava indo bem na faculdade, ele estava mentindo sobre ainda estar na faculdade, mas ela estava feliz e era isso que importava. Ele havia a amado como a última vez e ela sabia que tinha algo diferente acontecendo, mas não disse nada. Só aceitou tudo o que Derek estava lhe dando. Derek ficou de pé pegando a bolsa que já estava pronta e saiu do quarto depositando o bilhete sobre a pequena mesa na sala. O apartamento era pequeno, mas era deles. Foi ali que os dois compartilharam suas

maiores alegrias. Como Aricia descobrir que estava grávida, e agora ele estava deixando tudo aquilo para trás. Derek pegou o celular discando o número que já era conhecido.

— Estou ouvindo.

— Estou saindo agora, Cloe.

— Derek, por favor. Não faça isso, posso falar com o meu irmão e ele pode falar com o pai dele, e...

— Não quero o seu irmão envolvido nisso. Você sabe que Nial não tem negócios com ninguém nessa cidade. Não quero envolver ninguém, Cloe. Só peço que você a ajude quando ela precisar e dê o dinheiro quando eu enviar, com certeza, ela não aceitará se souber que sou eu quem estou ajudando.

— Ela vai me matar se descobrir que um dia eu sabia disso.

— Por isso levaremos esse segredo para o túmulo conosco. Não ligo que você me odeie. Me odeie se preciso for, sinta a raiva junto com ela, chore junto com ela, mas não a deixe sozinha nem

por um minuto.

— Sinto muito por tudo isso.

— Também sinto muito. Cuide do meu filho e sempre que possível, diga a ela que eu a amo.

E Derek finalizou a ligação saindo do apartamento e fechando a porta.

— Cansado? — Derek voltou dos seus pensamentos quando os lábios de Tara tocaram o seu pescoço enquanto suas mãos lhe acariciavam em uma massagem relaxante nos ombros.

Ele estava sem camisa, usando somente uma calça jeans e estava bebendo uma cerveja sentado em seu escritório. Tara já estava ali, mas foi impossível não voltar no tempo.

— Um pouco. — Derek respondeu tomando mais um pouco da sua cerveja e gemendo quando Tara tocou em um ponto relaxante em seu pescoço.

— Você chegou cedo hoje, está tudo bem?

— Sim, um dos fornecedores de pedras da empresa foi encontrado morto.

Tara deu uma baixa risada e Derek fez uma careta. Ela era maligna assim como ele,
NACIONAIS - ACHERON

completamente diferente do que Aricia era.

— Entraremos na jogada agora, então, amor?

— *Amor. — Derek estava do lado de fora do banheiro esperando Aricia que já fazia alguns minutos que já havia entrado no pequeno cômodo levando consigo dois testes de gravidez que ele havia comprado na farmácia.*

Ela não o deixou entrar e agora, ele estava ali, nervoso, suando frio e a chamando enquanto ela não respondia seus chamados. Daqui a pouco ele derrubaria aquela porta.

— *Aricia, se você não me responder, eu juro que vou derrubar essa porta e... — Aricia abriu a porta do banheiro e saiu com os dois testes na mão.*

Ela estava chorando e só o fato de ver lágrimas em seus olhos já o assustou e muito.

— *O que aconteceu? Está tudo bem?*

— *Vamos ter um filho.*

O coração de Derek disparou e ele agarrou Aricia pela cintura, tomando os seus lábios em um

beijo e a rodando no pequeno corredor. As coisas estavam difíceis para ele na máfia, quem sabe um filho seria o que ele precisava para largar tudo e finalmente ser feliz ao lado da Aricia sem mentiras?

— Você está certa disso? — Derek a colocou no chão.

— Temos dois testes para comprovar isso.

Derek estava chorando agora ao ver as duas linhas em ambos testes.

— Amor.

— Preciso sair. — Derek ficou de pé deixando Tara parada com as mãos jogadas ao lado do corpo.

— Aonde você vai, Derek?

— Resolver uma coisa que já deveria ter feito há muito tempo.

Derek pegou a camisa que estava no sofá e saiu do escritório a abotoando. Aricia o escutaria e eles resolveriam aquele problema de vez. Sim, ele agora era chefe de uma máfia, mas ele sempre a amou, e ela não havia esquecido o amor que sentia

PERIGOSAS

por ele. E o que ele queria, ele tinha de volta.

NACIONAIS - ACHERON

9

Aricia saiu direto do seu trabalho para casa dos seus pais, ligou para sua casa, deixando claro para a babá do seu filho que corria o risco de chegar um pouco tarde. Mesmo com o dia de luto, por causa da morte do Alfonso, ela ainda assim ficou no trabalho. Foi no momento da raiva, no momento em que se sentiu traída por sua família que os melhores desenhos para os anéis de Alix Hine surgiram. Depois de desenhar quase a tarde toda e ficar sozinha na empresa, seguiu para casa dos seus pais. Agora, estava sentada a mesa de jantar, vendo seus pais conversando e sorrindo, contando coisas do passado como se uma bomba não estivesse preste a explodir em suas mãos.

— Pai. — Aricia chamou atenção de Israel, seu pai e ele parou de sorrir enquanto contava uma coisa do passado. — Em algum momento da sua vida, o senhor precisou de dinheiro e precisou pedir dinheiro emprestado para alguém?

Israel olhou na direção de Dona, sua mãe, e abriu a boca três vezes antes de responder.

— Não. — Aricia sorriu vendo as maçãs do rosto do seu pai ficando vermelha. Ela sabia que ele estava mentindo.

— Você está mentindo.

— *Okay*, precisei de dinheiro um tempo, mas peguei dinheiro com o banco como toda pessoa faz e...

— Você não pegou dinheiro com o Derek?

— O quê? — Israel ficou de pé como se alguém tivesse lhe dado um choque elétrico. — Por que eu pegaria dinheiro com aquele cara?

— Porque você estava precisando de dinheiro, o banco não lhe deu o empréstimo porque o senhor já estava cheio de dívidas.

— Nunca! Se aquele marginal lhe contou isso, saiba que ele mentiu!

Aricia sabia que quem estava mentindo era o seu pai, levando em consideração que ele estava vermelho, espargindo saliva em seus lábios e sua mãe estava nervosa.

— Não acredito que vocês me deixaram acreditar esse tempo todo que o Derek não prestava!

— E ele não presta! — Dona ficou de pé praticamente batendo com as mãos na mesa. — Ele foi embora na primeira oportunidade que teve.

— Mas vocês não se importaram em pedir dinheiro para ele na primeira oportunidade que tiveram também, mãe!

— Ele já mandava dinheiro todo mês, Aricia! — Dona gritou ficando vermelha assim como Israel, a última coisa que Aricia queria era que Derek tivesse realmente razão em toda aquela história, mas ele estava tendo e isso era um grande problema.

— Como?

— Não conta, Israel. — Dona pediu quase que suplicando ao seu esposo, mas Aricia não sairia daquela casa sem a verdade.

— Ele nunca lhe abandonou de verdade. — seu pai respondeu.

— Não faça isso, Israel! Você quer que ela

volte para os braços daquele homem?

— Ela não fará isso, Dona! Aricia é orgulhosa demais para pedir perdão para Derek mesmo sabendo da verdade. — ele deu de ombros. — E já faz dois anos, eu não me importo em contar. Ele nunca lhe abandonou de verdade, sempre esteve cuidando de você de alguma forma. E ele mandava dinheiro todo mês através da Cloe, ela nos avisou logo no primeiro mês e quando eu precisei, quando os negócios não estavam indo bem. — ele respirou fundo. — Você sabe que nos mudar para *Roadland* porque as coisas não iam muito bem na outra cidade e precisei aceitar esse emprego. Estava tudo estável, mas a economia não ajudou e precisei de dinheiro. Cloe sempre deixou claro que Derek estava enviando dinheiro para lhe sustentar. De onde você acha que saiu o dinheiro para o seu acompanhamento no médico?

— Eu estava trabalhando. — Aricia respondeu deixando sua mente misturar os seus pensamentos.

— Mas não ganhava o suficiente para manter um médico caro, Aricia. E estava morando

conosco e isso tudo custava dinheiro, e Derek sabia disso. Quando eu precisei de um pouco mais de dinheiro não foi nenhum problema para ele.

— Mas foi problema deixá-lo viver ao meu lado, não é? Vocês perturbaram a vida do Derek até que ele me deixou porque ele não era bom o suficiente! Mas o dinheiro dele era?

— Ele te deixou porque ele quis. — Dona ficou de pé fazendo a volta na mesa, mas Aricia fez o mesmo.

Não queria a compaixão dos seus pais. Eles nunca gostaram do Derek, quando ela decidiu largar o conforto da sua casa para morar com ele, ela havia comprado uma briga e sabia muito bem disso, mas o amor falou mais alto. Seus pais fizeram da vida deles um inferno. O que Derek falou mais cedo era verdade, seus pais estavam sempre *tentando* encher sua mente com coisas sobre ele, mas Aricia nunca ligou. Ela o amava, e não ligava para as opiniões dos seus pais.

Lutou até o fim pelo relacionamento deles, contudo, Derek não foi forte o bastante. Algo foi mais forte que o amor dos dois, mais forte do que

NACIONAIS - ACHERON

ficar ao lado do seu filho e vê-lo nascer, nem todo mundo nascia com a grandeza imposta a eles e nem todo mundo conquistava essa grandeza ao decorrer da vida.

Aricia ficou de pé pegando a sua bolsa que estava sobre a cadeira ao lado, seus pais ainda estavam falando algo, mas ela não estava escutando. Só queria ir para casa naquele momento, curtir o seu filho e pensar. Não correria para os braços do Derek, ele não merecia isso, mas o escutaria mais da próxima vez que estivesse em sua presença.

— Aricia. — Dona a chamou, mas Aricia não olhou para trás quando abriu a porta e apontou o alarme do carro em direção ao veículo.

O que os seus pais haviam feito com o seu futuro?

Agora era o momento em que os e “ses” começavam a surgir em sua mente.

Se o Derek não tivesse ido embora?

Se seus pais tivessem contado toda verdade antes?

Se ela tivesse ido atrás dele?

Se ele não tivesse voltado?

Muitas perguntas, sem respostas.



Aricia respirou fundo quando as portas do elevador abriram e revelaram a porta do seu apartamento. Estava cansada, não fisicamente, mas mentalmente, contudo, Gabriel não precisava saber disso. Ela colocou um sorriso nos lábios e abriu a porta, mas seu sorriso sumiu ao ver quem estava sentado no seu sofá olhando Gabe brincar.

— Drika! — seu grito foi mais alto do que ela realmente gostaria de ter dado e uma Drika assustada apareceu logo em seguida. — Posso saber o que é isso? — apontou para Derek que estava a olhando completamente sério.

— Mama. — Gabe correu em sua direção a pegando de surpresa pelas pernas. — *Oiá.*

— Sinto muito, Aricia, mas ele apareceu

aqui dizendo que tinha algo a tratar com você e que você estava o esperando. Eu lhe liguei, mas você não me atendeu.

— Estava ocupada.

— Sinto muito por isso, Aricia. Não queria desobedecer suas ordens, mas achei mesmo que ele fosse um cliente seu.

— Sem problemas, Drika. — estava respirando fundo e buscando sua calma.

— Você precisa que eu fique.

— Não, pode ir. Já passou da sua hora e o nosso *belo convidado* não deixa de estar certo, precisamos mesmo conversar.

— Muito bem, estava fazendo algo para vocês comerem, mas não terminei.

— Pode deixar que eu termino. — Aricia se surpreendeu ao ver que Derek resolveu responder e que ele ainda sabia cozinhar.

— Estou indo, então. — Drika seguiu para cozinha e depois saiu, não sem antes dar um beijo do Gabe.

Agora estavam os três sozinhos. Gabe
NACIONAIS - ACHERON

estava brincando e a todo minuto mostrando o que estava fazendo a Derek, que sorria como se aquilo fosse a sua vida e Aricia estava vivenciando aquilo como se fosse o fim da sua. Seguiu para o seu quarto, os deixando sozinhos e tirou os sapatos e trocou a roupa, precisava estar à vontade se ia realmente ter a conversa que achava que teria com Derek. Quando voltou para sala os dois estavam dando risadas, como pai e filho sempre fazia e como se Derek nunca tivesse ido embora.

— Cozinha. — Aricia falou enquanto passava pelos dois na sala. — Gabe, fique aqui brincando.

— Tudo bem mama.

Aricia seguiu para cozinha e viu que Drika havia deixado o arroz lavado, a carne estava dentro da panela, mas estava desligada, ela ligou a panela e começou a preparar o arroz e o purê de batata. Gabriel tinha que comer. Ela particularmente, amava salada, mas não sabia se tinha cabeça para fazer aquilo naquele momento.

— Você ainda come salada? — Derek havia arregaçado as mangas da camisa e abriu a porta da

NACIONAIS - ACHERON

sua geladeira a olhando.

— O que você pensa que está fazendo?

— Vamos conversar, mas não posso fazer isso enquanto lhe observo cozinhar sem vontade ou sente vontade de me matar. Você ainda come salada?

— Sim.

— Muito bem. — ela o assistiu pegar os tomates, couve-flor, alface, cenoura e tudo o que ela tinha dentro da geladeira para fazer salada, mas o que realmente lhe deixou impressionada, foi o fato de que, Derek, ainda sabia o que ela gostava em sua salada. — Faca?

Aricia apontou para o armário e seguiu para fazer o seu arroz. Teria sido assim? Se ele não tivesse ido embora, os dois viveriam daquele jeito? Iriam fazer o jantar juntos enquanto Gabe brincava na sala?

— Falei com os meus pais.

— E?

— Eles me contaram a verdade sobre o dinheiro, Derek. Cloe? Meus pais? Todo mundo

sabia sobre isso, menos eu!

— Porque havia um motivo para isso, *Patricinha*.

— Por favor, não me chame assim. Quero cultivar a raiva que eu sinto por você, então, não tente forçar nada.

— Não estou forçando nada, Aricia. Sempre lhe chamei assim e sempre chamarei. Isso não mudará. E antes que você pire, não quero você brigando com a Cloe, ela só fez o que eu pedi. Foi sua amiga.

— Não odeio a Cloe, eu odeio você!

— Conte-me uma novidade, Patricinha. Você quer arrumar um jeito de ficar com raiva de mim, mas não vai conseguir.

— Não muda nada, Derek. O fato de você mandar dinheiro não muda nada! Eu o queria do meu lado! Foi sempre isso que importou.

— Você lembra o que me falou hoje mais cedo?

— Sobre o quê?

— Que eu sou o Chefe de uma máfia.

— O que tem isso?

— Na época em que fui embora, eu era somente um soldado da máfia do Nial, e quando descobri que você estava grávida, eu achei que isso seria a minha fuga, que finalmente voltaria para minha família, mas não foi isso que aconteceu. Nial me queria ao seu lado e sua vida e a vida do meu filho estavam em jogo quando decidi sair da máfia. Precisei fazer uma escolha e por mais que tenha sido dolorido, eu escolhi mantê-los vivos.

— Mama. — Gabe veio correndo na direção da cozinha e cortou o olhar penetrante que Aricia estava tendo com Derek.

— *Oi Furacãozinho.*

— ‘Tô com fome.

— A comida já irá sair, *campeão.*

Aricia queria falar que não, que Derek não ficaria ali. Mas imediatamente ele começou a cortar as coisas para salada e assumir a cozinha e conversar com um Gabriel que parecia completamente feliz em responder todas perguntas que Derek estava fazendo.

Aricia ainda não podia acreditar, Derek estava sentado na mesma mesa que a sua, comendo da mesma comida que sua e alimentando um Gabe que sorria um sorriso cheio de comida a cada garfada de comida que ele recebia do *pai*.

Depois do jantar, Aricia assistiu Derek brincar com Gabe no tapete da sala e teve um Derek a observando enquanto ela dava banho em Gabriel. Todo o momento ela queria mandá-lo embora, mas sua mente gritava que Derek não estava ali por ela e sim por Gabe. Quando Finalmente Gabriel foi dormir os dois estavam completamente sozinhos.

— Vou nessa.

— Ainda não resolvemos metade dos nossos problemas, Derek.

— Com toda certeza que não, mas não iremos resolver dois anos de mágoas em dois dias. O que eu disse antes eu mantenho. Estou aqui pelo meu filho e espero que você não impeça isso.

Aricia respirou fundo jogando o corpo contra o sofá. Era a primeira vez desde que Derek havia chegado em sua casa que ela se sentia

NACIONAIS - ACHERON

relaxada, deveria ser porque Gabriel não estava por perto.

— Você nunca se afastou dele, não é? — ela viu um sorriso brincar nos lábios de Derek. — Só não saia da vida dele como você fez comigo, Derek. Eu sou adulta, posso suportar a sua *covardia*, mas o seu filho não.

— Acredite, Patricinha. Eu voltei para ficar.

E com aquelas palavras, Aricia o viu sair do seu apartamento e finalmente respirou aliviada. Ela pegou o seu celular que estava por baixo das almofadas no sofá, ainda tinha um monte de brinquedo para arrumar, mas tinha uma mensagem para enviar.

Aricia: Você sempre soube que ele mandava dinheiro, não é? E mesmo assim você mentiu! O que eu faço com você?

Cloe: Só não me odeie, por favor.



Derek fechou a porta do seu apartamento e sorriu, a noite não havia sido regada a bebidas e a sexo, mas estava na lista das melhores noites da sua vida.

— Aonde você estava e por que você está sorrindo como se estivesse feliz?

Derek respirou fundo e seguiu na direção do sofá em que Tara estava sentada.

— Paul esteve aqui?

— Mudando de assunto? Você realmente está escondendo coisas de mim, não é, Derek?

— Não Tara, eu só não quero conversar sobre isso.

— Sobre isso o quê? Sobre o fato que você foi para o apartamento daquela *cadela*? Você pensa que eu não o segui? Mas eu o segui! Vi quando você entrou naquele prédio, vi quando aquela *cadela* chegou logo depois de você! O que você está querendo com isso, Derek? Que eu mate alguém?

— O quê? — Derek sorriu com as palavras

de Tara. Nunca pensou que ela pudesse ser tão insana, mas era exatamente isso que estava acontecendo. Uma Tara completamente insana estava parada em sua frente. — Você está mesmo me ameaçando?

— Não, eu estou ameaçando a mulher que você está *transando* enquanto pensa que sou *babaca*.

— *Okay*. — Derek ficou de pé arrumando os ombros. Se ele não estivesse tão feliz, Tara estaria sendo prensada contra a parede e recebendo uma lição sua, claro que não a agrediria, pois não fazia isso com mulheres, mas mostraria a ela, que aquela birra não estava mais sendo tão *bonitinha*, nunca foi. — Acho que nunca deixei isso muito claro para você, mas eu *nunca* gostei de você, Tara. — Derek fez um leve carinho no queixo da mulher, puxando o seu rosto para cima. Seu dedo tocou os lábios que eram carnudos, mas que nunca seriam os lábios da mulher que ele amava. — É bom estar na cama com você, Tara, foi bom todo esse tempo, porém acho que você deve procurar outro lugar para ficar.

— Você está me ameaçando? — Derek sorriu com a forma espantada, mas ao mesmo tempo raivosa que Tara o olhou e se desviou do seu toque ficando de pé.

— Não, eu estou deixando claro que se você tentar algo contra a Aricia ou contra o meu filho, você aparecerá morta no dia seguinte.

Derek virou as costas para Tara respirando fundo. Não queria perder a felicidade que estava sentindo. Estar na presença de Gabe e com Aricia o fez pensar que era possível ter uma família.

— Meu pai confiou em você! Lhe deu tudo e é assim que você o agradece? Quando todo mundo descobrir o que você está fazendo...

— Eu estou fazendo o quê? — Derek gritou virando para encará-la. — Aceitei a máfia do seu pai e estou tentando tirá-la do buraco, estar na sua cama não faz parte do contrato e se faz, eu estou nesse momento lhe livrando dessa cláusula. Não precisa ser hoje, mas até o final dessa semana Paul arrumará um apartamento para você.

— Se você me colocar para fora do seu apartamento tomarei o que é meu de volta.

— E o que é seu aqui, Tara?

— Além da sua vida? — o queixo do Derek se contraiu de raiva com aquelas palavras. Tara realmente achava que era dona da sua vida e aquilo era um perigo, principalmente com aquele brilho estranho o qual ela estava carregando em seus olhos. — Sou dona dessa máfia que você está na frente, Derek! — sorriu amplamente. — *Okay.* — Derek a assistiu colocar os chinelos. — Quem não quer mais ficar aqui sou eu. Até o final dessa semana eu saio do seu apartamento. Só não chore depois, Derek.

Derek a assistiu caminhar na direção do corredor que levava ao seu quarto. Tara tinha muito do seu pai, Nial, em sua personalidade. Nial tinha o costume de ameaçar as pessoas, se fazer de vítima e no final as pessoas em sua volta que se tornavam suas vítimas. Todo cuidado era pouco com Tara naquele momento.

Aricia saiu com o carro dá garagem do seu prédio e parou no exato momento em que viu a figura de Derek encostado em seu próprio carro, braços cruzados sobre o peito a esperando. Gabriel estava sentado na cadeirinha do banco traseiro brincando com uns dos carrinhos dados por Derek.

— Bom dia. — ele se aproximou do seu carro e Aricia precisou estacioná-lo melhor, estava na saída do prédio.

— O que você está fazendo aqui, Derek?

— Só queria lhe ver.

— Me ver? Achei que você me daria um tempo para pensar em tudo que escutei.

— Também, mas queria saber se estava tudo bem.

Sim, ele estava estranho.

— Deik. — Gabriel gritou na parte de trás do carro e Aricia viu Derek sorrir com aquilo.

— Fala "furacão", tudo bem?

— Bem.

— Você está o levando para onde, Patricinha?

Aricia revirou os olhos, não gostava daquele apelido, ou melhor, ela gostava, sempre o adorou, mas como tudo que era sobre Derek, era legal e amável no passado.

— Por que insiste em me chamar assim?

— Porque me sinto bem lhe chamando assim, me sinto ainda melhor em saber que agora você sabe dá verdade.

— E que bela verdade, não é?

— Pense pelo lado bom.

— E há um lado bom nessa história, Derek?

— Eu voltei, Aricia, estou aqui por vocês e para vocês!

— Depois desse tempo todo? Você quer que eu simplesmente o aceite é isso?

— Não. — Derek respirou fundo. — Só não quero que você me afaste.

— Você acha mesmo que quero alguém do

seu teor do meu lado ou ao lado do meu filho, Derek?

— Nosso filho, Aricia. Mulheres adoram dizer que não fizeram os filhos sozinhas e você é a única que grita aos quatro cantos que o filho é só seu.

— Será que é porque cuidei dele sozinha?

Derek respirou fundo e Aricia sabia que ele não queria briga, desde da noite passada, Derek parecia alguém em missão de paz e aquilo lhe assustava e muito.

— Você cuidou dele sozinha, mas isso mudou, okay? Eu voltei e já deixei claro que não vou embora.

— E eu já deixei claro que sua palavra não tem muito efeito, não é? Assim como suas promessas, então. — Aricia deu de ombros. — Tenho que ir.

— Aricia. — Ela parou a manobra que faria com o carro e o encarou. — Eu sei que é bem difícil para você tudo isso que está acontecendo, mas só peço que você pense com carinho.

— Não tenho nada a pensar, Derek.

Ele se aproximou do carro segurando a porta com as duas mãos e apertou a porta.

— Então, serei sincero com você! Tenho pessoas que me odeiam.

— Elas que entrem na fila.

— Mas do que você me odeia, Aricia e o *nosso filho* corre risco de vida. — Aricia arregalou os olhos e apertou o volante com força. Gabe estava brincando na parte de trás do carro, alheio a tudo. — Você me odeia? Ah que legal! Tem gente que me quer morto e não só a mim, querem sua morte e querem a morte do Gabe, então, seja esperta e me deixe por perto.

— Você não está mentindo, Derek? Não está fingindo nada disso só para se aproximar da gente?

— Quer uma prova? Pergunte a Cloe e ela lhe responderá o que realmente significa estar perto de um mafioso ou ser ligado a ele de alguma forma. — Derek deu um leve soco contra a porta do carro e se afastou. — Não se assuste se você achar que

estão lhe seguindo. Estão mesmo.

Ele atravessou a rua e entrou em um carro preto que estava estacionado do outro lado da rua. O coração de Aricia estava acelerado. O que Derek pensava que era para voltar para a sua vida e enchê-la de problemas?



— Mais calma? — os olhos verdes de Aricia estavam sobre a figura de Gabe que voava na enorme sala do apartamento da Cloe. Não sabia nem como tinha chegado ali, mas chegou.

— Ele não está mentindo, Cloe? — sua amiga respirou fundo colocando a jarra de água sobre a bandeja de prata que estava sobre a mesinha de centro.

— Não, ele foi verdadeiro com você, aliás, acho que o Derek só não foi sincero quando lhe abandonou, pois desde que ele chegou a cidade ele tem sido verdadeiro com você, o que me surpreende e muito.

— Verdadeiro? Contar que é chefe de uma máfia e que eu e o Gabe corremos risco de vida soa
NACIONAIS - ACHERON

algo bom para você?

— Não, soa horrível, mas acredite, Derek não deixará nada acontecer com vocês.

— E o que lhe faz ter certeza disso, Cloe?

— Meu irmão!

— O que tem o *louco* do seu irmão? — Cloe riu quando Aricia o chamou de louco.

Aricia conhecia Aaric, poucas foram as vezes em que esteve na presença do mafioso, ele parecia uma pessoa legal, mas maldade corria em seus olhos e em nada ele parecia irmão de Cloe. Em nada.

— Ele me protege e protege toda nossa família, até mesmo o meu pai que o odeia, só porque eu o amo. Isso é regra para eles, proteger a família. Derek sabe dos riscos, ele só precisou contar porque você é empacada feito mula.

— Não aceitar um mafioso me faz uma *empacada feito uma mula, Cloe?* Que pessoa em sã consciência aceita um mafioso ao seu lado e ainda ao lado do seu filho?

— Pessoa melhor não há para lhe proteger!

— Não precisaria nem de proteção se ele ficasse quieto no canto dele!

— Me responde uma coisa...

— Não! — Aricia ficou de pé colocando as mãos na cintura. — Você me responda uma coisa! Você quem esconde coisas aqui, Cloe! Dois anos você fingiu odiar o Derek quando sempre esteve ao lado dele.

— Não fingir odiar o Derek, eu o odeio. Ele nunca precisou entrar em máfias, não precisava ir embora, mas ele fez suas escolhas e essas escolhas me fizeram odiá-lo. Só queria o seu bem, Aricia, e deu certo, levando em consideração a pessoa que você é hoje.

— Então, devo agradecer a profissional e a mãe que sou hoje a ele?

— Não agradeça a ninguém, Aricia. Mas não o afaste, acredite, Derek é a sua melhor opção de segurança nesse momento.

— Quanto mais eu conheço desse mundo, mas eu quero distância.

— É o melhor mesmo.

— Você é louca! Você é completamente louca! Uma hora fala que não posso me afastar do Derek na outra hora que Derek é minha melhor opção de segurança.

Cloe respirou fundo e segurou nas duas mãos da amiga. Aricia sabia que era uma pessoa difícil de lidar, mas ela e Cloe se aturavam a tanto tempo que era natural tudo que acontecia entre elas.

— Sei que você o odeia, na verdade, você odeia o fato de que ele lhe abandonou, mas você gosta do Derek. Acho que você até o ama, Ari. Você nunca mais esteve com ninguém desde que vocês se separaram.

— Estive sim com outros homens.

— Mas ninguém que firmasse um compromisso, Ari.

— Não ficarei com qualquer um.

— Porque nem todo mundo é ele, não é?

Silêncio.

Não queria admitir, mas Cloe estava certa. Nem todo mundo era Derek Holt, em nenhum quesito, nem na cama, nem na forma de amá-a, na

forma de chamá-la de *Patricinha* e principalmente na forma de mentir para ela. Sim, por mais que algo ainda queimasse em seu íntimo, Aricia ainda odiava e muito Derek pelo abandono repentino, afinal de contas, sempre achou que o amor entre eles era maior do que quaisquer circunstâncias.

— Sim, nem todo mundo é ele, mas isso não significa que só porque sei a verdade agora, que tudo mudou e que preciso aceitá-lo.

— Ninguém está pedindo isso, Aricia. Só estou falando que você precisa ser menos dura com você.

— E deixar o meu filho perto de um homem desses?

— Derek estará por perto, queira você ou não, aceite isso.

— Assim como preciso aceitar que você me traiu esses anos todos?

— Ah não. — Cloe saiu em direção da cozinha e Aricia saiu atrás falando.

Não estava braba com Cloe, quando precisou sua amiga esteve ao seu lado e entendia

seus motivos, ela fez uma escolha, claro que não faria a mesma escolha que sua amiga caso estivesse na mesma situação, mas ainda assim não a condenava.



— Qual é o seu problema? — Derek estava parado na ponta do cais com um dedo sobre os lábios olhando imensidão do mar a sua frente. Frota e mais frotas de barcos e navios chegavam a todo momento no cais do porto do lado Norte de Roadland, a qualquer momento seu navio chegaria com os containers carregados de diamantes e Derek ainda precisava vender as pedras. — Preocupação por causa da carga? Pagamos milhões ao Velásquez por isso, Derek, Alfonso está morto, o ramo imobiliário está indo muito bem, as coisas estão se encaixando, qual é o problema?

— Tara.

— O que tem ela?

— Noite passada ela me ameaçou.

— Tara está sempre lhe ameaçando, Derek.

Esse é o jogo de vocês, por isso estão juntos até hoje. Sempre achei estranha a forma que vocês se relacionam, mas você gosta.

— Você não está entendendo, Paul. Ela ameaçou a Aricia e ao Gabe, de uma forma subentendida, mas de uma forma que me deixou com medo. Nunca descobri ao certo do que Tara é capaz, afinal, ela tem o sangue do Nial correndo em suas veias e a máfia teria que estar em suas mãos.

— Mas ela não quis, Derek.

— Não quis porque Nial não deixou, não porque ela não tivesse dom para isso ou porque não tivesse seguidores.

— Seguidores ela teria, Derek. Ninguém gostou do fato de um estrangeiro e novo por sinal assumir uma máfia antiga! Um esquema que *rendia* milhões, mas a máfia do Nial estava morta, falida e você a reergue e faz isso todos os dias. Não existiria mais máfia se não fosse por você, então, os seguidores da Tara que calem a boca e fiquem quietos, ou façam melhor, coloquem uma bala em suas próprias cabeças, nos fariam um grande favor.

— Mas esse é o problema. — Derek
NACIONAIS - ACHERON

respirou fundo passando a mão sobre a boca. Avistou um imenso navio chegando logo na entrada do porto e tinha quase certeza que eram seus diamantes. — Não sei quem são esses seguidores, Paul e Aricia e Gabe correm risco de vida.

— Então, tome as rédeas dessa situação! — Paul estava certo. — Largamos o Brasil e voltamos para sua terra natal por um motivo: Aricia Aguiar. Se esse é o seu motivo, então o conquiste e cuide dele, pois se Tara está realmente com raiva e tem pessoas ao seu lado, infelizmente ou felizmente. — Paul sorriu. — Teremos uma guerra.

Derek sorriu do jeito psicopata que o amigo estava rindo. Sim, Paul gostava de matar e não tinha problemas em matar mulheres, principalmente mulheres como Tara!

— Você acha que aquele é o nosso navio?

— Acredito que sim. — Paul olhou seu relógio Rolex prata no pulso. — Pela hora tem que ser e vendo a quantidade de container que há sobre ele estou começando a me perguntar o quão louco somos por fazer uma operação dessas.

— Completamente loucos. Chame os caras
NACIONAIS - ACHERON

e coloque os caminhões em posições e me faça um favor, separe duas pedras de diamantes, Henrico Velásquez entenderá o quão lucrativo é fazer negócios com Derek Holt.

Derek se aproximou mais do píer e observou o enorme navio se aproximando. Dentro daqueles containers estava chegando a sua chance de mudar o rumo da história da máfia de Nial e mudar o rumo da sua história. Nem tudo estava saindo como planejado, lidar com Aricia era mais difícil do que ele pensava e ter Tara com inimiga seria uma péssima escolha a se fazer, mas ainda assim, a segurança de Gabe e Aricia e os seus futuros ainda era mais importante para Derek, sempre foi.



— Você pede para que um dos seus homens leve o resto das minhas coisas?

— Tara. — Derek estava de braços cruzados vendo a mulher que tinha compartilhado da sua cama por quase dois anos arrumando as

malas. — Você não precisa sair assim. — não a queria por perto, mas depois de sua ameaça o melhor era ficar com de olho sobre ela.

— E você quer que eu saia como? — Tara abriu os braços olhando em sua volta. — Não sei voar, ainda, Derek.

— Não seja ridícula, Tara. Você sabe do que estou falando?

— Sei? — ela fechou a mala e a deixou sobre a cama. — Deixei mais algumas malas no outro quarto, eu ficarei desse lado da cidade por enquanto, mas estou pensando em voltar para o Brasil. — Tara sorriu de maneira descontente. — Nem sei que vim fazer aqui na realidade, Derek. Quando você disse que voltaria e que expandiria os negócios e nos tiraria da lama achei que fosse realmente isso, mas... — Tara bateu a mão no ar. — Não posso falar no nome dela, não é? Você corre o risco de me matar. — ela riu. — Derek Holt matando alguém. Você nunca matou ninguém, Derek. — o sorriso da mulher sumiu dando lugar a uma escuridão em seu rosto, a mesma escuridão que se apossava dos olhos do Derek.

— Quem lhe disse isso, Tara? Você tem certeza?

— Paul mata por você, Derek! Você ameaça as pessoas, você não mata ninguém.

— E você tem o costume de falar muita merda, principalmente do que você não sabe ou tem base para falar, Tara. Acho melhor mesmo você deixar suas coisas aí e sair o mais rápido que você conseguir.

— Por quê? — ela riu de novo. — Você vai me matar?

— Agora, Tara!

Ainda rindo, Tara pegou algumas bolsas e saiu do quarto, Derek a seguiu de perto e a vontade era mesmo de matá-la naquele momento, mas aquele desejo era impossível. Tara era filha do Nial, e Derek devia muito a ele.

A assistiu sair pela porta do seu apartamento e sendo seguida por alguns seguranças, uns dos homens que deveriam lhe ser de confiança, mas Derek não tinha homens de confiança. Ele saiu do Brasil sabendo que seria uma

tarefa completamente difícil reger aquela máfia e agora que Tara estava contra os seus propósitos as coisas ficariam mais difíceis.

Ele precisava agir e rápido.

— Sr. Faris, eu... — Aricia parou na porta e no exato momento em que viu que Derek estava sentado na cadeira a frente à mesa de Raul Faris.

Nada de bom, nada de bom.

Foi isso que passou por sua mente ao ver Derek sentado, com uma perna descansando sobre seu joelho, os cotovelos descansando sobre a perna e os dedos sobre os lábios, ele estava sério, pensativo, mas aquele brilho, o brilho da determinação e do homem que um dia ela conheceu estava ali.

— Pode entrar Aricia, estava falando com o Derek sobre algumas mudanças importantes e acho que você deveria escutar.

— Acho melhor não, Sr. Faris. Isso é conversa entre os donos, em nada tem a ver comigo.

— Derek está me oferecendo os seus serviços de venda de diamantes.

Aricia arqueou as sobrancelhas em
NACIONAIS - ACHERON

surpresas. Mais uma coisa que ela descobria sobre Derek. Diamantes? Agora a morte do Alfonso fazia sentido.

— Como?

— Sente-se Srta. Arguir. — Aricia só sentou, pois, o pedido veio de Raul Faris, mesmo que sentar, naquele momento, significava saber ainda mais sobre a vida de Derek e ela não estava preparada para descobrir os segredos obscuros do homem que um dia ela amou e se tornou alguém que ela não apreciava. — Termine de me explicar, Sr. Holt.

— Como estava lhe explicando, *Raul*, quando me mudei para o Brasil consegui um emprego como intermediário de uma mineradora, e no começo, não tinha muito poder sobre nada, mas hoje, dois anos depois, com segurança, posso lhe afirmar que consigo os diamantes para você com preços bem mais em conta do que Alfonso um dia lhe conseguiu e bem mais rápido também. Não sei como você trabalhava com Alfonso, mas serei sincero com você, ninguém trabalha nesse ramo e continua cem por cento limpo, Raul.

Raul Faris respirou fundo, Aricia queria bater em Derek, oferecer ou insinuar que Raul Faris era um fora da lei em seus negócios, como ele tinha coragem de fazer isso? Ela apertou os papéis que estava na sua mão e esperou o momento de explosão de Raul Faris, mas esse momento não veio. Raul passou a mão pelo queixo, como se estivesse pensando na melhor opção.

— Como os seus diamantes chegam a cidade?

O quê? Ele estava mesmo dentro daqueles negócios?

— Chegam pelas docas. Inclusive, chegou um carregamento novo essa semana, tenho todos os tipos de pedras que você precisa e tenho a proteção e segurança das docas pela parte do Henrico Velásquez.

— Velásquez lhe deu permissão para entrar pelas docas?

— Sim, tenho um galpão meu lá também.
— Raul sorriu como se finalmente tivesse tirado a sorte grande.

— Você é um gênio, Derek.

— Gênio aqui é o meu homem de confiança, Paul, que descobriu que no final das contas Raul Faris tinha seus métodos de conseguir suas pedras de uma forma mais... Fácil.

— A vida não anda fácil para ninguém. — Raul olhou na direção da Aricia e ela estava sentindo sua respiração presa em seu peito. *Quem era aquele homem que estava na sua frente?* — Sr. Aguiar, sinto em lhe informar que você agora sabe dos esquemas e que precisamos da sua descrição. A deixei entrar, porque sei que no fundo você e Derek já se conhecem de outros tempos e imagino que você saiba a forma que o Sr. Holt trabalha.

Não, ela não sabia nada, mas sua melhor opção foi engolir em seco e sorrir, um sorriso falso e tremulo, mas ainda assim um sorriso que convencesse. Ela estava envolvida com pessoas perigosas antes mesmo de Derek voltar para a sua vida, então, ela nunca esteve segura. Derek foi só mais um complemento. Aricia limpou a garganta ao perceber que Raul queria uma resposta em alto e bom tom, não só um acenar de cabeça.

— Claro. — limpou garganta ao responder. Aricia olhou para Derek que, por incrível que pareça, estava completamente sério. — O conheço muito bem e sei do que ele é capaz.

— Muito bem. — Raul bateu com a mão sobre a mesa. — Porque quero os dois trabalhando juntos nisso aí. Você tem uma coleção para lançar e Derek tem as suas pedras, quero descrição dos dois, não quero briga e preciso que os dois estejam em sintonia.

— Sim Sr. Faris. — naquele momento Aricia queria sair correndo daquela sala. — Será que posso sair?

— Você não tinha algo para *nos mostrar*? — Raul Faris não era mais só uma pessoa, Derek estava em seus esquemas e Aricia não sabia até que ponto aquilo era perigoso.

— Ela pode me mostrar, se quiser, Raul. Quem sabe você não tira um dia de folga? Depois da morte do Alfonso seria bom *mostrar* um pouco de simpatia.

— Aquele filho da mãe já foi tarde. — Raul começou a rir e Derek riu junto.

NACIONAIS - ACHERON

Aricia mais uma vez engoliu em seco e sorriu sem vontade. Em que *merda* de mundo ela estava vivendo? O que era aquilo? Quem era Raul Faris?

— Estou na minha sala. — ela ficou de pé cortando o momento *nada saudável* que estava acontecendo entre Raul e Derek. — Depois conversamos.

— Com certeza que sim, Sr. Aguiar.

Aricia saiu da sala sentindo sua respiração completamente descompassada. Raul nunca demonstrou que era algum tipo de psicopata, Aricia não era *burra* também, sabia que muitos desses homens como, Raul Faris, criavam seus impérios acima das pessoas e até acima de mortes de inocentes, mas nunca pensou que Raul seria esse tipo de homem, afinal, ter joias não era crime, produzi-las também não, existiam métodos limpos para isso, mas Raul não era um desses homens, agora ela percebia isso.

— *Mana, eu... O que foi?* — Lane estava parada em sua frente com uma pasta na mão e a sobrancelha arqueada em dúvida. — Você viu

NACIONAIS - ACHERON

algum fantasma?

— Acho que vi dois demônios.

Elaine sorriu, mas viu que Aricia não fez o mesmo.

— Que tipo de demônio? — Lane olhou para os lados e Aricia não aguentou, começou a sorrir, sua amiga estava com medo do corredor vazio.

— Não estou falando desse tipo de demônio, estou falando de pessoas.

— Puta merda, mana, não faz isso. Quase me matou do coração agora. Quem são? São gostosos pelo menos?

— Não. Preciso de ar, Lane.

— Conversamos depois? Tenho as provas da sua coleção aqui a produção mandou algumas modificações para você aprovar.

— Deixe na minha sala, eu vou... — Aricia não terminou de falar. Só seguiu o corredor, estava com vontade de chorar e levando em consideração que ela não fazia isso na frente das pessoas e que Elaine nunca a viu tão fragilizada, ela precisava sair

correndo dali, imediatamente.



As coisas sobre sua mesa estavam intactas, seu computador estava a tempos na mesma página do *word*, seu relatório estava incompleto, e nem mesmo a aprovação para produção das suas joias ela olhou. Depois de pegar e literalmente chorar sobre o que estava acontecendo em sua vida, Aricia voltou para sua sala e estava praticamente vegetando em sua mesa, olhando o relógio e *tentando* mexer os ponteiros com a força do pensamento. Se ela fosse inteligente o bastante ela voltava para Inglaterra, mas ainda assim, sua casa era ali. Mesmo com todos os defeitos, sua família morava ali e Gabriel precisava de uma família.

— *Patricinha*. — Aricia pulou sobre a cadeira ao perceber que Derek estava parado bem na sua frente e segurando sua mão.

— O que... Como você entrou aqui?

— Eu bati na porta e a chamei mais de três vezes, Aricia. Sua secretária abriu a porta e falou com você, então, eu entrei.

— Céus. — Aricia começou a juntar os papéis ou arrumá-los, não sabia nem o que estava fazendo. Não tinha nada bagunçado.

— Aricia. — Derek segurou sua mão de novo e dessa vez ela parou para encará-lo. — Respire.

E aquela única palavra composta por oito letras foi o suficiente para desabá-la. Aricia começou a chorar, um choro vindo da alma, mesmo que quisesse parar sua vontade era de chorar, era de bater em Derek, brigar com ele e culpá-lo pela vida que estava levando. Aricia elevou a mão no ar quando Derek se aproximou, mas não foi o bastante. Ele a abraçou e aquilo piorou tudo.

Aricia se viu chorando, realmente aos prantos, e pior, nos braços da pessoa que ela menos queria. Derek a abraçou com força, aquele momento foi como no passado, na época em que ele a abraçava quando ela estava com problemas com seus pais ou quando ele estava com problemas em casa. Um era o suporte do outro, prometeram que sempre seriam, mas a vida, as escolhas da vida os levaram para rumos totalmente diferentes, mas

ainda assim, os braços de Derek eram acolhedores como no passado.

— Eu odeio você, Derek Holt. Odeio que você tenha me abandonado, odeio que você me deixou sozinha com um filho, odeio que precisei estar na cama de outros homens quando eu só queria um abraço seu, odeio a forma que você voltou para a minha vida e nesse momento odeio o fato de que *amo estar* em seus braços.

— É uma pena que você me odeie tanto, Patricinha, por que *eu te amo*.

Aricia afastou o rosto dos ombros do Derek e o encarou, seus olhos estavam cheios de lágrimas e ela também o amava, só não queria deixar isso claro. Derek não merecia. Contudo, Aricia não se afastou quando Derek secou as lágrimas do seu rosto e nem se afastou quando ele colocou uma mecha do seu cabelo para trás e muito menos se afastou quando Derek começou a se aproximar. Seus olhos seguiram para os lábios do homem que estava na sua frente e Aricia clamava por que vinha a seguir.

Ela fechou os olhos e gemeu quando os
NACIONAIS - ACHERON

lábios de Derek tocaram os seus. O beijo estava salgado devido seu choro, mas ainda assim, não era um beijo punitivo como da outra noite, não era um beijo cheio de desejos, era um beijo que deixava claro que ele estava ali. Que tudo estava errado, mas que ainda assim aquele beijo, estar em seus braços era certo. O que era completamente insano para Aricia.

Aricia gemeu quando Derek ficou de pé, sentou sobre sua mesa e a puxou de encontro ao seu corpo. Agora o beijo não era mais tão calmo assim. Suas línguas duelando, as mãos trabalhando nos corpos. Era diferente das outras vezes que eles tinham ficado juntos. Das outras vezes sempre tinha a raiva no meio, algo que os impediam de estar por completo naquele momento.

— Não. — Aricia sussurrou sobre os lábios dele e gemeu mais uma vez.

— Aricia, até quando ficaremos nisso? Você acabou de descobrir que seu conto de fadas nunca existiu. *Por favor, Patricinha.* Me deixe entrar. Preciso cuidar de *vocês.* *Eu preciso de vocês.*

Aricia encostou sua testa contra a testa do Derek, sua respiração agitada, sim, ela também precisava dele, agora mais do que nunca e conseguia entender o porquê. Sua vida estava mesmo em perigo. Seu *conto de fadas* nunca existiu e seu mundo nunca foi seguro, ela nunca esteve no controle de nada.

— Espero você no meu apartamento hoje de noite. — Derek sorriu a beijando. — Agora sai daqui. — Aricia se afastou passando os dedos pelo rosto. Precisava se recompor, precisava voltar ao trabalho.

Derek bateu em sua bunda e a fez gritar e levar a mão sobre a boca, o brilho que estava nos olhos dele parecia do Derek da adolescência, do Derek que um dia ela amou e almejou casar.

— Chego as sete. — ele avisou indo em direção da porta.

— E sem mais segredos, Derek. — Aricia advertiu antes que ele saísse.

— Sem mais segredos, Patricinha.

— *Vagabundo!* — Aricia mordeu o lábio

em lembrar da época que os dois brincavam sobre fato dela ser a *dama* e Derek o seu *vagabundo*.



— Você fez o quê? — Derek estava abotoando a camisa enquanto Paul estava jogado sobre a cadeira que tinha ao lado da sua cama.

Sua relação com Paul era mais do que relação de um chefe e seu subchefe, eles eram realmente amigos. Paul era a única pessoa que Derek confiava dentro daquela máfia e Paul só confiava em Derek.

— Levei os diamantes como você pediu para o Velásquez, mas aproveitei para deixar claro que aquilo era um acordo.

— Que tipo de acordo, Paul? Eu disse que não queria envolvimento com a máfia dele.

— Derek. — Paul ficou em pé em todos seus quase dois metros de altura e respirou fundo.

— Estamos ferrados, cara. Ninguém confia na gente nessa máfia e não confiamos em ninguém, você sabe muito bem qual é o nosso final.

— Sim, e o que isso tem a ver com Henrico
NACIONAIS - ACHERON

Velásquez?

— Vamos mesmo deixar que todos nossos esforços sejam jogados nas mãos desses caras?

— A máfia nunca foi nossa, Paul. A máfia é da Tara e algo me diz que ela buscará o que é seu por direito.

— Sim! — Paul deu um soco contra a parede. — Nos matando! — Derek deu de ombros. — Pior do que isso, Derek, matando a Aricia e o Gabe é isso que você quer?

Agora Paul tinha sua atenção, no fim todos seus esforços eram por Gabe e Aricia e não queria os dois em apuros.

— Qual é sua ideia, Paul?

— Entreguei as pedras ao Velásquez, de começo, ele achou que estava o comprando de algum jeito, mas deixei claro que era uma aliança. Disse que nossa máfia está reduzida a homens falsos e mentirosos e que estamos sozinhos e que precisamos de aliados e que nada mais justo do que um aliado como ele ao nosso lado.

— O que ele disse?

— Que pensaria a respeito, mas ficou com as pedras. Falei que não vamos concorrer com nada, só queremos o apoio dele para algumas coisas.

— Henrico, Rex e Sunny. Você simplesmente quer essas pessoas como aliados, Paul?

— Derek, se você morrer, essa merda respingará toda para cima de mim, eu não quero estar sozinho quando isso acontecer, preciso pelo menos de alguém ao meu lado se acontecer alguma coisa.

— Tudo bem. — Derek respirou fundo. — Seus planos, suas regras, eu disse que ficaria ao seu lado até o tempo que você precisasse e o apoiaria. Raul fechou negócios com a gente, já temos para quem vender as pedras como está o ramo imobiliário?

— Melhor impossível. Aos poucos o mundo tem sorrido para gente.

— Muito bem. Se você conseguir Henrico como aliado, o mundo sorrirá ainda mais para você, então. — Derek deu de ombros se olhando no

NACIONAIS - ACHERON

espelho.

Conseguia sentir sua felicidade perto dos seus dedos aos mesmo tempo em que sentia a infelicidade, o extremo da felicidade. Não sabia o seu futuro, mas precisava trabalhar para que o futuro do Gabriel e da Aricia não fosse um futuro fracassado.

— Você está certo sobre isso, Derek?

— É o único jeito de salvar tudo que Nial confiou a mim, Paul.

Paul respirou fundo.

— Então, vamos aproveitar as oportunidades, Henrico Velásquez é uma oportunidade.

— Se você diz. — Derek bateu contra o ombro do amigo. — A máfia será sua de qualquer forma. — Derek sorriu com a careta do Paul e pegou o relógio que estava sobre o criado-mudo. — Você só tem trabalhado ou tem feito algo da sua vida, Paul? Já reparou o quanto de mulher bonita tem nessa cidade?

— Estou bem em me manter vivo e manter

o seu rabo fora de problemas, Derek.

Derek deu de ombros.

— Escolha sua, *meu irmão*. Pois eu, finalmente, consegui que Aricia me escutasse e tenha certeza que farei valer apenas.

— Espero que sim. — Paul encarou o chão.
— Espero que toda essa merda valha apenas.

— Hey. — Derek deu um soco contra o ombro do amigo. — Sem melancolia. Sabíamos que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde.

— Mais tarde seria bem melhor.

Derek sorriu e se olhou mais uma vez no espelho.

— Vá transar, Paul.

Derek seguiu para fora do quarto e ouviu os passos do amigo logo atrás de si.

— Acho que hoje em particular o escutarei, Derek.

— Finalmente. — Derek pegou suas chaves e seguiu para porta. — *Não me espere acordado, amor.*

— Vá se ferrar, Derek.

Derek saiu rindo, mas quando bateu a porta do apartamento seu sorriso sumiu, seu coração acelerou e sua mão ficou gelada. Seu futuro era o pior possível e ainda assim ele entraria de novo na vida de Aricia, mas dessa vez para deixar marcas eternas, e ela não se arrependeria de que um dia o amou e o deixou entrar.

Viveria cada segundo como se fosse o último da sua vida.

Derek estava sentindo suas mãos completamente tremulas. Parecia que revivia o passado. Passou na floricultura e comprou um pequeno buquê de rosas e agora estava parado na frente da porta do apartamento da Aricia a esperando ou esperando que Gabe chegasse correndo para abraçá-lo. Flores para a mãe e chocolates para o filho. Estava tudo dentro dos seus planos. Aricia abriu a porta do apartamento, ela estava usando um vestido florido, curto, que chegava até a altura das suas longas e lindas coxas.

— Céus. — Derek limpou a garganta e olhou para trás, Gabe àquela altura do campeonato já estaria correndo em sua direção. — Cadê o Gabe?

— Está com a minha irmã. Achei que essa noite seria perfeita para conversamos, Derek. Acho que desde que você chegou nessa cidade não tivemos um tempo *como adultos* e nem mesmo um tempo sozinhos. Acho que é preciso.

— Concordo.

— Mas você se decepcionou. — Aricia abriu mais a porta dando licença para ele passar.

— É que eu trouxe chocolate para ele.

— Chocolate, Derek? Gabe já é um furacão sem ingerir açúcar você me traz chocolates para ele?

— Ele não come chocolate? Tem alergia a chocolate, alguma coisa do tipo ou...

— Hey, só não gosto que ele consuma açúcar e não tão tarde.

— Ah. — Derek fechou a porta estendendo o buquê de rosas na direção da Aricia. — Você é aquele tipo de mãe que não deixa a criança fazer nada.

— Não, eu sou do tipo de mãe que quer o melhor futuro para o seu filho.

— Não tenho dúvidas disso, Patricinha.

Aricia sorriu cheirando o buquê de rosas, aquelas pequenas gentilezas sempre fizeram parte da personalidade do Derek, mas dois anos sem elas e Aricia não sabia mais do que o homem a sua

NACIONAIS - ACHERON

frente era capaz.

— Colocarei isso em um vaso. — Aricia seguiu para cozinha e ouviu os passos de Derek logo atrás de si. Naquela noite, em especial, resolveu cozinhar. Sempre comia as comidas da Drika ou comprava algo na rua antes de chegar em casa.

— Como você passou o resto do seu dia? — Derek se apoiou sobre o balcão da cozinha a olhando.

— Pensando. Fiquei pensando em tudo que escutei. Raul Faris é mesmo aquele tipo de homem ou você o ameaçou de alguma forma?

— O que a faz pensar que eu o obriguei a mostrar aquele lado?

— O tempo que eu trabalho com ele.

Derek deu de ombros.

— Sinto em lhe informar, mas nem mesmo eu sabia que Raul era daquele jeito. Algumas pesquisas afirmaram que seu trabalho era sujo, eu joguei e acertei.

— Desde quando você tem jogado, Derek?

— Com o Raul? Hoje foi minha primeira tentativa e deu certo.

— Não! — Aricia bateu com as mãos sobre o balcão da pia e Derek a olhou de um jeito estranho, sim, ele estava ali para aquele tipo de conversa, então, que ela chegasse logo. — Desde quando você tem jogado com sua vida, com a vida do Gabe e com a minha vida?

— Não jogo com a vida de vocês, Aricia. Jogo com a minha vida e esse jogo me levou para bem longe de vocês, eu protejo vocês, é diferente.

— Alguma vez que estivemos juntos eu demonstrei que estava insatisfeita com a nossa vida? Seja sincero.

— Não. — ele estava sendo sincero. — Eu estava insatisfeito com a nossa vida, você era perfeita, estar com você era perfeito, nosso filho crescendo em seu ventre era perfeito, mas todas as manhãs eu me perguntava se isso seria bastante. Se eu conseguiria um emprego.

— Você tinha uma bolsa na faculdade, Derek. Você era o melhor do time de basquete, claro que a NBA seria o seu mundo.

NACIONAIS - ACHERON

— Será? Estava aterrorizado, nunca fui como você, Patricinha. Nunca fui um bom *camaleão*. — Derek sorriu, não estava a ofendendo, sempre achou que Aricia era um bom camaleão por conseguir adaptar-se as várias situações em sua volta. — Minha mente pregou uma peça em mim, gritava aos quatro cantos que eu não passaria de um universitário fajuto e que no final, acabaríamos como seus pais sempre desejaram: No fundo do poço. Com isso eu fiz a escolha errada, foi errada porque eu lhe abandonei, mas foi certa porque hoje eu sei que o meu filho tem um futuro garantido.

— Futuro garantido, Derek? Gabriel não chegará perto daquela máfia nem que eu tenha que matar todo mundo.

— Sei disso e nem o quero perto deles. Mas isso não quer dizer que não exista uma conta em algum lugar com o nome dele recheada de dinheiro.

— Dinheiro sujo!

— Dinheiro que eu conquistei para ele, Aricia.

— Valeu apenas nos deixar?

— Não! Hoje eu passaria todas as dificuldades que fossem precisas ao seu lado, mas não os deixaria por nenhum segundo. Sei que minhas escolhas causaram consequências que, talvez, não tenham mais voltas, mas ainda estou aqui. — Derek apontou para o chão. — Na sua frente, deixando claro que mesmo que tenha passado dois anos, eu ainda te amo como antigamente, estou aqui para lhe proteger e quero você mais do que nunca quis.

Aricia o encarou, ele odiava quando Aricia o olhava daquela forma. Completamente calada, somente o observando, ele amava a mulher a sua frente, mas odiava o fato de que, muitas das vezes, não conseguia decifra-la.

— O que você quer que eu faça, Derek?

— Quero que você me dê uma oportunidade de lhe amar! Quero que você me perdoe, nos dê essa oportunidade de sermos uma família de verdade.

— Você acha mesmo que consigo ser *mulher de um mafioso*? Deixar o meu filho perto dessas coisas?

— Não vou prometer e nem jurar, pois já prometi e jurei coisas a você e lhe decepcionei, mas posso dizer que as coisas estão prestes a mudar.

— Mudar em que sentido?

— Mudar, Patricinha. Sei que é difícil para você confiar em mim, mas você consegue pela última vez confiar em mim?

Confiança era uma coisa que Aricia não tinha muito nas pessoas, mas Derek conhecia o seu coração e sua capacidade em dar segundas chances.

— Se você *sumir de novo*, Derek, eu mesmo lhe caço pelo mundo e...

Derek vez a volta no balcão e não deixou que ela terminasse. Ele só queria um beijo, só queria tocá-la, queria um abraço sem raiva, queria um carinho sem remorso, queria toques sem o passado no meio e quando seus lábios tocaram os lábios de Aricia foi como sinfonias tocando em sua volta, foi como no passado, no passado em que tudo era bonito, no passado em que o amor era puro, no passado em que ele só queria que Aricia fosse completamente feliz.

Ele a puxou de encontro ao seu corpo, Aricia rodeou suas pernas em volta da sua cintura e tudo que Derek queria naquele momento era sentir aquele corpo de novo. Totalmente cego, ou seguindo seus instintos, ele a guiou na direção da sala, sabia aonde o sofá, ficava e ali seria o seu destino, Derek sentou sobre o estofamento do sofá, tendo o enorme e gostoso corpo de Aricia sobre o seu. Aricia sempre fora uma mulher de curvas, mas os dois anos longe dela tinham sido realmente generosas com ela. Pernas longas, bunda grande e cheia de carne, suas mãos trabalhando em todo lugar. Derek puxou o vestido de Aricia para cima e sua mão tocou a pequena calcinha de renda que ela estava usando, tão mínima que era quase imperceptível.

— O que você faz para ser tão gostosa?

Não que ela precisasse fazer algo para chamar a sua atenção, Derek era naturalmente, atraído por Aricia, mas tudo nela gritava sexualidade.

Ela sorriu e Derek voltou a beijá-la, seu membro estava duro sob sua roupa e necessitava de

mais contato, mas naquele momento, Derek só queria mostrar que Aricia merecia sua total atenção. Colocando a calcinha de Aricia para o lado, Derek desceu seu dedo em uma linha reta no sexo de Aricia a ouvindo gemer e empurrar o seu corpo de encontro ao seu dedo, buscando mais contato. As mãos dela fecharam nos ombros dela e seus quadris começaram a se mover em movimentos circulares, Derek observou Aricia de olhos fechados, mordendo o lábio inferior, as maçãs do seu rosto criando um leve rubor enquanto seus movimentos aumentavam. Derek aumentou as investidas sobre o clitóris da Aricia e ela gemeu ainda mais alto.

— Rebola gostoso, Patricinha!

Derek deslizou seu dedo em direção do canal de Aricia o invadindo a preenchendo com seu dedo, indo fundo. Derek tomou os lábios de Aricia aos seus e deixou que ela buscasse o seu prazer em seus dedos.



Aricia estava com a cabeça sobre o ombro de Derek, já fazia alguns minutos que havia chegado ao seu prazer. Era bom, era maravilhoso estar em seus braços de novo. Claro, que ela não se entregaria por completo, não falava do seu corpo, Derek já o tinha, mas não tinha o seu coração. Esse ele demoraria a ter.

— Senti saudades de tê-la tão entregue assim. — Derek acariciou seus cabelos e Aricia mordeu o lábio aconchegando-se melhor em seu colo. — Teve algum homem melhor do que eu na cama?

— Todos foram melhores que vocês.

— É? — Aricia gemeu quando o dedo de Derek tocou em seu clitóris sensível.

— Não! — seu *não* saiu quase que como uma suplica.

— Não o quê?

— Não tive muitos homens com quem comparar nesses dois anos e você?

— A verdade?

— Sem mentiras dessa vez, Derek, por favor.

— Tive mais mulheres que eu deveria ter, mas confesso que eu as quis. Não posso falar que *as comi* pensando em você, pois eu não fiz. *Fodi* cada uma com vontade e raiva, mas ainda assim nenhuma era você. Hoje eu sei disso.

— Nossa! — Aricia se afastou, mas Derek não deixou que ela saísse do seu colo. — Eu deveria me sentir bem ou mal com essa resposta?

— Você deve saber que estou sendo verdadeiro e que muita merda sairá da minha boca se você quer a verdade.

— Percebi isso agora.

O celular de Derek vibrou em seu bolso e tudo que ele menos queria naquele momento era atender, mas ele era chefe de uma máfia e Paul estava por aí, fazendo seu serviço e cuidando de sua segurança. Derek pegou o celular e estava certo, o nome do seu, mais que subchefe, estava na tela do seu celular.

Eles estão dentro.

Não negaria, estava feliz com aquela notícia e isso ficou claro no seu sorriso.

— Alguma novidade? Ou problemas? — e a parte do sem mentiras estava gritando naqueles olhos verdes.

— Novidades. — Derek respirou fundo quando saiu do interior da Aricia. Queria ficar ali, naquela posição, para sempre. Retirou seu preservativo e queria muito ser aquele tipo de homem que traz a toalha para limpar a companheira, mas ele não conhecia nada dentro do apartamento da Aricia e quando os dois eram mais jovens, uma vez, nunca era o suficiente.

— Que tipo de novidades? — Aricia desceu do seu colo se arrumando como podia e Derek percebeu que tudo, no momento, ficaria daquela forma.

— Meu... O quanto você sabe de uma máfia?

— Além do fato de que Cloe é irmã de um mafioso e que eu faço joias para uns, nada mais

além disso.

— Muito bem, mas vamos lá. Eu tenho um subchefe, ou pelo menos, é o nome que ele recebe como cargo na hierarquia em uma máfia, mas o Paul é mais como o irmão que eu nunca tive mesmo. Ele veio para Roadland para me ajudar e ele conseguiu algumas coisas que precisávamos.

Esforço, ela estava se esforçando.

— Leia. — Derek mostrou a mensagem para ela e aquelas três palavras não significavam nada.

— Não entendi, nada.

— Pois bem, porque tem a ver com os meus negócios. Negócios esses que você odeia, não é? E quer distância, certo?

— Você disse que as coisas mudariam!

— E irmão! Paul está resolvendo isso. Esse é o Paul. — Derek estendeu o celular e lá continha uma foto dele abraçado com um homem que tinha quase o dobro da sua altura, loiro, olhos azuis e cabelos longos amarrados em um coque sem sentido no topo da cabeça.

— Ele é o seu segurança. O conheci aquele dia. Ele é algum tipo de deus nórdico?

— Quase isso! — Derek riu. — Mas ele está mais para o meu irmão mesmo e quem me manteve vivo esses dois anos que estive na frente dessa máfia.

Aricia respirou fundo e agora ela estava preocupada.

— Você disse que ameaçaram a sua vida, pior, a vida do Gabe. Quem fez isso?

— Precisamos conversar sobre isso agora?

— Sem mentiras, lembra?

— Mas eu também estou com fome. Acabamos de transar aqui, estou incomodado com fato de que você simplesmente saiu do meu colo e que estou com uma camisinha na minha mão. Seja menos, mandona, Patricinha. Deixe com que as pessoas estejam a frente das coisas também. Isso faz bem as vezes.

Aricia respirou de novo, mas dessa vez de forma rendida. Derek tinha razão ela estava sempre no comando de tudo e não era bem assim. Não

precisava dar ordens em todos os sentidos e estar em alerta não era um mandamento.

— O que você sugere?

— Sugiro que você tome um banho, eu termino o nosso jantar e enquanto jantamos eu respondo tudo o que você me perguntar. E prometo, sempre com a verdade e visando o bem-estar do *nosso* filho.

Não restava muito a fazer, ela seguiu exatamente o conselho do Derek, precisava mesmo de um banho e pensar e nada melhor do que pensar enquanto tomava o seu banho. Aricia ainda o observou antes de sair da sala passando a mão sobre o seu celular e digitando uma mensagem para sua irmã: Aline.

Como o Gabriel está?

Antes que chegasse ao final do corredor sua irmã visualizou a mensagem e começou a digitar.

Bem, está brincando e nem mesmo perguntou por você. Como estão as coisas aí?

Aricia sorriu. Claro que Gabriel não perguntaria por ela, sua irmã fazia todas as

vontades do Gabriel, enquanto, ela, estava sempre o podando de algo.

As coisas estão bem, até demais. Derek está colaborando e falando a “verdade” só não sei até que ponto eu suporto toda essa verdade.

Só dê uma chance a ele, Nêm. Não faça nada de cabeça quente. Dê uma chance ao seu coração, você não acha que já passou tempo o bastante deixando de ser feliz?

Sim, sua irmã estava certa. Ela já tinha passado tempo o bastante fugindo da sua felicidade. Seu coração sabia muito bem que possuía sentimentos por Derek, mas o problema era conviver com aquele novo Derek e suas novas verdades.

Dê um beijo de boa noite no meu filho e qualquer coisa me ligue.

Aproveite sua noite, seu filho está muito bem cuidado.

Aricia entrou em seu quarto e depois no banheiro anexado ao seu quarto. Seria um banho rápido, a noite era longa, mas levando em

consideração as muitas perguntas que ela tinha a fazer ao Derek, a noite não seria assim uma criança.

Ela não sabe quanto tempo ela demorou no banho, mas não foi muito tempo. Então, em alguns minutos Aricia estava de volta a cozinha e Derek estava terminando o jantar enquanto cantarolava um *rap* que estava tocando no seu celular.

— Você ainda gosta de rap?

Derek virou e seus olhos pareciam surpresos. Aricia ainda estava com a mesma roupa, mas algo nos olhos de Derek deixou claro que seus pensamentos não estavam naquela cozinha.

— Certos gostos não mudam. — ele apontou na direção dela.

— Essa foi péssima.

— Esqueceu que eu sou o homem das péssimas piadas, Patricinha? Como estava o banho?

— Muito bom.

— Você falou com o Gabriel?

— Não falei, mas a minha irmã disse que ele está bem e que nem perguntou por mim.

Derek sorriu e Aricia sentiu o coração parar
NACIONAIS - ACHERON

uma batida. Quanto mais Derek ficava velho, mais bonito ele ficava e mais seu peito ardia por ele. Como ela não tinha percebido isso?

— Pergunte. — Derek diminuiu o fogo e virou com uma taça de vinho em sua direção. — Eu precisava de um banho, mas seus olhos estão cheios de questionamentos e prefiro respondê-los do que tomar banho.

— Quem ameaçou a vida *do nosso filho*?

— Me envolvi com uma mulher, ela é a filha do antigo chefe da minha máfia. Acho que o amor dela só era verdadeiro até o momento em que você e o Gabe não apareceram. Agora ela está completamente louca. E bom, a máfia é dela por direito e sei de pessoas que aplaudiriam a minha morte a ascensão dela.

— E o que o Gabe tem a ver com isso, Derek? Não sabíamos da sua existência até alguns dias atrás.

— Não é bom para um mafioso ser ligado a ninguém, mas já que eu tenho um filho e uma pessoa que *eu amo*, claro que a ela usará isso contra mim. Ela não quer a máfia, nunca quis. Eu a

NACIONAIS - ACHERON

conheço.

— Então o que essa *cadela* quer?

— Fazer com que eu sofra já que ela sentiu que eu a trai.

— E você acha mesmo que sou obrigada a conviver com isso? Que meu filho tem que ser arrastado para esse mundo, Derek?

— Sei que você não é obrigada a conviver com nada disso e se a melhor opção fosse colocar vocês em um avião hoje mesmo e mandar para qualquer lugar desse mundo eu faria, mas, ela é astuta, e ela não deixará isso impune. Eu sei muito bem que ela anda por aí a procura de uma brecha.

— Eu não sei quem é mais louco, você ou eu por aceitá-lo na minha vida.

— Sou sua melhor opção de segurança agora, Patricinha.

— Você foi quem trouxe tudo isso para a minha vida, Derek. Até mesmo o Raul Faris é um louco sádico e eu nunca saberia disso se não fosse por você.

— E você acha certo isso? Viver em um

mundo onde há sujeira e você é a única pessoa que não sabe de nada? Pessoas morrem todos os dias para que suas joias estejam nas lojas e Raul sabe disso. Só você que não.

— E o que era aquela mensagem do seu amigo: *Eles estão dentro*?

— Conseguimos aliados. A máfia do Nial está destruída e o pouco que consegui reerguer até agora, os homens não confiam em mim, e bom, não confio em ninguém também. Paul, eu e o Luciano, estamos praticamente sozinhos nessa briga. Uma briga muito desigual, por sinal, então, Paul teve uma ideia, de pedir ajuda. E a ajuda está chegando.

— Que tipo de ajuda?

— Posso ficar sem responder essa? Você não quer saber dos meus negócios, Aricia. E acho que o bom seria você não se envolver muito. Só peço que você não rejeite a minha proteção a sua vida e me obedeça.

— Obedecer a você?

— Pois é. — Derek passou a mão pela cabeça. — Sei que isso é bem difícil para você, mas

adoraria se você fizesse isso. Seria de suma importância.

— É. — Aricia fez a volta no balcão e lavou a mão na pia. — Você estava certo ao dizer que só sairia merda da sua boca ao abri-la.

Derek gargalhou e a agarrou pela cintura depositando um beijo em seu pescoço. Precisava se acostumar com muita coisa e a principal delas era que o amor da sua vida era um bandido com a cabeça a prêmio.

Derek desceu do carro e arrumou a arma que estava na parte de trás da sua calça. O letreiro com o nome *Mystique* piscava bem na sua frente, a música abafada chegava aos seus ouvidos e algumas pessoas chegavam totalmente animadas, assim como algumas pessoas compravam drogas com alguns soldados de Velásquez e saíam a todo momento. O movimento era grande e o esquema era bem mais elaborado do que Derek Holt pensava. Velásquez tinha um império que Derek nunca pensou criar, ou melhor, que seus agregados, soldados e capôs nunca o ajudaram criar. Ele era literalmente uma máfia de três caras: Ele, Paul e Luciano. E esses três caras estavam bem ali, parados do lado de fora da *Mystique*, esperando a aprovação de Henrico Velásquez para entrar em um dos seus pequenos impérios.

— Holt. — Derek olhou na direção do homem que estava o chamando o conhecia muito

bem. Lincoln Pierce, subchefe e mão direita de Henrico Velásquez. O homem estava parado a porta os esperando. — Henrico os espera.

— Preciso mostrar ou tirar as armas? — Derek levantou o terno mostrando que estava armado.

— Que mafioso não estaria armado?

— O tipo de mafioso que não está sendo caçado? — Derek brincou se aproximando.

— As coisas estão tão ruins assim? — Lincoln questionou e Derek respirou fundo.

— Não estaria aqui se o meu império fosse realmente um império.

— Sinto por isso.

— Não, você não sente.

— Realmente não sinto. — Derek riu e viu um sorriso discreto aparecer nos lábios do Lincoln.

Em segundos eles estavam subindo as escadas e entrando no escritório da boate. Como Derek pensou, lá estavam as pessoas que ele jurou que não teria nenhum tipo de contato, mas que agora se tornariam seus maiores aliados: Rex, NACIONAIS - ACHERON

Henrico, Sunny, Caleb, Lincoln e Quentin. Cada um com um dom especial, cada um dono de um lado diferente da cidade, cada um que receberia uma quantia diferenciada para arquitetar um dos piores planos que sua mente diabólica elaborou, mas que mudaria sua vida para sempre.

— Boa noite. — Derek os cumprimentou. Eles estavam conversando sobre algo engraçado, mas a graça pareceu acabar com a sua chegada.

— Boa noite. — Henrico o cumprimentou apontando a cadeira no meio da sala que estava vazia. — Sente-se, Holt. Pensei que você viria no máximo com o seu subchefe.

— Luciano é a única pessoa que realmente confiamos naquela máfia. Ele precisava saber de tudo.

— Você confia sua vida a ele?

— Confio a vida do meu filho a ele.

— Então. — Henrico apontou o canto da sala que estava vazio. — Fique à vontade. E vamos tratar de negócios. Fiquei muito intrigado com tudo que seu subchefe nos falou. E estou realmente

empolgado com sua proposta e planos. Conte-nos mais sobre isso.

— Bom...

Derek não olhou em seu relógio quando, finalmente, aquela reunião terminou, mas julgando que todos tiveram um ponto a acrescentar em seu plano, e valia ressaltar, que isso foi o que realmente chamou sua atenção, pois, três máfias, com chefes completamente diferentes, pensamentos, ideias contrárias, davam-se muito bem e o mais impressionante era o respeito mútuo que existia entre eles.

— A partir de agora todos saberão que há uma nova máfia na cidade, assim como um novo chefe. Quando você fixará o seu escritório?

— Pretendo conversar com o Faris hoje o mais rápido possível e resolver tudo.

— Muito bem. Alguns dos meus homens irão com o seu subchefe para o seu escritório. Use-os como você achar que seja melhor.

— Quero mais a segurança do meu filho e da minha mulher.

— Então, os use nisso, faça um exército em volta deles, mas não deixe criar uma máfia dentro da sua máfia.

— Isso não acontecerá.

— Eu sei que não.

Derek ficou de pé e assistiu Henrico fazer o mesmo. Odiava o fato de que, parecesse, que estivesse respondendo algo ao Henrico. Como se ele fosse o cabeça da área e todos respondessem a ele. Mas não era burro. Suas escolhas no passado o levaram exatamente aquele exato momento: um mafioso, defronte a vários mafiosos, pedindo reforço para que, seu filho e sua mulher, não fossem mortos por causa de suas más escolhas no passado. Nada de bom sairia daquilo. Nada de bom.

— Velásquez. — Derek estendeu a mão na direção do homem que era o cabeça do lado Norte de Roadland e o viu fazer o mesmo para apertar a sua mão.

Uma vez que tudo estivesse selado, não teria mais volta.

— Como você está se sentindo? — Paul

estava ao seu lado no momento em que: Derek, ele e Luciano deixaram a Mystique.

— Como se Nial estivesse vivo de novo.

— Como?

— Henrico Velásquez é sutil e gentil, mas ele é letal, Paul. Nial era assim. Eu convivi de perto com aquele homem para saber que Henrico nos matará na primeira ameaça contra sua cidade.

— Claro, a cidade é dele. Ele vive pelo bem-estar dela. O que você queria?

— Ele agiu como eu sabia que agiria. O que eu queria, era matar metade dos homens que estão armando contra as nossas vidas.

— Mas no momento não podemos fazer isso. Alguns tem o controle das produções, outros do garimpo. Precisamos renovar nossos homens primeiro. Um a um. E no final, teremos a máfia que sempre sonhamos.

—Luciano.

O brasileiro que estava sempre calado e observando o olhou com curiosidade. Era estranho, mas Derek confiava em Luciano de uma forma que

não sabia explicar.

— Sim chefe.

— Preciso que você fique de olho no meu filho. Não confio ainda nos homens do Henrico e quero alguém conhecido por perto. Paul e eu estaremos na imobiliária e mudaremos o escritório para lá. Se as coisas ficarem feias você já sabe o que fazer.

— Sim, senhor.

Derek o assistiu caminhar na direção do seu carro.

— Você confia mesmo nesse homem?

— É estranho, mas eu confio.



— Lane, eu... — Aricia parou o que estava preste a falar ao sentir uma mão masculina pegar a sua a impedindo de continuar seu trabalho: Derek.

Era estranho, mas ele a deixava completamente sem ar toda vez que ficava parado em sua frente a olhando daquele jeito. Como se ela fosse especial.

— Boa tarde.

— Boa tarde.

Por que as maçãs do seu rosto estavam ficando rubras? Era o Derek, o velho, famoso e jogador Derek Holt que estava em sua frente. Nada daquilo era preciso.

— Você está com vergonha?

— Não. — Aricia respondeu puxando a mão do aperto de Derek juntando os papéis. — Passei *blush* demais hoje pela manhã. — Derek sorriu.

— Vamos almoçar?

— Preciso terminar esse trabalho antes de sair, Derek. — Aricia respirou fundo como se estivesse cansada. — Sabe, um dos meus *chefes* liberou uma das minhas coleções, e ela não está muito boa, e sendo o meu primeiro trabalho solo, realmente necessito impressionar o Raul.

— Sério mesmo? Você acredita que deve impressionar aquele cara?

— Sério mesmo que vamos discutir sobre esse assunto? Por que você não está em sua sala ou

sei lá onde. Precisa mesmo ficar parado aí me olhando ou andando pelos corredores da empresa?

— Preciso que você levante dessa cadeira e venha comigo, Patricinha. — Aricia o assistiu fazer a volta na mesa e Derek parou ao seu lado baixando o corpo na altura do seu. — Quero almoçar com você, mas na verdade é só um pretexto para lhe mostrar uma coisa.

— Que coisa?

— Levante dessa cadeira, pegue suas coisas e venha comigo que você saberá.

— O que você está aprontando, Derek? — ele sorriu aquele sorriso de canto de lábios que Aricia amava e sua vontade era beijá-lo, mas Derek ainda parecia cheio de segredos para que sua confiança estivesse cem por cento sobre sua pessoa.

— Por que você não confia em mim?

— Será que é porque você não é uma pessoa confiável?

— Ouch! É dolorido ouvir da pessoa que você *ama* que você não é confiável.

— Acostume-se. — Aricia puxou os papéis

para mais perto do seu corpo e Derek segurou sua mão a parando.

— Baixe só por algumas horas esse muro que você tem conta mim, Patricinha. O que tenho a lhe mostrar é algo bom.

— Algo bom? Vindo...

— Por favor, Aricia. — Derek segurou seu rosto e Aricia parou de falar.

Duas noites atrás tudo estava maravilhoso e tudo estaria maravilhoso se ela fosse uma mulher sozinha em sua vida. Se não tivesse que pensar no bem-estar do seu filho. No fundo temia o mal que toda aquela vida do Derek podia trazer para o Gabe, ela se viraria se fosse o caso, mas Gabriel era só uma criança.

— Vamos a esse almoço e ver o que de tão importante você tem a falar. — ela ficou de pé pegando a sua bolsa que estava no armário na sua sala.

Soaria como bipolaridade, mas ao mesmo tempo que apreciava a presença de Derek em sua vida a repudiava de tal forma que era estranho.

— Como você consegue me amar numa noite e na outra me odiar?

— Quem disse que eu te amo, Derek?

— Ah, mas você deve pelo menos me desejar. Eu não estaria na sua cama se não fosse assim, Patricinha.

— Devo ter algum problema na minha cabeça.

Derek deu uma baixa risada e Aricia fez o mesmo enquanto se dirigia na direção da porta. Era exatamente daquilo que ela estava falando: Bipolaridade ao extremo.

— Indo almoçar, ma... Srta. Aguiar? — Aricia queria rir, queria mesmo. Elaine não parecia nada à vontade na presença de Derek.

— Saindo para almoçar com o Sr. Holt volto mais tarde.

— Anotarei seus recados. — Elaine recatada estava na área, o que não fazia nenhum pouco o perfil da sua amiga.

Os dois entraram no elevador lotado e Aricia prestou atenção nas pessoas em sua volta,

nos funcionários em si. Ninguém encarava o Derek. Raul Faris era uma pessoa benquista por seus funcionários, porém Derek, era respeitado, era como se as pessoas tivessem medo dele e Aricia não sabia se aquilo era bom ou ruim.

— Eles têm medo de você. — ela frisou assim que saíram do elevador no lobby da empresa.

— Igual a sua amiga. — Aricia sorriu.

— Não se engane, Lane não tem medo de você. Ela só achou que ser mais recatada naquele momento seria o mais sensato. Se ela quisesse lhe mandar a merda ela faria. Acredite.

— Já sei quem contratar então.

— Contratar para o quê?

— Para ser minha nova secretária.

— Secretária? Ficou louco?

— Boa tarde Srta. Aguiar.

— Céus! — Aricia levou a mão ao coração ao ver Paul parado bem na sua frente. — Eu tinha me esquecido o que você era enorme!

— Isso que você nem mesmo me viu sem roupa.

— Sério, Paul? Se você não fosse meu *irmão* juro que eu lhe matava agora mesmo.

— Desculpe por isso, Derek. Foi automático. Costume de jogar ofensas deslavadas na cara da Tara, e... — Paul parou de falar ao perceber que tinha falado demais.

— Tara? — Aricia cruzou o braço sobre os seios e encarou Derek.

Aquele almoço seria interessante.



Não tinha vergonha de dizer que amava o Paul, ele realmente amava o seu amigo, contudo, naquele momento, se pudesse, o mataria. Tara não deveria ser mencionada. Em hipótese alguma. Agora, ele tinha um Aricia, sentada na sua frente, com um par de olhos verdes brilhantes e fulminantes o olhando como se fosse furar sua cabeça.

— Então, quem é Tara?

— Quem era Tara seria uma melhor pergunta. Não é alguém que faça parte da minha

vida mais.

— Quem é essa mulher, Derek?

— É a mulher que me ameaçou e consequentemente ameaçou a vida do nosso filho e a sua vida.

— Então, não são bem inimigos que você tem. Vem ser uma mulher em especial que você *deu um fora*.

— Não, eu tenho realmente inimigos e queria falar sobre isso com você.

— Mas eu quero falar sobre essa *cadela* que ameaçou o meu filho. Então, comece a falar, Derek.

— Exatamente por isso que lhe trouxe a esse almoço. Tenho novos planos e esses planos requerem mudanças e preciso que seu coração esteja aberto para isso.

— Mudando de assunto?

— Não, estou tratando da segurança do Gabriel. Não sei do que a Tara é capaz. Conheci uma mulher que tem o sangue de um mafioso correndo em suas veias e ela é capaz de tudo.

— E você? — Aricia o encarou como se o
NACIONAIS - ACHERON

desafiasse a trazer aquele Derek sanguinário de volta. Odiava ser aquele homem, pelo menos quando ela estava por perto. — Você seria capaz de tudo para proteger o seu filho ou deixaria essa mulher fazer mal a ele?

— Não voltei para sua vida atoa, Aricia. Achei mesmo que você estaria na Inglaterra, mas já que você fez o favor de voltar para *Roadland* eu fiz o favor de voltar para a sua vida, então, ninguém mexerá com o meu filho ou com você.

— Acho isso muito bom, Derek, pois, você nos arrastou para essa bagunça. Então, arrume-a!

— Esse seu lado mandona nunca muda, não é?

— Esse é o meu lado: Leoa, conhece? É quando uma *cadela* qualquer quer mexer com o meu filho. Odeio a vida que você leva, mas se for preciso eu aprendo a atirar e mato uma máfia inteira pelo Gabe.

Não queria sorrir, mas foi impossível. O brilho nos olhos de Aricia deixavam claro que ela faria isso mesmo, e pior, Derek enxergava a cena pelas orbes verdes. Por isso ele amava aquela

NACIONAIS - ACHERON

mulher.

— Podemos comer?

Aricia pegou o cardápio em sua frente e passou a escolher a comida. Derek a observou, as sobrancelhas juntas deixava claro que, por mais que ela estivesse lendo o cardápio, ela estava pensando em Tara, ou qualquer coisa relacionada em toda aquela história. Ela só não sabia de um pequeno detalhe, ele também mataria uma máfia inteira pela segurança deles.

Depois do almoço que durou tempo o suficiente para que Aricia se acalmasse, porém ao mesmo tempo observasse mais, os dois deixaram o restaurante, Derek arriscou pegar a mão da Aricia e conseguiu. A levou a um restaurante perto de um prédio comercial que ele queria mostrar a ela. Paul estava caminhando extremamente perto dele, e não tinha como não chamar atenção. Qualquer pessoa que passasse por eles os olhava como se fossem um ET.

— Seu amigo sabe ser a atração da cidade.

— E ele adora isso. — Derek parou em frente a um prédio comercial que tinha cinco

NACIONAIS - ACHERON

andares. Nada extravagante, mas de muita elegância. O prédio era todo revestido de vidro e estava em perfeito estado.

— O que significa isso?

— Tenho uma proposta para você.

— Que tipo de proposta?

Paul pegou uma chave dentro do bolso do seu terno e abriu a porta do prédio comercial dando passagem para eles. A expressão no rosto de Aricia deixava claro que, ela, não estava entendendo nada, mas em breve, entenderia.

— O que acha do prédio?

— É grande e claro. — Aricia olhou para o salão principal. — Quantos andares mesmo?

— Cinco andares. — Derek apontou as escadas. — Vamos conhecer as salas.

Aricia ainda estava desconfiada, o que era normal, em alguns aspectos de sua vida aquela pequena desconfiança. Quando chegaram ao primeiro andar, o salão principal era grande o suficiente para que fosse uma recepção.

— O que pretende fazer aqui, Derek e por
NACIONAIS - ACHERON

que está me mostrando esse prédio?

— Lembra da proposta? — Derek abriu a primeira porta que estava disponível. A sala era imensa e já tinha planos e projetos para tudo, mas claro que queria as ideias de Aricia.

— Lembro, ou melhor, você falou que tinha uma proposta, mas não sei do que se trata.

— Minha empresa. — Derek abriu os braços no meio da sala. — Nossa empresa. Quero que você venha trabalhar como minha design principal e diretora de produção.

— Como?

— Tenho as pedras como Raul deixou claro, as faço entrar na cidade, agora com uma bela equipe como apoio. Não precisamos do Raul. Roadland é a cidade perfeita com pessoas perfeitas para o trabalho. Quero você na minha equipe. Você reclamou tanto que o dinheiro do futuro do Gabriel era sujo, eis aqui a chance de fazer com que esse dinheiro seja limpo.

— Limpo? Como as joias chegam a cidade? De onde essas joias vêm? Pessoas morrem?

— Patricinha. — Derek se aproximou mais da Aricia a pegando pelo queixo com as duas mãos. — São pedras preciosas, Aricia. São diamantes! — Derek sorriu de forma fria. — Você acha mesmo que tem um jeito *limpo* para que esse ramo de joias cresça, Patricinha? Sei que você odeia a máfia, mas não seja tão ingênua ou *idiota* aqui, sei que você não é! São minas com pedras preciosas, pessoas morrem todos os dias para que seus desenhos, lindos por sinal, sejam vendidos e pessoas com poder aquisitivo alto compre um simples anel pelo valor de três mil dólares só para ostentar. Elas morriam quando você trabalhava para o Raul e continuarão morrendo mesmo que você aceite esse trabalho ou não. Fica ao seu critério. E tem mais, você aqui. — Derek apontou para o chão. — Perto, posso protegê-la melhor.

— Céus. — Aricia se afastou de Derek batendo suas mãos para longe do seu corpo. — Você tem um magnetismo que sai desses seus olhos que enquanto seus lábios se movem só consigo pensar em estar em seus braços. O que essa vida fez com você?

Derek sorriu passando o dedo pelo lábio.

— Isso é um sim?

— O que pretende fazer com o Raul?

— Comprei alguns por cento da empresa dele. As venderei. — ele deu de ombros. — Assim todos ficam felizes e Raul tem uma chance de reaver suas ações.

— Quanto tempo até que tudo fique pronto aqui?

— O prédio está em perfeito estado. Contratei uma design de interior e o trabalho de decorar o interior, na realidade, o trabalho é todo seu. A empresa é nossa, mas não entendo de nada disso. Ainda mais tenho outro trabalho a fazer.

— Que trabalho?

— O tipo de trabalho sujo.

— Não quero saber. — Aricia virou na direção da janela da sala.

— Tinha plena certeza disso. — Derek se aproximou dela e abraçou a cintura dela com força a puxando mais para perto. — Lembra que lhe prometi um futuro diferente e mudanças? — um
NACIONAIS - ACHERON

balançar de cabeça foi sua resposta seguido de um respirar fundo de Aricia. — Elas começaram, Patricinha. Serão grandes, terão consequências graves, mas dessa vez eu cumprirei a minha palavra.

Duas semanas depois...

Derek bateu a porta do carro e arrumou os botões do seu terno, Paul desceu do lado do carona e Luciano desceu do banco da frente do carro que os três estavam e foram seguidos por Lancer. Lancer era um dos soldados do Henrico que agora era o motorista do Derek e isso tinha acontecido com muitos homens, tanto do Henrico, quanto de Rex e Sunny. Era incrível como tudo funcionava como se fosse uma máfia só e tudo que Derek menos queria era ser uma única máfia, mas as circunstâncias o levaram a alianças, e bom, certas alianças eram realmente boas. O bom sinal disso era assistir os cinco carros que pararam aos mesmo tempo no pátio das docas. Todos seus carros, todos com homens que trabalhavam para ele agora e que tinham cargos importantes na sua máfia.

— Já estão todos aí? — Derek olhou para

seu relógio. Duas horas da manhã. Aricia sabia que ele estaria resolvendo assuntos da máfia, e bom, ela não estava nada feliz com isso.

— Sim. — Paul respondeu portando-se ao seu lado. — Todos os nomes que estavam na lista, menos um. — Derek arqueou a sobrancelha. — Ela sumiu, Derek.

— Ela sumiu?

— Tenho quase certeza que Tara deixou Roadland e voltou para o Brasil.

— Do mesmo jeito que você achou que a Aricia estava na Inglaterra e eu a encontrei na mesma sala de reuniões que eu?

— Dessa vez é diferente. Luciano e Lancer estavam comigo.

— Não há nenhum vestígio que ela esteja na cidade, chefe. — Luciano respondeu com segurança.

— Continue procurando. É da segurança do meu filho e da minha mulher que estamos falando.

— Sim senhor. — odiava que Paul o respondesse daquele jeito, mas agora haviam mais

homens e o respeito era de suma importância.

Como ele seria um Chefe de uma máfia se seu próprio subchefe não o respeitasse? Que Paul o chamasse do que fosse no privado, mas na frente dos outros ele lhe devia respeito. Pelo menos isso ambos tinham concordado.

— Vamos entrar.

Derek saiu em passadas largas na direção do galpão das docas. Suas pedras ficavam ali, cargas da sua nova empresa, empresa essa que Aricia estava fazendo um ótimo trabalho em criar. Derek estava nos bastidores, porque nada era dele. Tudo seria do Gabriel e da Aricia. Paul abriu a porta de alumínio fazendo um som estrondoso ecoar por todos os lados e Derek sorriu ao ver metade da sua antiga máfia, toda, amarrada e jogada no chão de qualquer jeito. Estavam completamente assustados e confusos.

— Boa noite. — Derek esperou seus homens entrarem e fecharem a porta atrás dele. Doze homens, doze cabeças que Derek descobriu que estavam tramando sua queda e sua morte. O gosto da vitória era delicioso. — Desculpe a falta

NACIONAIS - ACHERON

de tato dos meus homens, deixá-los no chão desse jeito, mas... — Derek deu de ombros arrumando a gravata. — Meu subchefe não acha legal tratar bem gente traíra.

— Quem lhe traiu aqui, Holt?

Sério mesmo que estavam questionando aquilo?

Derek fez um sinal com a mão e Paul colocou sobre a mesma uma pasta. Tudo que seu subchefe tinha feito nessas duas últimas semanas foi pesquisar, e bom, as pesquisas não foram nada boas. Mortes por suas costas, tramas para sua morte, emboscadas contra a vida da Aricia e pior, uma morte mais que cruel para o Gabe, o que o deixou realmente com raiva e despertado o Derek frio e sem coração que residia dentro da sua alma.

— Vejamos. — Derek abriu a primeira página da pasta e estava uma foto de um dos caras que era o braço direito de Nial, e que deveria ser um dos seus maiores confidentes dentro daquela máfia. — Adán. — Derek olhou na direção do loiro que estava preso bem no centro, seus olhos azuis cheios de raiva e certo de que sua morte estava

NACIONAIS - ACHERON

chegando, ainda assim não temia por ela. — Você matou alguns dos meus trabalhadores mais fieis nas minas e simplesmente reportou morte por más condições. Nunca passou pela sua cabeça que destruir a minha máfia faria com que a sua máfia fosse destruída?

— A máfia não é sua, Holt! A máfia era do Nial e deveria ser minha!

— Ah, encontramos o problema então. — Derek se aproximou mais do homem. — Você queria o comando da máfia, porém como Nial não lhe deu, destruí-la foi o seu melhor plano?

— Me responde quem é você, Derek Holt? — Adán o encarou cheio de ódio e nojo. — Um garoto nojento e suburbano de uma cidade chamada *Roadland* que nunca pegou em uma arma e que chega em uma noite e simplesmente conquista a vida do Nial! Por anos estive ao lado dele, por anos eu cuidei da Tara e ainda assim ela preferiu ficar ao seu lado do que ao meu.

— Seu ódio todo foi por que eu peguei aquela cadela? — Derek riu. — Se eu soubesse lhe daria de graça, Adán. Nunca gostei da Tara, ela era

NACIONAIS - ACHERON

uma diversão gostosa. — Adán cuspiu na cara do Derek e foi no reflexo quando o Chefe da máfia deferiu um soco contra a boca do homem vendo o sangue verter.

Derek estava respirando com dificuldade, a raiva já estava em seus olhos negros e o *pequeno monstro* que aparecia quando ele estava com raiva havia saído da casca, o que era horrível para aqueles homens ali.

— Ela saberá quem você é, Derek. — Adán cuspiu o sangue contra o chão. — Tara saberá quem realmente você é então você e toda a sua *família*. — Adán riu ao falar aquilo. — Estarão mortos no minuto seguinte! Tara não é qualquer mulher! Ela é dona dessa máfia e tem o sangue no Nial correndo em suas veias, mais cedo ou mais tarde, seu destino é o fundo de uma cova.

Derek respirou fundo mexendo o pescoço de um lado para o outro enquanto pegava sua arma que estava guardada na parte de trás da sua calça. Engatilhou a arma e se agachou na frente de Adán colocando a arma dentro da boca do homem em sua frente.

— Vá aquecendo a terra então, Adán.

E com um estalo um tiro ecoou dentro do balcão. A bala perfurou a cabeça do Adán espalhando sangue e massa encefálica para todos os lados.

— Paul.

Com aquela ordem mais sons de tiros ecoaram pelo local quando um-a-um os homens da antiga máfia de Derek Holt foram mortos pela nova geração da sua máfia.

É, mudanças exigiam atitudes nem sempre tão saudáveis.



Aricia passou a mão sobre a roupa e bateu na porta esperando a ordem de Raul. Estava realmente contente em estar à frente de abrir a sua própria empresa, contudo, para isso acontecer, ela precisava deixar a antiga empresa e agora, naquele momento, ela estaria conversando com Raul Faris

sobre isso.

Como falar a uma pessoa que foi gentil com você, mesmo não sendo uma das melhores pessoas do mundo, que era necessário deixar sua empresa? Era um grande dilema.

— Pode entrar. — Aricia respirou fundo. Colocou a mão na maçaneta e entrou.

Raul estava sentado atrás da sua mesa em sua cadeira e sorriu quando a viu. Seu olhar subiu de suas pernas até seus lábios, algo que Aricia nunca tinha reparado, mas aquele não era o momento certo para reparar.

— Estou atrapalhando o senhor?

— De maneira nenhuma, você não me atrapalha. Aricia. Sente-se. Bebe algo?

— Não, estou bem. — Aricia sorriu de forma nervosa analisando suas unhas que estavam perfeitamente pintadas e cutiladas. — Estou nervosa na realidade de conversar com o senhor sobre isso.

— Acho que podemos começar sem o senhor, Aricia. Essa palavra deixa a conversa muito

formal. — ele sorriu e Aricia entendeu aonde Raul queria chegar. O que era exatamente novo para ela também. Raul Faris comentando assédio sexual.

— Acho que o *senhor* entendeu mal. Minha visita ao seu escritório tem somente um proposito. Sou grata a oportunidade que o senhor me deu em fazer parte da sua equipe. Se eu não trabalhasse esse tempo aqui, depois que voltei da Inglaterra, não sei o que seria da minha vida. Mas tenho novos planos e estou aqui para agradecer a oportunidade e avisar que estou deixando a empresa.

Raul sorriu e Aricia arqueou as sobrancelhas. Não era um sorriso de quem ficava feliz pelo seu funcionário.

— Deixando que empresa?

— A sua empresa, Raul. Aprendi bastante coisa aqui, mas...

— Você virá com o *papo barato* que conseguiu coisa melhor, é isso? Logo para cima de mim, Aricia? Uma cidade como Roadland, que tudo que qualquer pessoa pega, tem que fazer maior esforço para tornar isso um *império*, você vem me dizer que você, uma simples design de joias, que

NACIONAIS - ACHERON

não tem lá muita experiência, conseguiu coisa melhor do que a um emprego na minha empresa?

— Só vim lhe avisar que estou deixando o meu cargo. Se sou tão ruim assim, o senhor não terá problemas em arrumar pessoas melhores para ocupar o meu cargo.

Raul ficou de pé arrumando os botões do terno e Aricia sentiu um pequeno arrepio passar por sua espinha. Antes de saber a realidade daquele mundo não tinha medo, agora, as coisas eram bem diferentes.

— O que o seu *namoradinho de merda* está aprontando, Aricia?

— Não sei do que o *você* está falando, Raul.
— as coisas já estavam mudando de assunto. Não estavam mais no mesmo nível de educação que antes. Raul não merecia.

— Não sabe. — Aricia deu um pulo sobre a cadeira quando Raul segurou seu pulso com um pouco mais de força. — Claro que você sabe! Ele chegou aqui, na minha empresa, com aquele jeitinho calmo dele, mas aos poucos eu sei que Holt quer levar tudo o que é meu! Mas leve um recado
NACIONAIS - ACHERON

meu para ele, quem levará tudo dele sou eu!

Raul estava perto da mesa e simplesmente deu um bote, a beijando. Só deu tempo de Aricia empurrá-lo e ficar de pé de qualquer forma. Raul ficou lá, parado, rindo e Aricia saiu tendo a certeza que sua saída daquela empresa não seria tão fácil assim.

Ela pegou o celular e ligou para o Derek. Estava nervosa, só ele tinha o poder de acalmá-la.



— Você tem certeza disso, Derek? —
Derek estava observando a casa em sua frente.

A ideia de sair da empresa de Raul Faris nunca foi uma ideia pacífica. Nunca em sua mente ele venderia a sua parte para que o homem obtivesse o seu lucro de volta, céus, ele era um mafioso. Ele não era um homem qualquer que estava brincando de casinha. Ele era um chefe de uma máfia que trabalhava em prol de conquistar seu império, mas nem todo mundo precisava saber como esse futuro chegaria, principalmente Aricia

NACIONAIS - ACHERON

que, achava, que estava no controle de tudo.

— Ele não quer liberá-la da empresa e ainda ameaçou, sem contar que acho que teve mais coisas que a Aricia não me contou. Bom... — Derek deu de ombros descendo do carro e batendo a porta do mesmo. O dia já estava começando a nascer. Limpar o galpão demorou mais tempo do que ele pensou que demoraria. Agora o resto dos seus homens estavam se livrando dos corpos e ele e Paul estavam ali, em frente à casa de Raul Faris. — Ele pagará por isso.

Sem correr e sem se preocupar que alguém poderia vê-los, Derek caminhou na direção dos fundos da casa do empresário e simplesmente chutou a porta dos fundos a abrindo com um chute forte e certo. A casa era de dois andares e Holt não tinha dúvidas que os quartos estavam no andar de cima. Seguido por Paul, Derek subiu dois em dois degraus e abriu a primeira porta dando de cara com uma pequena menina deitada em uma cama, a ideia seria perfeita, mas Gabriel era uma criança também, e ele não mexeria com a filha de ninguém se o seu bem mais precioso era o seu filho.

Derek fechou a porta bem devagar e andou para o segundo quarto e acertou. Raul estava deitado na cama e ao seu lado tinha uma mulher. Holt caminhou até o lado dele e deferiu um leve tapa contra o rosto do homem que abriu os olhos bem devagar, mas ao vê-los terror passou em seu rosto.

— Shh! Sua filha está dormindo no quarto ao lado e sua esposa ao seu lado, não faça escândalo e...

— Raul! — a mulher tinha acordado e olhava Paul como se ele fosse uma miragem. — O que é isso?

— Sim, Raul, explique o que é isso para a sua esposa. — Derek fez a volta na cama e a esposa de Faris se sentou tapando o seu corpo. Ela era uma mulher bonita: Cabelos castanhos, e pelo menos naquele escuro, aparentava um corpo bonito, mas Derek não estava ali para admirar a beleza do homem que ele odiava.

— Explique para sua esposa que por causa de uma simples assinatura ela corre risco de vida.

— Holt. — Raul ficou de pé e sua esposa
NACIONAIS - ACHERON

tentou pegá-lo, porém foi infeliz em seu gesto. — Minha filha dorme no quarto ao lado e você está desrespeitando a minha esposa.

— E você desrespeitou a minha mulher. — Derek se aproximou ficando cara-a-cara com Raul. — Ou você pensa que não sei que você assediou a Aricia? Teria uma lapide com o seu nome nesse momento, Faris, mas Aricia foi *humana* o suficiente para não delatado a mim, então, sintase um homem de sorte.

— Um homem de sorte por que aquela puta não me entregou a você?

No segundo seguinte Raul estava ao chão, o soco de Derek o acertou em cheio bem no queixo e a mulher do Raul gritou, mas não por muito tempo, pois Paul foi rápido o suficiente para colocar uma mão sobre a boca dela.

Holt levou a mão sobre o abajur ao lado da cama e o acendeu dando uma leve iluminação no quarto e percebendo que seu soco fez com que a boca de Raul sangrasse.

— Sim, você é um homem de sorte e seja grato a *minha mulher*, Raul, pois a primeira pessoa

NACIONAIS - ACHERON

que estou com vontade de torturar é a sua filha. — Terror passou pelos olhos de Raul e, como todo pai, sua filha era o seu ponto fraco. — Contudo, posso começar com sua esposa, passar para a sua filha e no final lhe obrigar assinar aqueles papéis ou sua família fica viva e você assina os papéis do mesmo jeito.

— Você quer comandar a minha empresa! Quer as minhas ações! — Raul gritou cuspiendo sangue no chão e por alguns segundos Derek achou que ele estava prestes a chorar, sua esposa já estava chorando.

— Duas empresas de joias em uma cidade como Roadland nunca daria certo, Raul e o mais forte sempre vence. Seja sensato. O que estou lhe oferecendo é o bastante para que você saia dessa cidade, refaça a sua vida e seja feliz. — Derek sorriu e puxou os cabelos de Raul colocando sua cabeça para cima. O homem parecia derrotado. — E acima de tudo, saia daqui vivo. Então, pegue sua família e suma da minha frente.

— Raul. — a mulher chamou por ele e seus olhos pediam por clemência. — Por favor, faça o

que esse homem está lhe pedindo.

— Viu. — Derek deu um leve tapa no rosto do Raul e ficou de pé. — Sua esposa é bem mais inteligente que você. Qual é a sua resposta?

— Amanhã. — Raul respirou fundo e derrotado. — Amanhã seu advogado lhe enviará os papéis e até mesmo a demissão da Aricia.

— Muito bem. — Derek pegou um retrato que estava sobre a outra cômoda do lado oposto do quarto. — Uma pequena lembrança da família de vocês, assim nunca os esquecerei.

Sim, aquilo era uma ameaça camuflada, se Raul fosse realmente um homem inteligente, e Derek sabia que era, logo ele estaria longe de Roadland e Derek teria o seu império. O império o qual ele veio atrás desde o começo.



— Posso ir para casa ou iremos assustar ou matar mais pessoas hoje? — Paul estacionou o

carro em frente ao prédio da Arícia.

Algumas pessoas já transitavam pela rua para ir aos seus respectivos trabalhos e eles ainda estavam acordados.

— Pode descansar, Paul. Acho que nossa cota de mortes e torturas já foi ultrapassada por hoje.

Paul sorriu passando a mão pelo rosto. Seu amigo e subchefe estava cansado, mas ainda assim estava ao seu lado.

— Como você pretende entrar no apartamento?

— Pela porta.

— Jura? — Paul fingiu espanto. — Pensei que seria pela janela. — seu amigo encostou a cabeça contra o vidro do carro e respirou fundo. — Ela lhe deu as chaves?

— Ainda não, mas em breve as coisas mudarão.

— Essas mudanças me assustam um pouco, não sei em que local a Tara está, acabamos de irritar um cara que tem segredos sujos e matamos

uma máfia inteira. — Paul estava preocupado, ele conhecia o seu amigo para reconhecer isso. — Que consequências isso nos trará, Derek?

— As consequências que já esperamos, Paul. — Derek bateu no ombro do seu amigo e abriu a porta do carro. — Procure mais um pouco a Tara, o mundo não é tão grande assim que ela tenha a capacidade de ser invisível e além do mais, Luciano é o melhor em rastreamento. Veja o que ele fez em duas semanas.

— Tara é filha de um mafioso e aprendeu com o melhor. — Paul o olhou como se ele fosse o culpado por seu sumiço.

— Se ela aprendeu tanta coisa assim comigo ela, com certeza, tem falhas. Então, procure mais um pouco e a encontre. Quero essa mulher morta.

— Baixou um espírito da morte em você aí que não sei de onde veio.

— Sempre estive aqui. — Derek saiu do carro e fez a volta no automóvel assistindo Paul abrir o vidro. — Só estava adormecido. Se eu precisar de você eu lhe ligo.

NACIONAIS - ACHERON

— Tem certeza que não preciso esperar?

— Absoluta.

Derek deu as costas para o Sedan preto e seguiu para entrada do prédio. Alguns porteiros já o conheciam, mas ainda assim ele não tinha as chaves do apartamento da Aricia, ou assim ela achava.



Aricia sentiu algo ou alguém colocar os seus cabelos para o lado e beijar o seu pescoço, esse mesmo alguém desceu com seus lábios para seu ombro e mordeu sua pele e o gemido que deixou seus lábios foi um misto de: deixe-me em paz com continue mais um pouco. Nada fazia sentido naquele momento. Ela estava dormindo, tendo um sonho ótimo com Derek e agora aqueles toques pareciam tão... reais.

— Patricinha. — aquela voz estava muito real para ser um sonho.

Aricia abriu os olhos e sentiu um corpo

moldado ao seu sobre sua cama, mãos a tocando e lábios a beijando. Aquilo não era um sonho. Derek estava no seu apartamento, pior, no seu quarto.

— Derek! — Aricia virou sobre a cama e ficou cara-a-cara com ele. O cheiro da sua pele era fresca, cheiro de água e sabonete. Ele estava de banho tomado e sem camisa, estaria sem calça também? Levando em consideração que os dois não tinham estabelecido o que realmente aquele relacionamento significava para eles. — O que isso significa? Como você entrou no meu apartamento?

— Jura? Faço uma surpresa dessas para você e essa é a sua pergunta?

— Derek, como você... — E Aricia não terminou sua frase.

Derek jogou o lençol para o lado e com um movimento rápido tirou sua calcinha e passou a distribuir beijos por sua barriga. Ela queria agarrá-lo, mandar com que ele parasse com aquilo, queria explicações, mas elas ficariam para depois. Aricia fechou os olhos quando Derek mordeu sua barriga, logo abaixo do seu umbigo e levou suas mãos sobre seus seios os apertando. Não queria gemer, mas foi

NACIONAIS - ACHERON

impossível.

Derek tinha o poder de sedução que ela odiava amar. Sentiu a boca do homem contra o seu sexo e arqueou o corpo de encontro a mais contato. Muitas coisas passavam por sua mente ainda, muitos questionamentos, mas Derek parecia sempre contar a verdade e isso estava ajudando no *relacionamento* deles. Isso era uma nova questão a se debater, o que era aquilo que estavam vivendo. Aricia levou as mãos sobre as mãos do Derek que estavam sobre seus seios e a apertou. Ainda queria saber como ele entrou no seu apartamento, mas o prazer naquele momento era sua prioridade.

— Vou precisar viajar. — Derek sussurrou contra a sua pele enquanto voltava a beijá-la.

— Tem a ver com o serviço de hoje?

— Tem tudo a ver com o serviço de hoje, mas acho que você não quer saber.

— Também acho isso. — Aricia se contorceu mais ainda quando Derek a chupou com mais força. — Mas quero saber como você entrou no meu apartamento.

— Ah Patricinha. — Aricia gemeu. — Você se preocupa com coisas tão banais.

Aricia se entregou quando Derek a levou mais fundo em sua língua.

Aricia respirou fundo e olhou para a tela do seu celular. Sem mensagens, sem ligações e sem sinal de vida. Derek saiu do seu apartamento dizendo que viajaria para o *Brasil* e que tudo estava em suas mãos por alguns dias e que tinha certeza que tudo ficaria bem.

— Cheguei. — Cloe praticamente se jogou na cadeira ao seu lado. — Aquele escritório está uma loucura. Meu pai me encheu de trabalhos depois que avisei que passaria um tempo com o meu irmão.

— Seu pai realmente odeia o seu irmão.

— Quem não odeia o meu irmão, Aricia? Mas vamos pedir nossas comidas e mudar de assunto. Como está meu afilhado, como estão as coisas? Duas semanas e ainda não acredito que você terá sua própria empresa.

— Duas semanas e nem eu acredito que isso está acontecendo. Sou louca por aceitar?

PERIGOSAS

— Seria louca se não aceitasse. O que está acontecendo que a faz pensar?

— Como você sabe que estou pensativa?

— Você sempre está pensativa e essa sua expressão: olhos parados e rugas na testa deixa claro sua preocupação.

— Você realmente me conhece, não é?

— Sou sua amiga apesar de você achar o contrário.

— O que vão comer? — o atendente se aproximou delas com o bloco de notas nas mãos.

— Filé de frango, salada e purê, por favor.
— Aricia pediu deixando o cardápio de lado.

— O mesmo. — o atendente saiu as deixando sozinhas. — O que está lhe preocupando.

— Derek sumiu.

— Como assim sumiu?

— Ele me informou que viajaria até o Brasil, mas até agora não recebi nenhuma mensagem ou ligação e na realidade estou com medo.

NACIONAIS - ACHERON

— Medo de quê, Aricia? — Cloe segurou a mão da Aricia e por alguns segundos ela aceitou o carinho antes de tirar a mão.

— Essa empresa, ele deixou tudo nas minhas mãos, me fez assinar coisas e...

— Você acha mesmo que Derek passaria a perna em você, Aricia?

— Ele me abandonou uma vez, não foi?

— Achei que isso estava sendo superado, Aricia. Ninguém pode viver do passado, sabia?

— Sei disso e nem quero viver do passado! Preciso superar tudo que aconteceu e realmente me sinto bem ao lado do Derek, contudo, não posso negar que tenho medo.

— O que é natural e agradeço. É natural do ser humano temer e ainda bem que isso acontece. Você tem um filho, tem muitas coisas a perder se o Derek realmente lhe deixar de novo, mas você sabe, Aricia, sabe que dessa vez é real e esse é o seu medo. Se envolver de novo, sentir o que um dia sentiu por ele.

— É complicado. A vida dele é complicada.

— A sua também! Ou você esqueceu que seus pais sempre mentiram sobre o homem que você amava? Ou que você tem um gênio forte que só o Derek suporta? — Aricia riu. — Ou você aceita o Derek ou você ficará sozinha.

— Sua idiota.

Por isso Aricia adorava conversar com Cloe, sua amiga sempre falava a verdade. Com algum teor de brincadeira, muitas das vezes com seriedade, mas ela sempre abria os seus olhos de alguma forma e aquilo era muito bom.



— Você mandou alguma mensagem para a Aricia?

Paul estava ao seu lado no carro. Depois da viagem, que já durava mais de doze horas, Derek e seus homens dirigiam-se ao acampamento de garimpo que estava localizado no interior de Minas Gerais. Quatro carros estavam ao todo no pequeno comboio, era uma operação arriscada, arriscadíssima, mas era necessária.

— Não, prefiro assim. Fico concentrado e focado no que preciso fazer e logo voltamos para casa.

— Ou não voltamos.

— Tem isso também. — Derek comentou pensativo. — Por que ficamos temerosos quando sabemos que tem alguém esperando por nós ou que dependem das nossas atitudes?

— Não sei. — Paul deu de ombros. — Nunca senti o que é ter alguém dependendo de mim, Derek. Não sei nem do que você está falando.

— Eu sei. Só sei que preciso estar vivo, Paul. Vivo e bem para a minha família.

— E você estará! — Paul bateu em seu ombro. — Sou mais do que seu subchefe, Derek. Você sabe disso. Sou seu amigo sou aquele seu *irmão branco*. — Derek sorriu. — Morro por você, mas você volta para sua família.

— Sei que posso confiar nisso também, Paul.

O resto do caminho de estrada de terra e buracos, os dois foram em silêncio. Derek estava

repassando em sua mente o plano que foi arquitetado em Roadland antes que eles deixassem a cidade.

— Nada do paradeiro da Tara?

— Nada, acho mesmo que ela foi embora para outro país. Isso é bom, não é?

— Se ela realmente foi embora, sim, se ela continua por aí fingindo tudo, não.

Os carros pararam em um campo aberto. Barro estava espalhado para todos os lados, algumas casas de madeiras eram vistas de longe. Aquele era o local que os garimpeiros e seus trabalhadores moravam. As condições eram precárias, mas suas palavras não eram crueldade. Aquele mundo de *glamour* era violento e cruel. Pessoas inocentes morriam para que pessoas ricas tivessem seus caprichos atendidos. Derek desceu do carro pisando em uma poça de água suja com lama jogando água em suas calças, sapatos caros e em Paul, que estava ao seu lado.

— Droga.

— Chefe. — um homem vestindo calças

jeans, botinas, uma camisa de mangas compridas, um chapéu de palha e completamente sujo de lama, suor e outras coisas parou na frente do Derek sorrindo passando o pulso sobre a testa na hora em que retirou o chapéu. — Não sabia que o senhor estava vindo. Que surpresa.

— Não seria surpresa se eu contasse, não é, Ricardo? — Derek ouviu sua própria voz falando em português e cheio de sotaque. Não era o seu melhor dialeto, mas ele sabia falar e muito bem. — Precisei aparecer para conferir algumas coisas.

— Algum problema, chefe? Sua esposa esteve aqui algumas semanas atrás, pegou algumas pedras e parecia tudo bem.

— Minha o quê?

— Sua esposa, a Srta. Tara.

— Tara não é minha esposa, Ricardo e você sabe muito bem disso.

O homem na sua frente arregalou os olhos como se tivesse feito uma grande burrada.

— Ela chegou aqui com um anel, falou que vocês casaram e...

— Só fique quieto, Ricardo e me leve até a *minha casa*.

Não era bem a sua casa, mas era o melhor prédio de alvenaria que tinha ali naquele lugar. O local que ele sempre ficava quando precisava visitar o garimpo. Tara não estava escondida, ou melhor, ela estava o roubando.

— Me conte essa história. — Derek exigiu assim que entrou na casa que estava impecavelmente limpa.

— Srta. Tara chegou aqui algumas semanas atrás, veio com alguns homens e com uma ordem de pegar algumas pedras. Disse que a ordem era sua e eu...

— Lhe deu as pedras como um homem *burro* que você é.

— Ela mostrou o anel, Sr. Holt. Achei mesmo que vocês estavam casados. Afinal, isso tudo é dela.

— Corrigindo, Ricardo, isso tudo *era* dela. Tara perdeu a chance de comandar a máfia quando Nial deixou tudo para ela e Tara desistiu de tudo. A

máfia é minha. Os homens são meus e essas pedras são minhas. E por conta disso que assim que você colocar os pés fora dessa casa você verá a maior queima de arquivos que você já viu em todos esses anos e nesse momento preciso saber. — Derek viu Paul segurar Ricardo pelo pescoço e obrigá-lo a se ajoelhar. Havia uma arma carregada, engatilhada e apontada bem na cabeça de um Ricardo que parecia assustado olhando para um Derek animalesco. — Dê que lado você está? — Derek se abaixou resmungando ao ver que seus sapatos estavam sujos de lama. Odiava ir ao acampamento por causa daquilo. O lugar era horrível. — Do meu lado que posso manter a sua cabeça no lugar ou do lado da Tara que roubou algumas pedras e, com certeza, o matará na primeira oportunidade que tiver?

— Não dei as pedras porque eu quis, Sr. Holt. — Ricardo engoliu em seco. — Achei mesmo que ela fosse sua esposa, afinal, vocês sempre dividiram tudo e ela estava com homens armados e...

— Homens armados? Como assim?

— Ela chegou em vários carros, com vários

homens. Srta. Tara realmente tem um exército ao seu lado, Sr. Holt. Achei que fossem os seus homens.

— Você está disposto a fazer desse garimpo o melhor que já existiu, Ricardo? Prometo melhorar a sua condição de vida, a condição de vida da sua família e companheiros, mas preciso que você seja fiel.

— Eu prometo, Sr. Holt. Não tenho para onde fugir.

— Muito bem. — Paul o puxou de qualquer jeito do chão, mas não tirou a arma que estava apontada ainda em sua cabeça. — Quando você sair por essa porta, quero que você me aponte todos os homens que você saiba que dê, alguma forma, me traíram durante esses anos. E se eu ver alguma piedade em seus olhos, Ricardo, você será fuzilado junto com eles.

— Sim senhor.

Derek saiu na frente e assim que passou pela porta tudo estava um caos, ou assim quem olhasse de fora acharia. Seus homens portavam armamento pesado, enquanto, os *trabalhadores* do NACIONAIS - ACHERON

garimpo e até mesmo homens que um dia, Derek, julgou seus homens de confiança estavam sendo subjugados. Alguns já estavam de joelhos no chão e amarrados outros estavam dando um pouco mais de trabalho que o necessário, mas no fim, todos teriam o mesmo fim: a morte.

— Às vezes. — Derek começou a andar na frente dos homens que já estavam de joelhos. — Para que um *império* possa nascer, sacrifícios precisam ser feitos. — Derek parou olhando os homens a sua frente. Os homens que o serviram, alguns inocentes ou nem tanto, alguns ele, até, poderia usar, mas não queria nenhuma erva daninha em seu meio. — Meu império nasce hoje e para que isso aconteça, eu, estou disposto a tais sacrifícios. — Derek olhou para o Ricardo que estava na mira da arma do Paul. — Desculpe por isso, mas eu não confio nem mesmo na minha sombra. — e com acenar de cabeça Paul descarregou a arma contra a cabeça de Ricardo e logo mais tiros invadiram o local quando um-a-um os homens foram mortos.

Derek respirou fundo, sentindo o cheiro de sangue misturado com lama e um misto de

liberdade e nova era que foi impossível não sorrir.



Derek olhou para o relógio em seu pulso, achou que a limpeza no galpão tinha sido difícil, mas a queima de arquivo no garimpo foi bem pior. O bom, foi que, para se livrar dos corpos, um enorme buraco, gasolina e fogo foi o suficiente. Não sobrou nenhum homem para contar história e agora, Derek deixou um dos seus novos homens recrutando novos garimpeiros. Como ele havia dito, seu império estava nascendo naquele dia e medidas drásticas precisavam ser tomadas.

O carro parou em frente ao prédio de Aricia e dando um leve tapa no ombro de Paul, Derek deixou o interior do carro. Agora ele tinha uma equipe especializada procurando por Tara e a cabeça da mulher estava valendo alguns centavos. Tara estava recebendo mais atenção do que ela merecia e Derek já estava com raiva.

Ele girou a chave na fechadura da porta da Aricia e a pegou bem no meio da sala com alguns papéis sobre a mesinha de centro, lápis espalhados

para todos os lados assim como papéis amassados. Foi impossível não ver o alívio passar pelos olhos verdes dela.

— Você precisa parar de entrar no meu apartamento sem permissão. — Derek sorriu. Era bom estar de volta.

Quatro dias sem ouvir aquela voz e ele já estava louco.

— Também senti saudades suas, *Patricinha*.

Derek se surpreendeu quando Aricia ficou de pé jogando o lápis, que estava em sua mão longe, e correu em sua direção. Aquele monumento de mulher o abraçou como se achasse que ele estivesse morto.

— Eu odeio você! Odeio que você tenha sumido.

— Sei que esse é o seu jeito de falar que me ama e que sentiu saudades.

— Não. — Aricia se afastou colocando uma mecha do cabelo para trás e Derek só a queria mais perto. Só queria beijá-la. — Eu quero exatamente dizer que eu lhe odeio. Esse é o meu jeito de dizer

que senti sua falta.

E Derek ficou surpreso quando Aricia o beijou. Quando sua língua invadiu sua boca, colhendo o seu gosto e ficou completamente pasmo quando ela gemeu o abraçando. Ele sentiu saudade naquele beijo, sentiu entrega. Se ele soubesse que só precisava de quatro dias longe para que ela demonstrasse carinho, teria feito antes.

— Não faça mais isso. — Aricia encostou a testa contra a sua. Ela estava de olhos fechados, lábios molhados, vermelhos e a respiração agitada. — Achei que... — ela forçou os olhos fechados. — Achei que você estava morto.

— Qual foi a promessa que lhe fiz, Patricinha?

— Não sei se confio muito em suas palavras, *Vagabundo*. — Derek sorriu. Era muito bom estar *vivo* e em casa.

— Claro que confia, do contrário você não estaria nos meus braços.

— Você continua o mesmo convencido de sempre, não é?

— E é por esse convencido que você se apaixonou quando era mais jovem e continua apaixonada.

— Quem lhe contou essa mentira?

— Seus olhos. — Derek beijou as pálpebras de Aricia e assistiu o peito dela elevar e baixar com a respiração pesada. — Sua boca. — mais um beijo sobre aqueles lábios carnudos. — Seu corpo. — Derek a puxou mais para perto e sentia o corpo dela arrepiado contra o seu. — Tudo isso são sinais que você está completamente apaixonada por mim. E isso aqui. — Derek pegou a mão da Aricia colocando sobre o seu coração que estava batendo muito forte e rápido. Desde o momento que entrou naquele apartamento e a viu, a forma que Aricia parecia assustada e quanto parecia aliviada agora, o deixou completamente sem ar. — Sou eu deixando claro *que te amo*.

Não esperava, de novo, a próxima reação da Aricia, mas ela o beijou. O abraçando com força, e o mais estranho de tudo foi sentir um gosto salgado no meio do beijo. Derek abriu os olhos e a viu chorando. Seu coração quebrou mais um pedaço

com aquela cena.

— Não se gabe por isso. — Aricia limpou rapidamente as poucas lágrimas que tinham caído em seu rosto. — Só faça certo dessa vez.

— É o que pretendo, *minha morena*.

Derek a beijou, puxando o corpo da Aricia para cima e a levando na direção do quarto. Precisava amar aquele corpo, precisava beijar cada parte daquela pele que o consumia, que deixava sua alma em chamas e tomava conta dos seus pensamentos.

Aricia sempre conteve o seu coração em suas mãos, ela só não sabia desse pequeno poder. Uma manobra por parte dela e seu coração estaria esmagado. Aricia nunca soube do seu real poder, nunca descobriu que quem tinha o poder de destruir era ela, e nunca foi ele. Ela era a pessoa forte da relação. Aguentou dois anos sem ele, cuidou de Gabriel *sozinha* e agora estava o aceitando de novo. Ela era o pilar daquela relação. Ele só era uma pequena marionete que a amava e moveria o mundo para fazê-la feliz.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

16

Aricia retirou o roupão de seda que estava usando e o deixou cair ao chão. Derek estava sentado na beira da sua cama a olhando, sempre era tudo sobre ela, e bom, depois daqueles quatro dias que ela não teve *nenhuma* notícia dele, vê-lo ali, sentado na sua cama, com aquele brilho no olhar, a devorando com os olhos lhe fazia querer agradá-lo e ela faria isso. Cloe estava certa. Ela amava aquele homem. Por mais que quisesse gritar ao seu coração que não, era exatamente isso que seu coração gritava para ela: ela o amava.

Lentamente, Aricia retirou a camisola ficando somente de calcinha o olhando. Não tinha restrições com seu corpo. Apesar da vida corrida e de ser mãe, essa correria do dia-a-dia e sua genética eram bem generosas com ela, e bom, se Derek realmente a amava, seu estado físico não importava. Isso sempre foi algo que Aricia pensou. Se você se ama do jeito que é, as pessoas precisam lhe amar também, afinal, você não é só um corpo.

Você é muito mais do que isso. E se não amar, azar o delas, não o seu.

Ela caminhou na direção do Derek, colocando as duas mãos ao lado do seu corpo e beijou o seu peito, deixando seus olhos capturando seus movimentos. O brilho no olhar de Derek deixava claro que ele esperava por tudo e que estava a sua mercê. Aricia beijou seu peito, deixando a ponta da sua língua sair para fora e ouviu um gemido por parte de Derek, mas ele não agarrou os seus cabelos ou fez algum movimento brusco, ela estava realmente no controle. A ponta da língua da Aricia desceu, traçando cada músculo, beijando cada pedaço de pele que estava exposta. Ela não cansaria de dizer que o tempo tinha sido generoso com Derek. Seus músculos abdominais, aquele oblíquo que sempre encheu seus olhos. Ele era perfeito para ela. Sempre foi.

Aricia puxou a calça de Derek juntamente com sua cueca o deixando nu sobre sua cama e seus lábios continuaram o trabalho de beijar o corpo do seu *amado*. Parte por parte, pele por pele. Aquela pele cor do pecado, ela adorava pensar dessa forma.

Aquele homem era o seu pecado. Sua mãe sempre falou isso, que aquele homem seria sua destruição, e ele estava sendo. Aricia distribuiu beijos sobre o membro de Derek e o ouviu gemer de forma entregue, segurando o lençol com força, mas em nenhum momento ele a tocou o ditou o ritmo. Aricia segurou seu membro na base e levou a boca de encontro a sua extensão, o devorando, deixando completamente úmido com sua saliva. O devorando com vontade. Sua mão trabalhava na parte em que sua boca não chegava e pelos os gemidos que Derek deixava escapar, ela estava fazendo um ótimo trabalho. Aricia fechou os olhos, apreciando o momento, deixando que Derek apreciasse o momento e sua entregue. Sim, estava entregue naquele momento.

Não lutaria mais contra o que sentia por ele ou deixaria o medo tomar conta dos seus pensamentos. Se seu coração queria Derek, ela viveria aquele *amor*, fosse o que fosse, e viveria o tempo que tivesse que viver, mas não deixaria o tempo tirar isso dela. O medo travava as pessoas e por muitos anos Aricia deixou de ser feliz por medo

de viver. Derek era um mafioso, provavelmente matasse pessoas aos seus finais de semana, o que era o seu oposto, que não matava nem mesmo um rato. Mas os opostos se atraíam, e eles não tinham apenas se atraído, suas almas estavam atraídas, uma conexão além do que o corpo pudesse sentir e se ainda isso não fosse o bastante eles tinham um filho lindo juntos: Gabe.

Aricia fechou os olhos e o sugou com mais vontade e Derek gemeu alto se derramando em sua boca. Ela sorriu ainda com a boca envolta do seu pênis. Algo dentro de si tinha sido liberto, algo que estava preso a dois anos, aquele medo, aquele cadeado que prendia as correntes do seu coração tinha sido quebrado e parecia que tudo seria diferente agora. Ela gritou quando Derek a segurou pela cintura e com um movimento a colocou sobre a cama. Seus olhos estavam escuros e devoradores. Os dois continham as almas quebradas, cheias de defeitos, mas quando estavam juntos, ah, essas diferenças acabavam e tudo ficava completo.

— Você tem noção do quão perfeita você é?
— Derek tocou seu rosto colocando uma mecha do

cabelo para trás antes de passar a ponta do dedo sobre seus lábios e levar o dedo a boca o sugando. Foi a vez de Aricia gemer. Aquela visão foi dos céus.

— Você tem noção que é você que faz com que eu me sinta assim? — Derek sorriu.

— Sabe que para que tudo fique perfeito, preciso que você diga aquelas três palavras, não sabe?

Aricia sorriu e puxou Derek para perto, puxando o lábio inferior dele entre os seus dentes. Olhos verdes grudados nos olhos pretos.

— Quando eu as disser, será para sempre, *vagabundo*.

— *Eu sei*. — Derek deu um beijo em sua testa e respirou fundo. — Amo você. — Aricia viu seus olhos brilhando e sabia que não era um brilho de luxúria. Aquilo significava muito para Derek, sempre significou.

— Nunca duvidei disso. — nunca duvidou mesmo. Suas dores e mágoas gritavam em seu coração que era mentira o amor dele por ela, mas

Aricia sempre soube que era verdade. — Me ame agora, *vagabundo*.

Derek a beijou e Aricia se entregou, o puxando mais para perto, os corpos se moldando um no outro. Sentia o quanto ele a queria, seu membro já estava duro de novo e ela estava pronta para recebê-lo. Aricia abriu as pernas e as prendeu contra a cintura do Derek e o sentiu quando devagar ele rompeu suas barreiras. Sem proteção alguma, sem nada para lhe atrapalhar de senti-lo. Não era apenas sexo. Era amor, ele estava realmente e a amando e foi impossível não chorar. A primeira lágrima caiu se misturando ao beijo, novamente, mas Derek não parou. Não parou de beijá-la e não parou de invadi-la. Afinal, suas almas estavam sendo curadas.



Derek acariciou as belas curvas da sua mulher que estava deitada ao seu lado e completamente abraçada a ele. Era ótimo ter Aricia em seus braços. Depois de amá-la e sentir que seu amor era retribuído, agora, os dois estavam

deitados sobre a cama abraçados já fazia alguns minutos completamente calados e algumas coisas estavam passando por sua mente.

— Você está se cuidando, *Patricinha*?

— Em que sentido? Tem alguns homens que estão me seguindo, mas acho que são homens seus.

— Não sobre isso. — Derek beijou os cabelos de Aricia sentindo o cheiro maravilhoso de morango em seus cabelos. — Não usamos nada.

— Se eu disser que estava nos meus planos isso? — Derek sorriu.

— Está nos seus planos ter outro filho meu? Sério isso? Alguns dias atrás você falou que me odiava e agora você quer outro filho meu?

— Gabe foi a melhor coisa que me aconteceu e sejamos sinceros aqui, seu físico é de dar inveja em qualquer um. Se eu tiver dois filhos igual a você, estou feita nessa vida. — Derek gargalhou e Aricia fez o mesmo apoiando o queixo em seu peito. Amava aquela mulher e o quanto ela era perfeita. Até mesmo sua bipolaridade de uma hora odiá-lo e outra hora amá-lo. — Não tomo

remédios, mas acho que não temos riscos de nada acontecer. Não estou no meu período.

— E fico feliz que você confiou o suficiente em mim para deixar que fosse sem proteção, *amor*.

— Você é um *cachorro*, mas é verdadeiro, Derek.

— Falando em verdade. Raul lhe chamou?

— Que Raul?

— Raul Faris.

— Por que ele me chamaria?

— Porque a empresa dele é *nossa agora*.

— A empresa dele é o quê? — Aricia quase deu um pulo na cama. Em um segundo ela estava deitada na cama e no outro estava em pé procurando o seu roupão de seda e o vestindo. Cobrindo o seu corpo para o desespero de Derek. Ele queria muito mais.

— Volte para cama, *Patricinha*.

— Como assim volte para cama, Derek? Você se escutou?

— Acho que até o Gabe lhe escutou agora,

amor. Você realmente gritou. — Aricia foi até a porta e a destrancou olhando o corredor antes de fechá-la e colocar a mão na cintura e encará-lo: Problemas. Lá vinham mais problemas e tudo porque ele queria ser verdadeiro.

— Conte essa história direito.

— Pense comigo. — Derek sentou sobre a cama e viu Aricia olhar diretamente para o seu membro e foi impossível não sorrir. Tentaria distraí-la mesmo sabendo que o assunto era sério. — Duas empresas de joias em uma cidade como Roadland não daria certo. Quero fixar residência aqui ou você pretende ir embora?

— Não pretendo ir a lugar nenhum!

— Pois bem, eu não pretendo deixá-los, por isso precisava eliminar alguém e esse alguém era Raul Faris e sua empresa. É a minha vez, *Patricinha*. É a minha vez de ter um império.

— Não me chame de *Patricinha* quando você tem esse olhar de quem quer dominar o mundo.

Derek deu um pulo na cama e ficou frente-

a-frente com Aricia segurando o rosto dela com as duas mãos.

— É exatamente isso que eu quero! O mundo! Quero dominá-lo, quero conquistá-lo para você e para o nosso filho, mas coisas precisam ser feitas para que isso aconteça.

— Pessoas precisam perder tudo e morrer, isso que você quer dizer! — Aricia tentou se afastar, mas Derek não deixou.

— Raul não perdeu nada. Eu lhe dei dinheiro o suficiente para que ele pegue sua família e seja feliz em outro lugar, além do mais, eu o deixei com sua família.

— Como? — Aricia estava com os olhos arregalados e Derek sabia que ela nem mesmo sabia no que pensar. — *Cara*, você se ouviu?

— Eu me ouvi, você me ouviu? É tudo por vocês!

— A custa dos outros!

— Sempre será às custas de alguém, *amor*. Seus pais estão na posição que estão hoje pelas as minhas custas, pessoas usam joias hoje em dia

porque tem quem garimpe as pedras para elas e depois tem você para desenhá-las e outras pessoas para produzi-las, tudo nessa vida tem um processo e tudo é às custas de pessoas. Minha felicidade, por exemplo, depende de *vocês*.

— Porque você é louco.

— Sou! — Derek segurou Aricia pelos os cabelos e a puxou mais para perto. Lábios contra lábios. Mordeu os lábios dela e a ouviu gemer. — Sou completamente louco por você e sei que você é completamente louca por mim e que entende tudo isso que estou falando. — Derek sorriu. — *Patricinha*, você é *louca* como eu! Por isso nos completamos quando estamos juntos!

Aricia sorriu contra os seus lábios, Derek a puxou na direção da cama e ela se deixou levar. Agora sim, ele terminaria de amá-la pelo resto da noite como queria fazer.



Aricia colocou na frente do Gabe sua tigela
NACIONAIS - ACHERON

com cereais e leite o viu mostrar para Derek o que os carrinhos faziam na pista de corrida que o, próprio Derek, havia lhe dado de aniversário. Estava olhando tudo de longe. Era a primeira vez que os três tinham um momento em família. Primeira vez que ela não sentia aquela necessidade de tirar Derek de perto do seu filho. Aricia deu um beijo na cabeça de Gabe e pegou sua xícara que estava sobre o balcão e levou aos lábios antes da campainha tocar. Ela arrumou o roupão e seguiu para abrir a porta, deixando Derek alimentando Gabriel. Ela precisava contar ao seu filho que o pai dele estava perto, bem mais perto do que ele imaginava.

— Bom dia Srta. Aguiar. — era o porteiro da hora. Aricia realmente não sabia seu nome, pois naquele horário ela tinha o costume de estar trabalhando.

— Bom dia.

— Isso foi deixado para a senhorita.

— Obrigada. — era um envelope pardo.

Aricia o abriu e lá estavam alguns papéis. Um era a sua demissão e o outro para a sua
NACIONAIS - ACHERON

surpresa era o controle das ações da empresa de Raul Faris, todos no nome do Gabriel.

— Derek!

Derek apareceu sem camisa, vestindo somente a calça da noite passada, bem abaixo da sua cintura e com Gabe no colo. A visão era linda, ainda assim, os papéis em sua mão estavam a deixando completamente nervosa.

— O que foi?

— O controle das ações do Raul Faris.

— O que tem elas?

— Estão aqui e todas no nome do Gabe!

— Ele fez o que esperávamos.

— No nome do Gabe, Derek!

— Sim, no nome do nosso filho. Quero deixar algo para ele.

— Achei que ter duas empresas de joias na mesma cidade era um problema. — Derek riu e se aproximou beijando a testa dela.

— Ter uma empresa que não seja minha, provavelmente, comandada por um cara que tem

ligação com máfias é um problema, amor. Ter duas empresas minhas, não há problema algum.

— Não consigo lhe entender, Derek!

— É fácil! A empresa continuará lá. Eu a comandarei e quando Gabriel tiver idade o suficiente ele terá uma empresa para comandar.

— E a empresa que estamos criando?

— É sua.

— Eu não quero uma empresa!

— Você quer, *amor*. — Derek soltou o Gabe quando esse fez menção de ir para o chão.

— Não, eu não quero! E não quero que meu filho seja um mafioso.

— Ele não será! Prometo limpar a empresa do Raul de todos negócios ilegais e sua empresa está sendo construída sobre *coisas limpas*, amor. Não se preocupe. Está tudo *dentro da lei*.

— Por que eu acho que você está mentindo?

— Porque provavelmente eu esteja, mas é para o seu bem.

— Realmente odeio que você seja tão

verdadeiro.

Derek tentou beijá-la mais ela se afastou jogando os papéis sobre a mesinha do centro e indo em direção do quarto.

— Supere isso, *Patricinha*. Cansei de mentir!

— Vá a merda, Derek Holt!

Aricia queria ficar séria, mas não conseguiu quando Derek gargalhou da sala.

O que estava acontecendo com ela?

Alguns dias depois...

— Não posso ter dia de lazer, Derek. — já era a quinta vez que ela, provavelmente, falava aquilo. Mas do mesmo jeito, ela se arrumou, colocou uma roupa no Gabriel e estavam os três: Ela, Gabe e Derek indo em direção de um parque de diversões. — As coisas estão bem corridas na empresa, o dia da inauguração está chegando, quero tudo perfeito, preciso desenhar, minha coleção precisa ser perfeita e tenho ainda a encomenda de Rex Colton para fazer. O Casamento dele é daqui algumas semanas.

— Sei de tudo isso. Eu também estou trabalhando muito e com a saída do Raul e seus acionistas da empresa tudo caiu sobre as minhas costas. Mal tenho tempo de respirar, mas ainda assim estou aqui. — Aricia o assistiu apontar para o chão. — Vestindo calça jeans, tênis, e uma camisa

para fazer o seu final de semana menos estressante e fazer o meu campeão de olhos verdes sorrir um pouco.

Gabe estava de mãos dadas com Aricia e seus olhos verdes brilhavam diante da imensidão daquele parque de diversões que estava em sua frente. Um parque não era novo para ele, mas Gabe era só uma criança, tudo seria como um paraíso e tendo Derek ao lado, Aricia já tinha reparado que Gabriel ficava bem mais feliz quando Derek estava ao lado. Como se sentisse a conexão que existia entre eles.

— Sabe que só vim porque Gabriel precisa brincar, não é? Porque tenho sido uma péssima mãe nesses últimos dias.

— Você nunca será péssima em nada, *Patricinha*, acredite. Hey *furacãozinho*. — Derek pegou Gabe no colo o girando e o fazendo dar uma gargalhada gostosa. — Que tal irmos na *montanha russa*?

— *Si!*

— Não! — Aricia gritou e correu enquanto Derek corri na frente com Gabriel no colo e

NACIONAIS - ACHERON

gritando.

Os três pareciam a família perfeita, mas Aricia sabia muito bem que os homens que estavam usando calça jeans e camisas pretas e que andavam, quase que respirando em seus pescoços, eram *homens do Derek*. Um era quase impossível não reconhecer: Paul.

Ela reconheceria aquele homem de quase dois metros em qualquer lugar. Não tinha como passar despercebido um loiro, de quase dois metros, cheio de músculos, e cabelos amarrados no alto da cabeça em um coque desarrumado. Todas as mulheres estavam olhando para eles, e bom, ele era um bom homem para se olhar.

— Ele está feliz. — Aricia deu um pulo levando a mão ao coração. Perdeu a noção o encarando que nem mesmo percebeu que ele estava perto dela.

— Céus! Você quase me matou do coração.

— Mulher você estava me olhando, achei que queria falar comigo. — Paul sorriu e Aricia precisava colocar na lista que os dentes dele eram brancos e completamente retos.

NACIONAIS - ACHERON

— Só estava olhando a quantidade de homens que estão em nossa volta. Que parecem normais, mas que sei que são... — Aricia não sabia como chamá-los.

— Mafiosos. Somos mafiosos, assassinos, qualquer merda dessas. Você pode dizer, não irá nos ofender.

— Mas me ofende.

— Não ofende. — Aricia revirou os olhos. Ou Paul era muito parecido com Derek em seus atos ou era o contrário, mas de uma coisa ela sabia, os dois gostavam de contrariá-la, mas Derek ainda tinha uma vantagem, ela o amava. Paul não era nem mesmo seu amigo. — O quê? Não gostou que lhe contrariei?

— Não, não gostei do fato que você acha que sabe o que penso.

— Se lhe ofendesse mesmo ou lhe causasse medo você estaria aqui? — ele apontou para o parque. — No meio de um parque de diversões deixando aquilo acontecer?

Aricia olhou para o local que Paul estava

apontando e teve a visão mais linda que já existiu. Derek estava na altura do Gabe e colocava algo em seu pulso, provavelmente tinha comprado em alguma banca, e assim que colocou, o que Aricia deduziu ser uma pulseira, ele beijou a pulseira antes de beijar a testa do Gabriel. Ela estava protelando o dia de contar para Gabriel que Derek era o seu pai, mas era quase que uma maldade fazer isso. Ainda mais depois de tudo que estava acontecendo.

— Ele é o pai dele. — essa foi a sua desculpa naquele momento.

— Então você não o ama? Isso tudo é por que Derek é o pai do seu filho?

— Eu disse isso? — Aricia cruzou os braços sobre os seios e encarou, ou pelo menos tentou, o homem que estava na sua frente.

— Não, porque não é verdade. Você não se ofende com o estilo de vida do Derek, você ama o que está acontecendo. Empresas, futuro brilhante, seu filho protegido, você protegida o Derek ao seu lado. Me entenda, não estou lhe julgando. Só quero que você perceba que vocês foram feitos um para o outro.

— Eu disse que não fomos?

— Nossa, você é chata. — Paul deu um leve empurrão no ombro da Aricia a fazendo andar e ela sorriu. Se ela conseguia tirar do sério um homem que parecia sobre o controle das suas emoções, imagina como ela deixava o Derek quando os dois estavam discutindo.

— E você é hilário.

— Segue nesse pensamento. A única razão para você estar viva é porque você é *mulher* do meu chefe.

— Mentira. — Aricia parou bruscamente e Paul quase bateu contra o seu corpo. — Tara.

— O quê? — Paul arregalou os olhos como se aquele nome o assustasse. — O que tem a Tara? O que você sabe sobre ela? Ela está aqui? — Paul levou a mão na parte de trás da calça e Aricia soube que ele não estava despreparado.

— Não. — sua vontade foi de segurar sua mão para impedir que as pessoas desconfiassem daquele ato. — Tara foi mulher do Derek e pelo que ouvi da conversa de vocês ela ainda está viva.

Pior, sumida.

— Você anda escutando muito atrás da porta, hein, Srta. Aguiar.

— Escutando atrás da porta? Você não é pequeno se você não percebeu, Paul, e você chega *no meu apartamento*, muitas vezes de madrugada, minha cozinha é pequena. Não tenho culpa de ouvir essa sua voz estridente em quase todo o meu apartamento. O que você sabe sobre essa mulher?

— Sei que não devo lhe contar nada.

— Pense de novo, *grandão*. — Aricia arrumou a postura e ficou um pouco maior.

Ela era grande. Mais de um metro e oitenta, perto de Paul ela ainda ficava pequena, mas agora, ereta, não parecia tão anã.

— Estamos procurando, mas ela evaporou como fumaça. Não é como se estivéssemos lhe procurando. Sabíamos todos seus passos, mas não sabemos o dela.

— Porque vocês estão pensando como homens. Vocês sabiam os meus passos, pois no fundo, nunca quis me esconder de verdade.

Acredito que nem essa Tara queira se esconder de verdade, ela quer mesmo é assustá-los e está conseguindo.

— Sua segurança e a do Gabriel são nossas prioridades, Srta. Aguiar. Por isso todo cuidado é pouco nesse momento.

— Quem me encontrou da outra vez?

— Eu.

— Mas quem pesquisou sobre a minha pessoa da outra vez?

— Luciano.

— Em quanto tempo?

— Em menos de duas semanas, ele é bom no que faz. Tem seus meios.

— E por que esses meios não estão dando certo agora? — Aricia assistiu um brilho de dúvida e medo passar pelos olhos de Paul e ela sorriu. — Ou você e o Derek sabem muito bem onde a Tara está e na realidade o que vocês planejam é outra coisa ou tem gente dentro do grupo de vocês que não está fazendo o seu trabalho direito. Pense, Paul! Só quero uma coisa. — Aricia se aproximou

o suficiente para sussurrar para Paul. — Meu filho permanece bem e vivo!

— O que está acontecendo aqui? — Derek apareceu com Gabriel cortando a conversa, nada amigável, dos dois.

— Nos conhecendo. — Aricia respondeu virando sorrindo para Derek. — Paul me contou umas coisas bem interessantes.

— E a sua *mulher* fez o mesmo comigo.

Paul e Aricia trocaram um olhar e voltaram seus olhares para um Derek que estava sério e desconfiado.

— Queria falar com você sobre os seus pais, *Patricinha*.

— Meus pais? — Derek estendeu a mão para Aricia e ela a pegou.

Sentiu uma vontade imensa de proteger Derek naquele momento e ela protegeria, mesmo que tivesse que fazer isso contra Paul, o homem que Derek sempre confiou sua vida.



— O que foi aquilo que eu vi ali atrás? —
Derek estava pagando o sorvete tendo um Paul ao seu lado que estava com os braços cruzados e olhando agora a figura de Aricia e seu filho.

— Você tem certeza que *ela não sabe de nada?*

— Não, por quê?

— Ela praticamente deixou a entender que não encontramos Tara porque não queremos e que talvez Luciano esteja nos traindo. Ela ouviu nossas conversas. Aquele apartamento é pequeno demais para tratarmos dos nossos negócios.

— Isso já está sendo providenciado, Paul. Já disse que em breve iremos mudar, mas tudo precisa de tempo.

— Ela me intimidou, Derek. Sua mulher desconfia de mim.

— Aricia só está cuidando do que é dela. Eu disse que ela é uma leoa quando mexem com algo que ela ama.

— Não sei se isso é bom ou ruim para você, meu amigo, mas aquela mulher está pronta para explodir o mundo por Gabe e por você, então, preste atenção no que você está fazendo.

Derek sorriu vendo Aricia gargalhar quando Gabriel tentou dançar um passo de *Break dance* e saiu tudo errado. Ele tinha tudo que queria. A família perfeita.

— Estou vivendo, Paul. — Derek deu um tapa contra o ombro do subchefe e seguiu na direção da sua família. — Sorvete.

— Eba! — Gabriel bateu palmas e pegou o seu sorvete quase o deixando cair no chão. Se não fosse pela agilidade da Aricia, com certeza, teriam que comprar outro.

Gabriel saiu correndo e, tanto Derek quanto Aricia, deixaram. Já estavam cansados de correr atrás dele. Gabe não parava.

— O que você queria falar sobre os meus pais?

— Antes de mais nada, você precisa saber que assustou o Paul.

— Ótimo. — Aricia lambeu o seu sorvete e Derek gemeu. Pena que estavam em um local público.

— Você é impossível, como lhe aguento?

— Da mesma forma que eu lhe aguento. Agora o que os meus pais têm a ver com esse nosso dia maravilhoso?

— Vocês estão se falando? — Derek pegou a mão livre da Aricia na sua mão livre. Era tão bom andar de mãos dadas com ela, assim em público.

Quando eles eram mais jovens, sair às escondidas, ir a parques de diversões, cinemas, shows, luaus e até mesmo passar a noite na praia eram seus programas preferidos. Quando tudo estivesse no seu devido lugar, Derek faria tudo isso com ela de novo, mas dessa vez com a presença de Gabriel para abrilhantar mais ainda aqueles momentos.

— O que você quer dizer com isso?

— Que conhecendo você como conheço você só não falou com eles porque não teve tempo, não porque não os perdoou. — Aricia sorriu

pegando mais um pouco do seu sorvete.

— Exatamente. Minha mãe está me cobrando uma visita, mas realmente não tive tempo para visitá-la. Já a perdoei. Você sabe... nunca fico mais do que algumas horas com raiva de alguma pessoa, principalmente dos meus pais. Não entendi porque eles me mantiveram no escuro sobre você esses anos, mas, eu os entendo. São meus pais.

— Eles querem o seu melhor. Assim como queremos o melhor do nosso filho.

— Exatamente.

— Então quando *vamos visitá-los* e resolver isso?

— Vamos? Foi no plural mesmo que escutei essa frase?

— Foi no plural. — Derek a puxou abraçando a Aricia pela cintura com a mão que estava livre enquanto a outra mão levava o sorvete aos lábios. — Você não pretende me esconder, não é?

— De forma alguma.

— Então, quando podemos ir?

— Quem sabe eles não podem nos receber para o jantar?

— Seria uma honra. — Derek estava realmente falando sério. Era importante ser bem recebido e aceito na família da mulher que ele amava. Tinha um futuro pela frente para viver com a Aricia e era de extrema importância que a família dela o aceitasse. — Ligue para os seus pais que vou parar o nosso filho antes que ele coloque o parque a abaixo.

Aricia deu uma baixa risada ao ver Derek sair correndo na direção de Gabe que estava realmente correndo por tudo e derrubando seu sorvete, tanto em si quanto nas pessoas em sua volta.



Derek não estava errado, não que ela tivesse perdoado, de fato, seus pais, contudo, não estava com raiva, ou com tanta raiva assim. Aricia conseguia passar por cima dos seus sentimentos pelo bem maior, essa era sua especialidade:

camuflar. Por isso ser feliz ao lado de Derek parecia tão surreal.

Aricia bateu a porta do carro e voltou dos seus pensamentos vendo Derek falar algo com Paul que estava no outro carro e logo em seguida o *grandão* dar partida no carro e sair.

— Ele não ficará para jantar?

— Isso foi uma pergunta séria?

— Foi. — Aricia tinha seu lado sarcástico, mas ela não negava comida ou ajuda a ninguém.

— Não. — Derek pegou a mão que Gabe estava lhe oferecendo e bagunçou os cabelos dele. — Ele já passou o dia *andando* atrás da gente. Os caras precisam descansar também. E acredito que tenho a capacidade de nos proteger aqui na casa dos seus pais. Aliás. — Derek olhou para a imensa casa. Não sabia que seu dinheiro tinha sido bem investido daquele jeito. — Bela casa.

— Somos Aguiar, *Vagabundo*. Ser belos é o nosso superpoder.

— Não tenho dúvidas. — Derek a olhou de cima a baixo e aquele sorriso de canto de boca, que

a deixava louca, brotou em seus lábios.

— Estamos na casa dos meus pais.

— E? Desde quando isso me impediu de alguma coisa?

— Realmente. — Aricia sorriu. — Isso nunca nos impediu de nada. — Aricia se aproximou e roubou um beijo dos lábios de Derek. Se apenas Cloe pudesse...

— Vai chover canivete! — sua amiga tinha o poder de tele transporte, só podia. — Ela finalmente me escutou! Ela está vivendo!

— E você está fazendo o que aqui?

— Oi, tudo bem? Também estou com saudades!

— *Didi!* — Gabriel forçou o seu corpo para sair do colo do Derek e ele o colocou para o chão. Gabe correu na direção de Cloe que o pegou no colo o girando no ar.

— Pergunte ao *Playboy*. — Cloe se aproximou trazendo Gabe no seu colo.

— Você ligou para ela? — Aricia parecia surpresa.

— Estou entrando na *cova dos leões*, *Patricinha*. Não podia fazer isso sozinho.

— Claro que não, ele precisava de um reforço e quem melhor do que a *amiga louca da juventude* para isso.

— Você é muito mais do que isso, *pirralha*, você sabe.

— Eu lhe odeio, não esqueça disso. — Cloe piscou para Derek e dois riram.

— Ela já me ama, você já pode fazer o mesmo. — Derek puxou Cloe para perto e deu um beijo em sua testa. — Muito obrigado por tudo viu, *loira*. Amo você.

— Meu Deus! O que fizeram com esse homem? E com você, porque esse sorriso não some dos seus lábios? — Aricia escondeu o sorriso no segundo seguinte.

Era impossível não sorrir. Os três estavam juntos de novo, como no tempo da juventude. Quanto Cloe implicava com Derek e quando Cloe os acobertava para que o amor entre os dois permanecesse intacto. Ela era muito mais do que

uma amiga mesmo, era uma irmã.

— O jantar será aqui fora? — Aline, sua irmã, apareceu na porta de entrada da imensa casa com as mãos na cintura e a vontade que Aricia teve foi de sair correndo e abraçar a irmã. Até mesmo ela estava ali.

— Você ligou para ela também? — perguntou ao Derek.

— Gostaria de dizer que sim, mas só tenho crédito pela presença da *loira*.

— Já é muito sabia?

— Sabia que eu te amo? — Derek rebateu sua pergunta com carinho e foi impossível não se jogar em seus braços.

Aricia sorriu contra os lábios de Derek ao escutar Cloe fazer um som de quem estava com nojo e falar que estava se retirando. Assim era melhor, ficar sozinha com Derek. Gostaria que o tempo parasse para congelar aquele momento de felicidade que ela estava sentindo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

— E você está trabalhando no que agora, Derek?

— Sou um empresário do ramo de pedras preciosas. — Derek levou o copo com uísque a boca e tomou um pouco da sua bebida encarando o Sr. Aguiar. — Acredito que agora eu seja *homem o suficiente* para a sua filha.

Israel sorriu como se aquela frase fosse até mesmo infame.

— Alguém disse que você não era homem o suficiente para a minha filha, Holt?

— Sua esposa vivia falando isso e acredito que eram os seus pensamentos também.

— E o seu amor não foi grande o bastante para superar isso e ficar por perto? — Israel sabia ser uma cobra, mas Derek era a cobra rei das cobras. — Você precisou ganhar o mundo para isso?

— Precisei sustentar sua família, ganhar o mundo e bom... — Derek coçou a cabeça com cabelos rentes a ela. — Ganhar alguns milhões também. Acho que sou mais rico que você, Sr. Aguiar, no final, preciso mesmo é lhe agradecer por você ser tão mesquinho. Minha ambição nasceu quando o senhor me tornou alguém não hábito para estar com a sua filha.

— Nunca passou pela sua cabeça que esse era o meu plano? Que talvez eu tenha visto um potencial enorme em você?

Derek franziu as sobrancelhas com aquela frase e bebeu mais um pouco do seu uísque. Aquela conversa estava ficando estranha. Muito estranha.

— Acho que essa sua frase ficou meio estranha, Sr. Aguiar.

— As coisas começaram a ficar difíceis, não foi? Sustentar uma família não era tão fácil assim como você achou, certo? A bolsa de estudos, o sonho de ser jogador da *NBA* ficou ainda mais distante. Então, caminhar pela rua de noite para pensar pareceu algo bem atraente naquela época para um garoto como você, não foi bem assim?

Mais atraente ainda um cara qualquer lhe abordar na rua lhe oferecendo um jeito bem fácil de ganhar dinheiro. Só cobrar dívidas. Aquilo de cobrar dividas melhorou quando perceberam que, correndo, você conseguia entregar mercadorias também. Foi dinheiro fácil, não foi? Como disse, você tinha potencial.

— Você estava com Nial o tempo todo? — Israel sorriu e bebeu o resto da sua bebida em um gole só e serviu mais um pouco enchendo o copo de Derek sem que ele pedisse.

— Passei por problemas financeiros também, Derek. E conheci algumas pessoas nessa cidade. Enzo, Nial, Maddox, algumas pessoas que, possivelmente, podiam me ajudar. Nial era o menos agressivo dentre eles e o que mais me pareceu atrativo. Todo chefe de uma máfia precisa de um *conselheiro*.

— Você era conselheiro do Nial? — não podia estar mais surpreso. Era um dos maiores cargos que uma máfia podia ter e tirando as máfias da Itália, com renomes e sobrenomes e que passavam seus cargos de pai para filhos com

obrigatoriedade, as máfias americanas não tinham o costume de postos como conselheiros.

— Eu era consultor financeiro, era o homem perfeito para Nial e assim fui por muitos anos.

— E todo aquele dinheiro que eu lhe mandei?

— Pagamento. — Israel bebeu de novo. — Afinal, você é quem é por causa minha. Achei que merecia um pagamento por tudo que fiz por você, mesmo você não sabendo. Então, peguei sim o seu dinheiro. Fingi sim que não tinha dinheiro. Mas como você disse antes, agradeça a mim por você ser quem é. Tenho total participação em tudo isso.

— Miserável. — Israel deu uma gargalhada no exato momento em que Aricia entrou na pequena sala de estar.

— Meu pai está rindo? Isso é sinal que você estão se dando bem?

— Isso é sinal que preciso ir ao banheiro.
— Derek ficou de pé colocando o copo sobre a mesinha com um pouco mais de força que o

necessário.

— Seja esperto, Derek. — Israel o advertiu.

— Não se preocupe. Isso é o meu *superpoder*.

Derek saiu da sala de estar e se sentiu perdido, não só na imensa casa, mas também em tudo que já tinha acontecido em sua vida. Quando parecia que tinha o controle de tudo, vinha o destino e lhe dava um tapa na cara deixando claro que não era bem assim.

— O que foi, *vagabundo*? Meu pai te ofendeu? Fez algo que você não gostou?

— Não. — Derek respirou fundo segurando Aricia pelos os ombros. — Seu pai só me revelou uma coisa que estava debaixo do meu nariz que eu nunca percebi. Mas está tudo bem. Como estão as coisas com a sua mãe.

Aricia respirou fundo e deu de ombros.

— Ela é a minha mãe, não é. Sempre terá o temperamento difícil, mas sempre a amarei.

— Acho que com seu pai será a mesma coisa.

— Você quer ir embora? — sim, ele queria ir embora. Mas não estragaria aquele momento em que ela estava no meio da sua família e feliz.

— Não. Só preciso ir ao banheiro e parar de beber com seu pai, afinal, preciso dirigir até nossa casa.

— Tudo bem. — Derek a beijou e seguiu para o banheiro.

Aquele mundo era insano. Israel Aguiar era um mafioso e dos bons.



Aricia entrou na cozinha e viu Derek parado no balcão tomando água, ele parecia perdido em seus pensamentos e foi impossível não abraçá-lo pela cintura e descansar a cabeça sobre seu ombro.

— O que foi? Desde a conversa com o meu pai que você está estranho. Aconteceu alguma coisa entre vocês?

— Não. — Derek respondeu sem se virar

para ela. Seu *não* estava seco e ele estava distante. — Estava falando com o Paul, ele mencionou que você se incomoda com o jeito que ele chega aqui durante a madrugada. — Derek respirou fundo. — Estava pensando em passar essa noite na minha casa. Assim se ele tiver algum relatório a passar ele não irá lhe incomodar.

— Oi? — Aricia fez a volta no balcão e tentou encará-lo, mas Derek desviou o olhar. — Por que você não está me olhando? E por que acho que isso é uma desculpa qualquer?

— Não é desculpa. O apartamento é pequeno, o meu é um pouco maior e lá só tem eu. Paul é um homem grande e barulhento e, bom, precisamos fazer nosso trabalho. — Derek bebeu de sua água e virou as costas para Aricia. — Já passei tempo demais aqui também. Gabriel irá achar estranho essa coisa de um homem estranho dentro da casa dele, sem nem mesmo saber quem é.

Aricia mais uma vez fez a volta no balcão e o abraçou, Derek tentou se afastar, mas ela o segurou.

— Vou contar para ele sobre você. Só não
NACIONAIS - ACHERON

sei como ainda. É isso que está lhe chateando? Hoje eu o vi juntos e achei que já está na hora.

— Não é isso que está me incomodando. Quem está se incomodando com a minha vida é você!

— Para! — Aricia o advertiu a primeira vez e agora sim Derek estava a encarando, o brilho de ódio no olhar direcionado a ela. — Que merda aconteceu, Derek?

— Seu pai me aconteceu! — Derek gritou e Aricia colocou a mão sobre a boca dele, mas ele se afastou.

Está bem, ela entendeu que ele não queria o seu carinho, então, ficaria longe. Derek estava no modo: transformado para o perigo. Ela não queria se machucar.

— O que ele fez dessa vez?

— A merda do seu pai me colocou na máfia. — Aricia sorriu, mas o sorriso sumiu ao ver que havia dor nos olhos de Derek. Ele estava falando a verdade.

— Meu pai fez o quê?

— Ele assumiu que quando chegou aqui estava com problemas financeiros.

— Estava mesmo.

— E que conheceu alguns caras e que Nial foi o que pareceu *mais decente* para ele. Em resumo da história, ele viu potencial em mim e acho que devo agradecer o que sou hoje a ele.

— Ele não fez isso!

— Você acha que estou mentindo?

— Não! — Aricia passou a mão pelo rosto.
— Só não estou acreditando que meu pai aprontou de novo contra a minha vida, contra a nossa vida.

— Seu pai aprontou de novo contra a sua vida. Eu... — Derek jogou a garrafa no lixo. — Vou para o meu apartamento.

— Por que você irá para o seu apartamento, Derek? Foi meu pai quem fez isso, não eu! Você ficou louco?

— Não. — ele respirou fundo. — Mas isso só me lembra que preciso ficar de olho. Seu pai só me fez acordar de tudo que estamos vivendo. Tara está solta, seu pai era conselheiro do Nial e tudo

pode acontecer.

— Meu pai não seria capaz de matá-lo, Derek.

— Seu pai nunca me amou, *Patricinha*. Não será agora que amará.

Derek passou por ela e Aricia o segurou.

— Não vá! Esse apartamento é seu também. Eu...

— Você...

— Prometo não reclamar da voz do Paul e...

Derek sorriu lhe dando um beijo na testa.

— Preciso pegar roupas também, amor e pensar em algumas coisas. Paul é realmente alguém que ocupa espaço quando ele quer. Volto pela manhã, está bem?

Ela não queria que ele fosse embora, mas Derek foi. E assisti-lo deixar a quebrou. Não era certo, não parecia nada certo o que ele estava fazendo naquele momento. Mas ela já sabia o que fazer para deixá-lo feliz. Quando Derek voltasse ele teria uma surpresa.

E naquele momento, Aricia teve outra ideia.



Paul o encarava do mesmo jeito que ele encarou Israel, não fazia sentido, ele sabia. Ainda estava digerindo tudo. Passou a noite toda pensando em várias maneiras que Israel pudesse prejudicá-lo, inclusive, estando ao lado da Tara.

— Ele era o conselheiro do Nial?

— Quantas vezes você irá perguntar isso, Paul?

— Até que eu consiga acreditar. Como isso é possível, Derek?

— Passei a noite toda pensando sobre isso e não consegui descobrir como pode ser real. Deixei de estar com a minha mulher por isso. Esse homem sempre estragando a minha felicidade.

— Ninguém está estragando a sua felicidade, aqui, Derek. Ele *foi* conselheiro do Nial. Nial morreu, a máfia é sua. Mate esse homem também.

— Por mais que essa ideia me pareça

realmente atrativa, não faria isso com a Aricia. Então, me dê uma ideia melhor. Além do que fato de que pedirei que ela aceite morar comigo. Estou pensando em comprar um apartamento maior. Ela estava certa sobre você falar muito alto. Não quero que minha família escute sobre meus negócios. Um lugar melhor, com um escritório seria bem melhor mesmo.

— E como você fará isso se nem mesmo Gabe sabe que você é o pai dele?

— Vivo dentro daquela casa, você acha mesmo que o Gabriel não sabe que há algo de diferente?

— Que há algo de diferente sim, mas não que você seja o seu pai.

— Nisso você tem razão.

Duas batidas na porta foram proferidas e Paul a abriu já sabendo de quem se tratava. Luciano estava parado do outro lado da porta e trazia consigo uma pasta.

— A encontrei. — Derek respirou aliviado assim como Paul. — Ela está do lado Sul da cidade

agora, mas não estava no país.

— Lado Sul da cidade? Sério isso? —
Derek quem perguntou.

— Envio mensagem para o Henrico?

— Não. — Derek pegou o seu celular e digitou uma mensagem para Tara. Esperava que o número dela não tivesse mudado.

Tara, preciso que você pare e respire. Não sei o que você está fazendo, mas se você não sabe, não há mais uma máfia do seu pai. A máfia é minha.

Derek ficou surpreso que depois de alguns segundos uma resposta chegou através daquele número.

***Resposta errada, Holt, a máfia é minha.
Mantenha o número você precisará se quer
manter a sua família viva.***

— O que foi? — Paul pegou o celular da mão do Derek e logo os dois estavam com raiva. — Precisamos fazer alguma coisa.

— Claro que precisamos. Você. — ele
NACIONAIS - ACHERON

apontou para o Luciano. — Continue procurando. Não a quero morta.

— Como? — Derek elevou uma mão no ar fazendo Paul se calar. — Quero conversar pessoalmente com Tara, dar uma chance para ela. Então, faça o melhor trabalho que você já fez. E você. — apontou para o Paul. — Aproveite que você é um *vendedor de imóveis* e arrume uma casa em um dos melhores bairros que há aqui e mais seguro também. Farei o pedido a Aricia essa tarde. Precisamos morar juntos e de mais segurança.

— Ainda não acho que seja uma boa opção morar juntos sem que o Gabriel saiba de tudo.

— Gabriel tem dois anos, ele me ama sem perceber. Logo ele estará pronto para saber. Se ela me apresentar como seu namorado eu já estou feliz. O importante é que estejamos juntos.

— Se você diz.

— Sim. — Derek olhou no seu celular e já estava na hora de ir para casa e pedir desculpas pela forma que tinha ido embora. Podia estar com raiva, mas havia deixado claro que não agiria mais como idiota. — Preciso pedir desculpas para ela, por

NACIONAIS - ACHERON

minhas atitudes.

— O pai dela é um merda de um mafioso que o colocou nesse mundo e você estava se sentindo mal, estava com todo direito de ficar com raiva, Derek. Não se sinta mal.

— Você falou tudo, Paul. O pai dela é um mafioso, não ela. Então, façam seus serviços que estou indo.

— Quem fará a sua segurança?

— Você. — Derek respondeu como se aquela pergunta fosse idiota. — Depois pesquise a melhor casa com três quartos e um escritório que você conseguir e me chame.

— Não aparecerá na empresa hoje?

— Não. — Derek pegou suas coisas e saiu sendo seguido por seus dois homens de confiança. — Preciso primeiro colocar a minha família em segurança, depois penso em dinheiro.

Assim que estava no estacionamento do prédio, Derek entrou no carro e mandou mais uma mensagem para Tara. Marcaria um encontro com ela, quem sabe se ela não se sentisse ameaçada, ela

até aceitaria esse encontro entre eles. Estava perdido em seus pensamentos que nem prestou atenção na duração da viagem. Paul precisou dar um leve tapa, que nada que vinha de Paul era leve, em sua perna e em seguida Derek desceu do carro.

— Se eu precisar de você antes do combinado eu lhe chamo.

— Tudo bem.

Derek passou pelo porteiro lhe dando um aceno de cabeça como cumprimento e entrou no elevador. Se surpreendeu ao ver Aricia parada na porta quando as portas do elevador abriram e ele saiu no corredor do seu prédio.

— Acho que não pedi que me anunciasse. Tenho acordo com esses homens.

— Mas eu pedi que anunciassem.

— O que significa isso? Você não quer me deixar entrar por que você me dará um fora aqui mesmo, no seu corredor é isso? Fui frio com você na madrugada passada e agora receberei o meu castigo? — Aricia sorriu e Derek conseguiu respirar e acalmar o coração.

Se ela estava sorrindo as coisas não estavam tão ruins assim.

— Só preciso que você se acalme, está bem? — Aricia colocou um braço contra o braço solto de Derek e o puxou na direção do apartamento. — Gabriel está calmo o suficiente e não quero que isso fique mais estranho que já é. — ele foi guiado na direção do sofá e sentou. — Gabe.

Um Gabriel, que só vivia correndo, veio na direção da sala. Ele estava todo arrumando e Derek não conseguiu não sorrir ao ver que ele estava vestido como ele. Calças jeans pretas e camisa regata preta e tênis brancos.

— Tenho algo para mostrar para vocês dois. — Aricia os colocou sentado no sofá e deu play no *Home Theater*.

Algumas fotos de quando ela estava grávida começaram a surgir na tela. Derek recebeu aquilo como um choque. Quando ele a abandonou, ela não estava com aquele barrigão todo e algumas fotos ele realmente perdeu, mas no meio daquelas fotos, haviam fotos deles juntos. Se beijando, se abraçando e Derek olhou para Gabriel. Ele estava

NACIONAIS - ACHERON

sério e concentrado olhando tudo. Fotos por fotos foram passando. O dia do nascimento do Gabriel, que fez Derek chorar e depois de alguns minutos de fotos começou um vídeo. Aricia estava no vídeo e parecia nervosa.

— *Sei que, se esse vídeo está passando é porque você, Derek e você, meu príncipe. — ela sorriu ao falar de Gabe. — Estão sentados um do lado do outro e era exatamente isso que eu queria. Pois o que tenho a falar é importante para os dois. Acho que bem mais importante para o Derek do que para o Gabriel já que não tenho certeza que você irá entender, príncipe. Mas a mamãe não irá enrolar muito sua mente. Viu as fotos que passaram? — Derek assistiu Gabe balançar a cabeça como se Aricia estivesse falando naquele momento com ele e Derek sorriu secando uma lágrima que estava caindo do canto dos seus olhos. — Eram fotos do seu pai. — os lábios de Gabe formaram um pequeno “O” — e sabe o que é o melhor de tudo? — Gabe fez que não com a cabeça. — Seu pai está ao seu lado o tempo todo e lhe deu uma pista de corridas que você ama. Sabe*

o Deik? — Gabe finalmente olhou na direção do Derek e parecia encantado. — Gabriel. — a Aricia do vídeo chamou por ele como se soubesse que ele estaria distraído. — Ele é o seu pai.

— *Papa.* — Gabe olhou na direção de Derek e ele não suportou. Ele já abraçava o filho, mas naquele momento, era diferente. Gabriel só o chamava de *Deik* ser chamado de *papa* era extraordinário.

Derek ria e chorava ao mesmo tempo. Esticou o braço para que Aricia se juntasse a eles. Tinha plena certeza que Gabriel não estava mesmo entendendo nada, mas ele estava. E aquilo que era importante. Aricia entender que estar na vida do Gabe era importante para ele.

— Amo você. — Derek sussurrou para ela enquanto abraçava Gabe com força.

— *Amo você também, papa.* — e aquilo quebrou ainda mais o seu coração.

— Espero que isso deixe claro para você que as atitudes do meu pai não mudam nada. Que eu aceito os gritos do Paul dentro do nosso apartamento, o que não aceito é a sua distância.

NACIONAIS - ACHERON

— Me desculpe por isso. — Derek passou a mão pelo rosto da Aricia. — Fui um estúpido. Mas confesso que vim aqui por duas coisas.

— Que coisas?

— Você quer morar comigo? Fazer com que sejamos realmente uma família?

— Que tipo de convite é esse? — Aricia sentiu o coração acelerar e as mãos ficarem suadas.

Não que fosse uma surpresa morar com Derek, pelo contrário, morar com ele não era novo, mas agora, com mais responsabilidade. Tendo Gabriel nascido e crescido, as coisas seriam diferentes. Agora ela sentia que era realmente um compromisso.

— O mesmo convite que lhe fiz quando erámos mais jovens. Morar juntos.

— Mas eu já tenho o meu apartamento e você o seu.

— Mas passo mais tempo aqui do que no meu apartamento. — ele tinha um ponto. — E você realmente não gosta quando o Paul chega do nada em sua casa e que tratemos de coisas sobre o *outro serviço* na presença do Gabe. Então, eu estava pensando em algo maior. — Derek abriu os braços para mostrar o quão amplo ele queria a casa. — Quatro quartos, um escritório, espaço o suficiente

para Gabe brincar, espaço o suficiente para que eu tenha um cofre e você um local para criar suas melhores obras.

— Cofre? Você quer um cofre para quê?

— Para guardar minhas coisas.

— Que coisas? — Aricia colocou as mãos na cintura e Derek sorriu. Ela sabia que sempre que questionasse Derek contaria, ainda assim, sempre tinha medo da verdade.

— Armas, pedras, dinheiro e acho que você tem algumas coisas que gostaria de guardar também, não é? — guardar o seu medo seria legal. Aricia engoliu em seco e encarou o chão. — Já disse que não vou mais mentir.

— Sei disso. — Aricia respirou fundo. — O que eu faria com esse apartamento? Trabalhei muito para consegui-lo.

— Não vamos vendê-lo, Patricinha. Que tal alugarmos? Ele está no seu nome, certo? Depois será do Gabe mesmo. Tudo que temos será do Gabe e dos *nossos filhos*. O que você me diz?

— Pensando sobre o fato de que, eu

realmente, não gosto que o Paul fique falando feito um louco dentro do meu apartamento, podemos procurar outro lugar.

— Paul já está fazendo isso.

— O quê?

— Procurando outros lugares.

— Mas você nem sabia se eu aceitaria.

— Você aceitaria, Patricinha. Eu conheço você mais do que você pensa.

O celular de Derek tocou e o sorriso dele sumiu quando seus olhos viram algo que ele não gostou na tela do dispositivo. A vontade que a Aricia teve foi de perguntar o que estava acontecendo, mas ainda assim, ela se manteve calada. Ela queria saber coisas da máfia, contudo, sabia que nem tudo lhe cabia de interesse. Teriam momentos que Derek gostaria do seu silêncio, ou até mesmo da sua discrição, e ela seria assim.

— E então. — Derek voltou sua atenção para ela e o olhar negro, de puro ódio que estava em seus olhos sumiu. — Quando podemos ver essas casas?

— Vou ligar para ele agora.

Derek saiu mexendo em seu celular e Aricia o observou. Realmente. As mudanças que Derek tinha prometido estavam acontecendo.

Depois de alguns minutos andando de carro, Derek, estacionou o veículo em frente a uma imensa casa que estava localizada dentro de um condomínio. O local era de extremo luxo e ficava na Avenida Principal do Lado Norte de Roadland. Seria caminho para a nova empresa e caminho para a antiga empresa, o que facilitaria e muito a vida dos dois.

— O que você acha dessa casa? — ela ficava no alto, realmente no alto. Sua arquitetura era linda, suas estruturas estavam pintadas de branco, as paredes do terceiro andar eram de vidro, o que dava uma vista panorâmica do lado Sul da cidade e suas praias. — Ficaria perfeito que o terceiro piso fosse seu escritório.

— Derek, essa casa é imensa. *Temos* condições de pagar isso? — claro que a pergunta estava no plural. Ela nunca deixaria Derek comprar aquela casa sozinho, ou assim ela pensava.

— Temos. — Derek pegou a mão de Aricia e a puxou. — O que você achou? Acha que Gabe seria feliz aqui? — Aricia enxergou uma imensa piscina cercada por uma grade de ferro e logo no fundo, aquilo era...

— Aquilo é uma academia? — não sabia se as coisas estavam melhorando ou piorando conforme entrava na casa.

— Sim. — Derek respondeu com um sorriso radiante. — Não precisarei acordar cedo para malhar tendo uma academia em casa.

— Céus! Você quer me matar, Derek!

— Na realidade eu quero lhe fazer feliz.

— E você fará. — Paul apareceu por trás dele e jogou um molho de chaves na direção do Derek. Ele a pegou com um belo reflexo. — Se você não gostar da casa temos outra no condomínio, mas realmente acho que é essa é perfeita para vocês.

Até mesmo o *ogro* do Paul reconhecia uma casa com um ótimo potencial em sua frente quando via uma, Aricia precisava admitir isso.

— Você quem escolheu? — inquiriu enquanto andava pelo caminho de pedras que levava para os o imenso quintal dos fundos. Seus olhos se encheram de lágrimas ao ver uma casa sobre uma árvore gigante no meio do quintal.

— Foi. — Paul coçou a nuca como se estivesse com vergonha. — É meio embaraçoso isso que vou contar, mas nas minhas conversas com o Derek, ele sempre deixou claro como queria a casa de *vocês*, se um dia tivesse essa oportunidade de estar com vocês. Chamem do que quiser, mas eu gravei cada detalhe. E bom... — Paul apontou para casa da árvore. — Acho que isso era um dos requisitos, não era? — Aricia viu que até mesmo Derek estava sem palavras com aquela confissão do seu amigo.

— Você lembra disso, Paul?

— Chefe, você pediu a casa perfeita, ela não seria a casa perfeita se não possuísse a casa na árvore para o seu pequeno *mafioso*.

Aricia estava tão feliz que nem mesmo discutiria o fato de que, Paul, chamou Gabe de pequeno mafioso. Não estragaria o momento.

— E então? — Derek rodou sua cintura com os braços e beijou seu ombro que estava nu.

Queria muito que Gabe estivesse ali, mas o deixou com Drika. Se arrepiamento matasse. Não tinha visto o interior da casa, mas não precisava. A propriedade possuía uma casa na árvore, algo que Derek sempre sonhou.

— *Quando ele nascer e eu tiver condições o suficiente, comprarei uma imensa casa e nessa casa terá uma árvore gigante e nessa árvore, uma casa na árvore.*

Aricia sorriu enquanto dobrava as roupas para colocar dentro do guarda-roupa. Derek estava jogado sobre a cama. Tinha acabado de chegar da faculdade, tomou banho e se jogou sobre a cama só com uma toalha envolvendo sua cintura. Ela estava cansada também, mas a roupa não dobraria sozinha.

— *Isso é uma condição para a sua casa perfeita?*

— *Patricinha, não existe nada mais perfeito*

que você, quer dizer, nosso filho ganha de você nisso, me desculpe. — Aricia deu de ombros, não discutiria. Não tinha como. Seu filho era perfeito em sua percepção também. — Mas sim, é um dos meus requisitos de casa perfeita. Condomínio, que seja imensa, quintal imenso, piscina e que tenha pelo menos uma casa na árvore para que nosso filho seja feliz.

— Ele será feliz sem isso, Derek. Assim como nós. — Aricia guardou a última peça de roupa e se deitou ao lado do Derek repousando a cabeça sobre o peito nu dele e a mão sobre o seu ventre. Derek estava cada vez mais estranho, mas nunca deixou de sentir seu amor e seu empenho em fazê-la feliz. — Não precisamos de riquezas, vagabundo. Precisamos um do outro. E isso temos, não é? — Aricia fechou os olhos com medo da resposta.

Derek beijou o topo da sua cabeça e levou uma mão sobre a sua em seu ventre apertando com força.

— Sem sombra de dúvidas que temos, Patricinha. Mas eu sonho com mais e sei que esse

dia chegará.

— *E quando ele chegar será o suficiente?*

— *Como assim?*

— *Quando esse dia chegar, quando você tiver tudo em suas mãos, o mundo, como você tem costume de falar será o suficiente?*

— *Se você e o meu filho estiverem ao meu lado, **qualquer** sacrifício terá valido seu esforço.*

Aricia respirou fundo e recebeu mais um beijo.

— Hey. — Derek do tempo presente estava parado bem na sua frente. Balançando o molho de chaves bem em frente aos seus olhos. — Você me escutou? — Aricia olhou além do rosto do Derek, assistindo a praia que estava alguns quilômetros da sua vista. — O que foi?

— É o suficiente? — questionou, finalmente o encarando de novo. Viu a confusão passar pelo rosto do Derek.

— Não estou lhe entendendo, *Patricinha*.

— Tudo isso. — Aricia abriu os braços. — Duas empresas, uma imobiliária, Minas de
NACIONAIS - ACHERON

diamantes, máfias. — Aricia riu sem humor. — Possíveis mortes sobre suas mãos. — Aricia segurou suas próprias mãos. — Merda! Possíveis mortes sobre as minhas mãos, inimigos, tudo isso, é o *mundo* que você sempre sonhou em conquistar, Derek. É o suficiente?

— Com você e com meu filho ao meu lado todo sacrifício valeu apenas e há de valer, Patricinha. — Derek se aproximou encostando a testa dele contra a testa da Aricia. — Meus pensamentos, assim como a minha resposta, nunca mudaram e nunca mudarão!

Derek a beijou e Aricia teve a certeza daquelas palavras naquele beijo. Derek não mudou, ele sempre foi aquele homem. Sempre quis e sonhou com o mundo, agora ele estava o conquistando. E ela fazia parte desse mundo e dessa conquista.

Duas semanas depois...

Derek olhou a mensagem em seu celular e

respirou fundo antes de respondê-la e colocar o dispositivo sobre sua mesa. Paul e Luciano estavam parados em sua frente. Cada um tinha um relatório diferente a passar e ele disposto a escutar, mas ele tinha problemas a tratar.

— Paul.

— As ações na imobiliária estão crescendo. Vendemos três casas essa semana e alugamos duas. As pessoas gostam de fazer negócios conosco, acho que a facilidade que damos, principalmente, para quem não tem dinheiro é a melhor coisa.

— Muito bem. Você está fazendo um ótimo trabalho, continue assim.

— Não acho que é um ótimo trabalho, já que você não para de mandar mensagem para alguém que eu não sei quem é nesse celular.

Derek sorriu e voltou sua atenção para Luciano.

— E você, Luciano?

— Tara está no lado Sul da cidade. — Paul foi quem deu um pulo. Derek não pareceu se assustar. — Se preparamos uma emboscada para

ela essa noite, a pegamos e a matamos. Ela e os homens dela. Ela não está sozinha, chefe, ela está cheia de homens.

— Paul, convoque uma reunião com o Velásquez. Mas eu irei sozinho.

— Você irá o quê? — sim, ele sabia que seu amigo e irmão não aceitaria e nem acreditaria em suas palavras. Mas assim como seu relacionamento com Aricia, quando ela não podia saber de tudo, a mesma coisa acontecia com Paul e Luciano.

— Sozinho. — Derek pegou seu celular e respondeu mais uma mensagem antes de guardá-lo dentro do bolso do terno. — Você e o Luciano estão indo para o apartamento da Aricia e ajudando com a mudança, depois passem no meu apartamento com os homens e esvaziem o meu apartamento.

— Hey. — Paul segurou seu ombro o impedindo de sair. Derek olhou para a mão do seu amigo com desprezo e sabia que pela primeira vez na vida, Paul se sentiu como um empregado e não como seu amigo e braço direito.

— Nos deixe a sós, Luciano.

Luciano saiu da sala os deixando sozinho.

— Não toque mais assim em mim, Griggio. Na frente do Luciano ou na frente de qualquer pessoa. Não se esqueça quem realmente você é e qual é o seu *cargo* dentro dessa história.

Paul riu completamente sem humor e Derek arrumou seu corpo. Paul estava ferido e Derek não estava nem aí.

— Cargo? Só quero lhe lembrar que a cadela que quer matar sua mulher e seu filho está na cidade. Se você não fará nada, tudo bem. Mas depois não chore com as consequências.

— Você quer me ensinar como comandar a minha máfia agora, *Griggio*? Só porque não o quero no meu encontro com o Velásquez? — Derek riu e assistiu Paul ficar vermelho. — Deixa só eu lhe contar uma coisa, *todo mundo é substituível* nessa vida, não se esqueça disso.

— Ah, eu não me esquecerei! — Paul andou na direção da porta a abrindo. — Sempre soube que seus olhos brilhavam pelo poder, Holt, só não sabia que isso lhe transformaria em um idiota. Espero mesmo que sua família fique bem.

NACIONAIS - ACHERON

— Paul respirou fundo. — E você sabe que pode contar comigo sempre que precisar.

— Marque o meu encontro com o Velásquez.

Paul bateu a porta e Derek continuou olhando pelo local que seu amigo tinha saído. Pegou o celular e discou o número da Aricia para avisar que ela receberia ajuda para a mudança.

Sabia muito bem que Paul estava com raiva dele naquele momento, contudo, nada estava saindo como planejado. Nunca na vida achou que Tara seria alguém capaz de matar Gabriel, Aricia e até mesmo Paul. Israel, pai de Aricia, era alguém que não se podia confiar. A vida das três pessoas mais importantes para ele estava em perigo. E Derek precisava agir, mesmo que isso significasse que Paul ficaria com raiva dele.

Seu celular vibrou e era uma mensagem do Paul.

Encontro marcado para às 15h.



Aricia assistiu Paul entrar, sem camisa, pela a entrada da sua nova casa carregando duas caixas. Uma empilhada sobre a outra e pegou o celular pronta para tirar uma foto do homem. Ele estava suando, de cabelos presos e parecia com ódio. O que o deixava ainda mais assustador, mas realçava ainda mais sua beleza. Mandaria a foto para suas amigas. Aquele era o tipo de homem que precisava ser apreciado.

Ela mudou de ideia no momento em que Derek passou pela porta, trajando um terno todo preto, camisa preta, e calças pretas. Aquele era o seu homem, e ele estava sendo apreciado por ela. Paul passou por Derek como se ele não existisse e Derek nem mesmo falou com Paul. Aricia franziu o cenho e se aproximou de Derek.

— Está tudo bem? — Derek sorriu a puxando pela cintura e a beijando.

— Como foi seu dia? — Derek fugiu da pergunta com outra pergunta.

— Tudo ótimo, mas acho que perguntei

primeiro.

— Sobre o que mesmo você quer saber?

— Você e o Paul.

— O que tem?

— Não estão se falando? — Derek olhou para a figura de Paul que entrou com três caixas dessa vez e subiu as escadas.

— Trabalho.

— Que eu não preciso saber, certo?

— Exato. Como estão as coisas aqui?

— Acho que eles já estão terminando. — mais homens entraram com caixas. Tinha sido isso quase o dia todo. Já passava das seis da tarde. — Não vejo a hora de tudo isso acabar e finalmente vir o descanso. Assim como inauguramos a empresa.

— Descanso? Achei que faríamos uma festa.

— Festa?

— Brincadeira, *Patricinha*.

— Paul. — ele não parou quando Derek o

chamou e aquilo sim foi ainda mais estranho para Aricia. — Griggio. — ela não sabia que o sobrenome de Paul era Griggio, era tão forte quanto ele.

— Senhor. — Aricia arregalou os olhos. *Senhor?* Desde quando eles se tratavam daquele jeito?

— Você pegou as minhas coisas no meu escritório no meu antigo apartamento?

— Estão no seu mais novo escritório.

— Terminamos. — Luciano apareceu na estrada da casa com o resto dos homens.

— Ótimo. — Paul elevou as mãos no ar e parecia realmente agradecido em sair dali. — Estou precisando beber, transar, bater em alguém. — quando ele disse aquilo olhou diretamente para o Derek e sim, as coisas estavam feias.

Derek sorriu passando o dedo sobre os lábios e aquilo deixou Paul com mais raiva ainda.

— Posso ir, Chefe? Ou você precisa de mais alguma coisa? — Paul colocou a camisa que estava guardada no bolso da sua calça e Aricia lamentou

só um pouco por não ter tirado a foto.

— Pode ir, Griggio.

— Bom descanso, Srta. Aguiar.

Um a um os homens foram saindo. As coisas estavam mais estranhas do que ela pensava.

— Derek.

— Cadê o Gabe?

— Ele passou o dia na casa da Drika, ela o trará as sete. O que aconteceu com você e com o Paul? Vocês brigaram?

— Só estou mostrando quem é o chefe dessa máfia para ele, *Patricinha*.

Aquilo soou arrogante.

— Derek, ele é seu amigo. Não seu empregado.

— Ele é meu subchefe. — Derek se aproximou e a beijou na testa antes de se afastar fazendo uma leve careta. — Estou com dor de cabeça, mas preciso trabalhar um pouco antes. Se você conseguir manter o Gabe quieto por algumas horas quando ele chegar, eu agradeceria.

Derek subiu as escadas e Aricia permaneceu parada ali, o olhando, subir os degraus sem olhar para trás, ou sorrir para ela. Em duas semanas as coisas estavam mudando de novo e não era para melhor.

Algum tempo depois...

Finalmente!

Era isso que Aricia queria gritar aos quatro cantos da terra. Sua empresa finalmente estava pronta e liberada para o funcionamento e foi ainda mais cansativo e estressante organizar a festa de inauguração, mas ela tinha as *Mulheres Maravilhas* ao seu lado: Elaine e Cloe. E com aquelas duas, agora, elas estavam assistindo as pessoas entrarem pelas portas da: *A&G Diamonds* até para pensar em um nome foi difícil, mas no fim, Aricia optou por brincar com seu nome e o nome do Gabriel.

Aricia olhou um segurança em cada canto, Derek estava conversando com um homem que vestia um terno preto e estava de braços dados com uma loira espetacular e que já ostentava uma pequena barriga. Ele os apresentou como *Henrico e*
NACIONAIS - ACHERON

Catalyn e foi impossível não ver o brilho de felicidade no olhar da mulher que pediu que a chamasse de *Cat*.

— Ele é dono da metade da cidade.

— Quem? — Aricia pegou um champanhe sobre a bandeja que o garçom passou lhe oferecendo.

— O homem com quem Derek está conversando e... Meu Deus! — Cloe tomou toda a seu champanhe e Aricia virou para ver o que tinha deixado sua amiga sem palavras. Rex Colton e Alix Hine estavam passando pela porta de acesso e recebendo os cumprimentos dos recepcionistas. — Eu realmente odeio esse homem, mas ele é lindo demais.

Aricia riu. Sabia que Cloe não odiava Rex, mas que ela também não morria de amores por ele. Alix estava ainda mais linda. O vestido dela era deslumbrante e estar de braços dado com um homem que exalava poder a deixava poderosa.

— Meninas! — Alix abraçou Aricia e ela retribuiu o abraço. — Não acreditei quando recebi o convite. Está tudo tão lindo.

NACIONAIS - ACHERON

— Obrigada.

— Cadela. — Cloe resmungou por trás da sua taça e Aricia e Alix riram.

— Também te amo, Cloe. — Alix a abraçou dando um beijo em sua testa. — Qual é o motivo da raiva?

— Eu disse que apresentaria um dos homens do Derek a ela, mas Paul simplesmente não apareceu até agora. Ela está de mau humor.

— Não. — Cloe bateu o pé chamando atenção das duas. — Meu problema é aquele homem ali. — ela apontou para Rex Colton que estava alguns passos de distância olhando Alix como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo. — Ele olha para Alix como se ela fosse uma presa. E ele não a deixa em paz. Cristo! Eles irão casar no Caribe daqui algumas semanas! Que nojo! — Cloe bebeu toda sua bebida e pegou mais uma que o garçom passou na sua frente.

— Você está precisando de um homem, Cloe. — Rex apareceu por trás de Alix colocando uma mão sobre a cintura dela deixando claro sua posse.

NACIONAIS - ACHERON

— Você consegue ficar cinco minutos sem tocá-la, Tirano?

— Passei o dia todo sem tocá-la, *Herdeira*. Me deixe em paz.

— Herdeira? — Aricia questionou olhando Rex com um brilho de diversão no olhar.

— Ela é herdeira da máfia do Sul, eu pego no pé dela com isso. Por isso ela fica com raiva.

— Você é um osso enfiado no meu...

— Já chega. — Aricia pegou a taça que estava na mão da Cloe. — Sr. Colton.

— Srta. Aguiar. — Rex a cumprimentou com um aceno de queixo. — Preciso dizer que o trabalho ficou divino.

— Que trabalho? — Alix questionou curiosa.

— O trabalho. — Rex Colton apontou para o salão de recepção da empresa, mas Aricia sabia que ele estava falando do anel confeccionado exatamente para Alix.

— Eu disse isso a ela.

— Claro que você disse. — os dois
NACIONAIS - ACHERON

trocaram um olhar que fez com que Aricia se sentisse quente e que o local ficasse completamente sem oxigênio.

— É disso que eu falo! — Cloe parecia que ia chorar. — Eles exalam sexo! Pelo amor de Deus! Vocês não cansam? Vocês irão casar e esse fogo vai acabar, tenho certeza disso! Rogo por isso!

— Não se engane, *Herdeira!* — Rex beijou Alix. — Srta. Aguiar. — Rex Colton caminhou na direção de Henrico e Derek.

— Puta merda, mana! Rex Colton está aqui! — Lane chegou com duas taças de champanhe na mão. — Esse homem já esteve em meus sonhos, e ele fez um ótimo trabalho.

— Lane! — Aricia tossiu tentando chamar atenção da sua amiga.

— Fico me perguntando se a língua dele é tão predadora na vida real quanto no sonho.

— Tem costume de ser. — Alix respondeu com um sorriso divino nos lábios. — Bom, eu pelo menos gosto. Alix Hine. — ela estendeu a mão na direção de Elaine. — Daqui umas semanas Alix

Colton.

— Puta merda, mana! — Lane começou a rir e fez o seu melhor para segurar as duas taças em uma mão só. — Falei do seu homem, me desculpe. Mas homem gostoso dá nisso. As mulheres apreciam.

Alix começou a rir e no final, só Cloe não estava rindo com a sinceridade de Lane.



Aricia terminou o seu discurso e sorriu para figura de Derek que estava na multidão a aplaudindo. Ele subiu no pequeno palco que foi improvisado para eles e Aricia sentiu o coração acelerar quando ele ficou de joelhos bem na sua frente e tirou do terno uma caixinha de veludo. Aquilo só podia ser algum tipo de brincadeira.

— Lembra quando eu pedi que você fizesse uma joia que lhe representasse? — Aricia acenou a cabeça em um sim. — Era para isso. — Derek abriu a caixinha de veludo. — Não adianta

NACIONAIS - ACHERON

conquistar o mundo, *Patricinha*, se eu não tiver você por completo em minha vida. — os olhos dele estavam brilhantes. — Você quer casar comigo?

— Sim!

Espera! Ela queria pensar, ela precisava pensar mais o *sim* saiu de forma tão automática e quando Aricia percebeu, Derek já estava colocando a aliança em seu dedo, as pessoas já estavam aplaudindo em sua volta.

— Agora eu tenho o *mundo*. — Derek sussurrou antes de beijá-la.

Aricia olhou o anel preto, com pedras de diamantes entrelaçadas e aço. Diria que foi sua melhor criação, quer dizer, não negaria que o anel de Alix Hine estava bonito. Ainda estava com o bronze dos dias em que passou no Caribe ao lado de Derek e Gabe para presenciar a aliança entre Rex Colton e Alix Hine que agora era a tão temida Srta. Colton. Contudo, aquele anel em sua mão, representava o que o amor dela e do Derek significava. Algo confuso, sem completo sentido, bipolar como ela tinha o costume de falar, mas forte feito o aço, bruto como o diamante e único como o “G” que unia as duas pontas, era. Gabe entregaria o anel, pois Gabe era o elo daquele amor.

— Mana! — Lane entrou no pequeno quarto que Aricia estava usando para se arrumar. Ela já estava com seu vestido branco, cheio de joias. Ele era um vestido de sereia lindo. Colado no corpo, tomara-que-caia, com um decote lindo e que

realçava muito as curvas do corpo de Aricia.

— O que foi? — Lane estava vermelha e os cabelos estavam completamente bagunçados. Ela não estava mais tão maquiada quanto antes. — O que fizeram com você? — a segurança tinha sido triplicada para o casamento. Tara estava por aí e todo cuidado era pouco.

— Nada, depois eu conto. Você está perfeita! — ela correu em sua direção a olhando com admiração. — Você vai casar!

— Eu vou casar! — Aricia se olhou no espelho sem realmente acreditar no que estava para acontecer. — Com o homem que eu sempre amei. Tenho o meu filho, o trabalho dos meus sonhos. O que mais posso pedir?

— Realmente nada!

— Ari. — Cloe entrou no quarto trazendo uma bandeja com algumas taças de champanhe. — Consegui. Vamos brindar antes que você entre.

Cada uma pegou uma taça.

— A que vamos brindar?

— Quero brindar a vida da Aricia e do meu

afilhado. — Cloe sorriu com os olhos cheios de amor. — Apesar de odiar essa coisa de dois casamentos em menos de um mês.

— Não tive culpa, Derek quem quis casar tão rápido.

— Quero brindar a melhor amiga que esse mundo me deu e...

— Dez minutos. —a organizadora do casamento colocou a cabeça para dentro do quarto interrompendo o discurso de Lane.

— E? — Cloe incentivou.

— E a família incrível que ela formará!

As três tocaram suas taças e beberam de suas bebidas. Cloe tomou tudo assim como Lane, Aricia foi a única que não tomou tudo.

— Cloe, dê isso ao Gabe e peça que ele entregue ao Derek quando chegar ao altar.

— Muito bem. — Cloe recolheu as taças.
— Preparada?

— Sim!



Derek girou Aricia no meio do salão e os convidados começaram a rir assim como ela deu uma gargalhada. Seus olhos caíram sobre o anel que ele tinha recebido de Aricia com uma única explicação: Representação do nosso amor. Nada deixaria o seu coração mais apertado do que aquele amor!

Quando Aricia estava nos seus braços de novo ela o beijou rapidamente antes de abraçá-lo e colocar a cabeça em seu peito.

— Você fez as pazes com o Paul, Derek?

— Ele não estaria aqui no meu casamento sendo o meu padrinho se não tivesse feito, *Patricinha*.

— Ele é seu amigo, além de ser seu subchefe, Derek. Ele faria qualquer coisa por você.

— Sei disso. — Derek respirou fundo.

— Me permiti? — Israel estava parado ao seu lado com a mão estendida pronto para tirar

Aricia para dançar.

Tinha tanta coisa para resolver com aquele homem, mas as coisas precisariam esperar um pouco mais. Primeiro: Estabilidade.

— Estou com o Paul.

— Tudo bem. — Aricia sorriu e Derek a beijou.

— Eu te amo. — ela sorriu e piscou em sua direção. Esperava que depois daquela noite ela começasse a falar aquelas três palavras tão importantes para ele.

— Chefe. — Paul o cumprimentou assim que Derek se aproximou.

— Saindo. — Derek olhou para a mulher que saiu de perto do Paul sem nem olhar para ele.

— Finalmente resolveu fazer o que lhe disse? Arrumar alguém?

— Você precisa que eu faça algo para você, Chefe?

— Preciso. — Derek bateu contra o ombro do Paul o virando de frente para si. — Preciso do meu amigo de volta.

Paul sorriu.

— Sou seu amigo de novo? Achei que fosse seu empregado.

— Você nunca foi o meu empregado, Paul. Você sempre foi o meu irmão. Mas há momentos. — Derek olhou além do Paul. — Esse mundo é meio injusto e há momentos em que precisamos tomar atitudes que acabaram com a gente, mas manterão quem amamos bem.

— Do que você está falando?

— Estou falando que você é um ótimo amigo e sempre foi um irmão perfeito e será um grande amigo para a *minha esposa* assim como um guardião para o meu filho.

— Você será o guardião do seu filho.

— Também, mas quando ele crescer, com certeza ele precisará de um tio meio louco que o leve para lugares loucos e o livre da superproteção da Aricia. — Derek sorriu. — Esse cara será você.

— Não acha que serei velho demais para isso?

— Cara, você é um deus. — os dois riram e

Derek pegou Paul de surpresa quando o abraçou. — Me desculpe pelo outro dia. Eu realmente te amo, cara.

Derek bateu no ombro do Paul e saiu de perto dele rolando o anel que Aricia lhe deu em volta do seu dedo. Ele chegou perto da Aricia e do Israel, que não parecia em um bom momento.

— O Sr. me permite.

— Claro. — Israel saiu quase que batendo os pés.

— O que aconteceu?

— Meu pai acha que casar com você foi um erro.

— Claro que ele acha. — Derek deu um beijo na testa de Aricia e a puxou na direção da saída. Eles estavam casando em um clube nas marinas e o local era cercado por uma praia. Não tão linda quanto tinha no lado Sul, mas ainda assim era uma praia. — Deixa eu lhe mostrar o que eu comprei.

Derek a levou em direção a um cais onde tinha um iate acoplado. Haviam muitos mais

lanchas e iates ali, no local, mas a dele era intitulada *Os Holts*.

— Você comprou uma lancha? — Aricia levou as mãos a boca e Derek sorriu.

— Só fique aí, está bem.

— Por que não posso me aproximar?

— Porque só irei pegar algo aqui dentro. — Derek caminhou na direção da lancha e entrou na mesma. Assim que levou a mão sobre a gaveta que tinha em um dos armários que a lancha possuía, algo em sua volta fez um leve barulho, como se estivesse ativado algo. Derek olhou para o lado e havia um suporte, como uma bomba, e o relógio estava contando. Trinta segundos e tudo estaria pelos ares.

— Derek.

Derek arregalou os olhos ao ver que Aricia não tinha o obedecido. Um olhar para o relógio e dos trinta segundos restavam dez segundos. Em completo desespero Derek a empurrou para fora do barco, em direção da água.

— Não! — ele escutou Aricia gritar.



Aricia foi jogada por Derek em direção a água e o impacto da explosão a fez voar um pouco mais. Ainda estava desnorreada com tudo que estava acontecendo, quando alguém simplesmente pulou na água e a pegou pelos braços a colocando de pé. Completamente molhada. Henrico Velásquez a socorreu enquanto Paul gritava ordens feito um louco. Nada estava fazendo sentido. Paul gritava para que apagassem o fogo, e foi quando Aricia olhou para o local aonde deveria estar o iate, mas só havia fogo o consumindo.

— NÃO! — ela ficou de pé e tentou correr, mas Velásquez a segurou só com uma mão, mas foi o suficiente.

Aricia olhou na direção de Lane e ela estava com Gabe no colo e rapidamente ela correu com seu filho para dentro do Clube. Todos estavam correndo, todos estavam gritando. Mas ninguém lhe falava o que estava acontecendo.

— O que vocês estavam fazendo? — Paul se aproximou dela a segurando pelos ombros.

— Ele disse que pegaria algo dentro do iate e... Cadê ele, Paul?

Paul não respondeu, ele só saiu correndo na direção do Iate de novo e pegou o celular.

— Cadê ele? — Aricia perguntou para o homem que estava a segurando? — Cadê ele?

— Shh! — Henrico a segurou contra o seu enorme peito, mas ela não queria aquele abraço. Ela queria o Derek, ela não disse para ele que o amava. Ela o amava e muito! Sempre o amou.

— Cadê ele! Cadê ele! Cadê ele! Cadê ele!
— Aricia sentiu sua garganta doer e suas pernas cederem e a levaram ao chão.

Lágrimas caíram sobre seu vestido branco. Era o dia do seu *maldito* casamento. Aquilo não podia acontecer, Derek não podia!

— Alguém me fala cadê ele! — ela gritou ouvindo sua voz completamente rouca.

Sentiu Henrico baixar o seu corpo contra o seu no chão e as palavras dele destruíram seu mundo.

— *Está morto.*

Um ano depois...

A noite do seu casamento foi o pior dia da sua vida. Depois que aquelas duas palavras deixaram os lábios de Velásquez Aricia acordou na emergência do hospital, completamente rouca e chamando pelo seu filho e por Derek. As buscas pelo corpo dele duraram dois dias e meio, até que nada foi encontrado. Várias possibilidades foram traçadas, até mesmo que seu corpo tivesse voado com a explosão. Sim, agora, depois de algumas perícias, feitas pelos os homens de Henrico, sabíamos que foi uma explosão e que foi tudo armado. Um ano depois e que não sabíamos era quem era o culpado.

Doze meses e Aricia estava no comando de duas empresas e uma imobiliária, um filho que agora estava com três anos de idade e não parava de perguntar pelo pai, sem contar a raiva que não se continha em seu interior. Alguém havia tirado Derek da sua vida, *seu esposo* e essa pessoa estava caminhando por aí, enquanto Aricia chorava toda noite agarrada as roupas de Derek. Alguém

precisava pagar pelo crime cometido.

Aricia estacionou o carro atrás do carro do Derek que estava parado na garagem, completamente tapado e sem uso há um ano, desceu batendo a porta do carro com força. A raiva, a maldita raiva a consumia por dentro. A promessa tinha sido quebrada. Aricia fez a volta pela garagem e entrou pela cozinha. O cheiro de molho de cachorro-quente estava forte. Cloe estava em casa e ela sabia disso. Sua amiga, simplesmente se mudou para sua casa, e Aricia agradecia por isso. E isso lhe rendeu um romance com Luciano, o que a deixava feliz também. Alguém precisava ser feliz naquele mundo idiota.

— Hey. — Cloe apareceu correndo da sala em direção da cozinha. — Espero que você não se importe, mas estamos assistindo filme, comendo pipoca e cachorro-quente. Você quer?

— Estamos? — questionou colocando as sacolas com as verduras e legumes sobre o balcão e já ia guardá-las, mas Cloe as segurou.

— Eu guardo.

— Gabe, eu e Luciano.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem. — sorriu e deu um passo para trás quando Cloe tentou abraçá-la.

— É só um abraço, Ari. Nada demais. Você não deixa ninguém se aproximar.

— Vou subir e tomar um banho.

— Você irá descer? — Cloe não era mais a mesma. A morte de Derek tinha mudado muitas coisas e muitas pessoas e uma dessas pessoas foi a Cloe.

— Provavelmente não.

— Você marcou seu médico?

— Marquei. Mas eu tenho os meus remédios ainda, Cloe. E você não precisa conferir se estou bem de cinco em cinco minutos.

— Você anda armada, Aricia! Gabe encontrou um dos seus brinquedos hoje no banheiro da academia!

— Bom, não o deixe andando por aí sozinho. Você sabe que há armas por todos os lados agora. Se você ainda não percebeu: mataram o Derek e, com certeza, estão atrás da gente. Então...

— Eu percebi! — Cloe gritou. — Eu estava
NACIONAIS - ACHERON

lá!

— Ótimo!

Aricia deu as costas para sua amiga e seguiu para cozinha. Luciano estava brincando com Gabe e parou assim que a viu.

— *Sra. Holt.*

Aricia seguiu na direção dos dois e beijou Gabe na testa, seu filho não era mais o mesmo e Aricia culpava o desgraçado que tinha matado seu esposo. Ela seguiu pelas escadas, e assim que não estava na vista do Gabe pegou a arma que estava na sua cintura e entrou no quarto fechando a porta e jogou a arma sobre a cama. Assim que a arma bateu contra o colchão um papel pulou sobre o mesmo.

Ela se aproximou pegando o envelope branco, ele estava pesado. Aricia o virou de lá de dentro caiu o anel que ela deu para o Derek no dia do casamento deles. Ele estava o usando quando foi para o Iate, não é? O que aquele anel estava fazendo ali?

O coração da Aricia acelerou, suas pernas tremeram e ela sentou na beira da cama pegando o

papel que estava dentro do envelope, mas o que realmente fez o seu coração acelerar foi a sombra seguida da voz que saiu do canto do seu quarto.

— *Hey Patricinha.*

Aricia correu na direção da arma que estava sobre a cama e não pensou duas vezes e atirou, por mais que estivesse afetada pelo momento, nada tiraria sua atenção. O acertou em cheio e o seu coração parou uma batida antes de voltar a bater com força total quando, Derek, era realmente o seu Derek, se jogou de encontro ao seu corpo a jogando no chão.

— Você ficou louca!

Sua resposta foi um grito seguido de lágrimas caindo em seu rosto. Ele estava mesmo ali. Batendo o seu corpo contra o seu, podia sentir o quão quente ele estava naquele momento. Seu homem, o amor da sua vida, seu esposo.

— Você está vivo. — Aricia o sentiu retirar a arma de sua mão e destravar o gatilho enquanto ela constatava que Derek estava mesmo vivo. — Você está mesmo aqui.

Ela queria sentir mais daquele momento,

mas ele acabou quando um som de algo explodindo ecoou pelo seu quarto e no segundo seguinte ela viu a figura do Luciano com uma arma apontada na direção da cabeça do Derek.

— Não faria isso se fosse você, Luciano. — Derek o encarou e Luciano baixou a arma dando alguns passos para trás.

— Ouvi barulho de tiro.

— Você ouviu certo.

— Ari. — Cloe entrou no quarto correndo, mas parou ao ver quem estava deitado sobre o corpo de Aricia. — Derek?

— É bom ver você também, loira.

Derek finalmente a olhou de novo, Aricia sentia que a qualquer momento seu corpo perderia o sentido. Derek estava sobre seu corpo, nada daquilo fazia sentido.

— Eu morri?

— Não. — ele sorriu passando a ponta do dedo contra os seus lábios. — Nem eu, Patricinha.

Então, suas lágrimas tornaram a tomar conta dos seus olhos. Seu peito estava doendo, aqueles
NACIONAIS - ACHERON

dozes meses que ela suportou de dor e angustia estavam sendo libertos naquele momento. Toda dor, toda magoa, tudo saindo naquele momento. Deixando seu corpo a libertando. Derek a apertou com força e Aricia o abraçou de volta. Era muito bom sentir seus braços em volta do seu corpo.

— Vamos deixá-los sozinhos. — Aricia ouviu Luciano sussurrar para uma Cloe que também estava aos prantos.

— O que... Ele sabia? — Derek não respondeu.

Passou os dedos sobre seu rosto de forma delicada e a puxou no colo, Aricia circulou os braços em volta do pescoço dele e simplesmente não queria deixá-lo ir. E essa não era a ideia, sair de perto. Derek deitou sobre a cama levando consigo o corpo de Aricia e a abraçou, ela queria parar de chorar, mas simplesmente não conseguia. Não sabe dizer quanto tempo durou o seu momento de choro em que Derek ficou acariciando seus cabelos, beijando sua testa e distribuindo carícias por seu corpo.

— Por que você fez isso? — Aricia

NACIONAIS - ACHERON

finalmente conseguiu perguntar.

— A ideia não era nem aparecer, Patricinha. Mas realmente não suportei mais. Faz um ano que a vejo sair pelas portas dessa casa, dentro desse carro, seguir uma vida sem felicidade, eu precisava fazer alguma coisa.

— Por que a ideia não era aparecer?

— Porque a Tara quer a minha cabeça, ou melhor, ela acha mesmo que estou morto, assim como todos meus inimigos.

— Isso tudo foi por causa da Tara?

— Ela ameaçou o Gabriel, Patricinha. Não pude fazer muita coisa. Minha última escolha foi colocar vocês dois dentro de uma casa como essa, encher de seguranças e planejar a minha morte. Nem mesmo o Paul sabia.

— Me conte isso direito, Derek.

— Eu recebi uma mensagem da Tara, minha intenção era marcar um encontro com ela, e talvez, fazer com que aquela briga terminasse de forma pacífica, mas não foi isso que aconteceu. Ela me mandou uma mensagem deixando bem claro o

que faria com o Gabriel e diretamente com você. Foi quando tive a ideia de conversar com Henrico Velásquez. Mostrei a mensagem para ele e disse que precisava de alguém para me ajudar a forçar a minha morte. Henrico foi muito solícito e me ajudou. Eu sabia que corria o risco de lhe magoar muito, mas antes eu sumir por um tempo do que a Tara pegar o nosso filho.

— Paul não sabe que você está vivo, então?

— Agora ele sabe. Depois de alguns meses eu pedi que Henrico contasse a ele, Luciano e todos os nossos homens.

— Um ano, Derek. — Aricia tentou se afastar, mas Derek a segurou no lugar.

— Eu sei, me desculpe. Por isso mudei os planos, deveria ficar no meu esconderijo até que as coisas fossem resolvidas.

— Que tipo de coisa? Porque não vejo o Paul fazer nada. Ele está em um tipo de lua de mel e não há nada que o faça largar aquele apartamento e correr atrás do prejuízo.

— Você está com tanta raiva de tudo e

todos, Patricinha. Que eu nem mesmo lhe reconheço.

Aricia ficou de pé da cama quase que em um salto. Claro que ela estava com raiva do mundo. No dia do seu casamento ela tinha a certeza que seu esposo estava morto, agora um ano depois, descobria que tudo não tinha passado de um plano. Claro que um plano para salvar a vida do seu filho, mas ainda assim um plano que tinha machucado muitas pessoas.

— Seus planos me fizeram sentir raiva de tudo e todos! Se Paul fosse homem o suficiente, honrasse o cargo que lhe foi dado como chefe dessa máfia, você já estaria junto da sua família.

— Paul honrou tudo como devia, mas Tara tinha alguém realmente bom ao seu lado, Patricinha. E o conselheiro dela eu não podia simplesmente matá-lo.

— Por quê? — Aricia tinha consciência que estava gritando, porém aquele era o momento que eles tinham para consertar o passado. Dessa vez para sempre.

— Porque é o seu pai quem está ajudando-a

NACIONAIS - ACHERON

esse tempo todo.

E como se o seu mundo já não estivesse ruim o suficiente, tudo ficou ainda pior. Seu pai estava tramando a morte do seu filho era isso?

— Meu pai tinha consciência que essa mulher queria a morte do meu filho?

— Isso foi o que me deixou com dúvida no começo, eu não sabia se o Israel sabia das reais intenções da Tara, mas...

— Mas o quê, Derek!

— Eles estão juntos.

— Juntos como?

— Juntos, como um homem fica com uma mulher e eu não tenho dúvidas que seu pai saiba das reais intenções dela.

Aricia riu, aquilo era mentira. Seu pai era durão, tinha um jeito meio estranho de resolver as coisas, mas ele não seria baixo aquele ponto. Não seria mesmo.

— Isso é mentira.

— Não é. Eu disse que nunca mais mentiria para você, não tenho mais porque fazer isso. Dessa
NACIONAIS - ACHERON

vez eu voltei para consertar tudo e esse conserto exigirá morte, Patricinha. Inclusive a do seu pai.

— Você acaba de me dizer que meu pai, possivelmente, sabe que essa cadela queria matar o meu filho e que está junto dela e que você tem que matá-los e quer que eu diga o quê?

— Que sim. Que eu tenho permissão para fazer o que quiser com o seu pai. Com a Tara eu já faria de qualquer jeito, mas tenho medo de tocar no meu pai e você me odiar pelo resto da sua vida. Então, preciso saber se tenho permissão para vingar todas as maldades que eles queriam fazer conosco?

— O que você está esperando?



Derek estava sentado em seu escritório, depois de acalmar a *sua esposa*, pois se dependesse de Arícia ela saia trás do seu pai para tirar satisfação com ele, mas julgando o tiro que estava na parede do seu quarto, não era bem uma conversa que ela teria com Israel.

Ele olhou sua aliança em seu dedo, um ano longe, nem mesmo teve uma lua de mel. Seus
NACIONAIS - ACHERON

planos, tudo que ele tinha imaginado havia saído errado. Derek elevou os olhos para porta quando a mesma fez um barulho.

— Espere aí fora. — Paul entrou e parou o encarando, seu amigo estava sério, nervoso e sem saber o que esperar.

Derek o olhou de cima a baixo, Paul estava trajando um terno claro, e estava visivelmente diferente. Bem mais arrumado, com ar de chefe.

— Sem dúvida a liderança lhe fez muito bem, Paul.

— Estou pensando se lhe abraço ou se lhe mato de vez pelo plano feito pelas minhas costas.
— Derek sorriu.

— Com certeza você pode me matar, você é o chefe agora.

— Nunca fui chefe de nada, Derek. Eu nunca quis ser.

— Mas você fez um ótimo trabalho enquanto eu estava fora, Paul.

— Não deixaria algo pelo qual você daria a sua vida acabar assim, Derek.

Derek ficou de pé e assistiu o amigo observá-lo como se ele fosse algum tipo de alienígena.

— Você não confia mais em mim. — não era uma pergunta. Derek conseguia sentir a desconfiança fugindo pelos poros de Paul, mas não o culpava, ele ficou fora por um ano. Quando precisou de ajuda chamou Henrico Velásquez e não a ele, sabia muito bem que quando resolvesse voltar, algumas consequências suas escolhas teriam.

— Só estou tentando entender na real. — Paul passou a mão pela testa e ficou de costas respirando fundo.

— Entender o quê?

— Por que o Henrico? Por que não confiar em mim?

— Você lembra o que eu lhe disse no dia do meu casamento? — Derek se aproximou do amigo. — Que você seria alguém a guiar o meu filho quando ele crescesse? Não confiei meus planos de morte a você, Paul, mas confie a vida da minha família que era bem mais importante, e ainda é.

NACIONAIS - ACHERON

Você consegue enxergar isso.

— Eu era o seu irmão! — Paul aumentou o tom de voz e Derek sabia que, assim como todo mundo, ele tinha uma porcentagem de raiva para colocar para fora.

— Você é meu irmão! Por que você acha não falei nada? Sua vida estava em perigo também, Paul. Meu silêncio o salvou para que hoje você salvasse a minha família.

Derek via bem dentro dos olhos claros do seu amigo que ele não tinha nenhuma certeza de suas palavras, ou melhor, Paul estava lutando com algo dentro do seu interior.

— Você fez falta, irmão! — Paul finalmente se aproximou e Derek o abraçou.

Nenhum dos dois choraram, mas a emoção era algo concreto naquele abraço.

— Você fez um ótimo trabalho. — Derek se afastou dando um leve tapa contra o ombro do Paul e sentiu quando o amigo, finalmente, pareceu relaxar.

— Você já pode pegar seu cargo de volta.

Nunca almejei ser chefe de uma máfia e hoje eu sei porque.

Derek sorriu caminhando na direção da cadeira a qual ele estava sentado antes e Paul o acompanhou sentando de frente para ele.

— Esqueceu que estou morto? A máfia continua sendo sua, Paul.

— Até que eu mate a Tara e o Israel, depois você assume.

Derek passou o dedo pelos os lábios como se estivesse pensando em algo.

— Acho que não tenho pretensão de voltar para esse mundo. Tem uma marca de um tiro no meu quarto nesse momento que mostra o quão mal essa vida fez a minha família, Paul. Aricia armada, Gabriel praticamente sem uma mãe durante esse período que Aricia ficou de luto. — Derek deu um leve soco contra a mesa de vidro sem importar de quebrá-la. — Não quero isso para a minha família. Quero a minha família bem, só isso.

— Você lutou tanto para conseguir o mundo, Derek e quando isso acontecer vai desistir?

— Não, só vou optar pelo o que tenho de mais precioso. E o que tenho de mais precioso é a minha família. Você sabe o que é isso. Se importar com alguém.

Paul sorriu como se entendesse agora muito bem o que Derek estava falando.

— Ela me deixa louco, Derek. Sinceramente, ela é o tipo de mulher que quer me manter preso, mas quer a sua liberdade.

— E ela já tem.

— O quê?

— Você preso. — Paul respirou fundo deixando claro que Derek estava completamente certo.

— Só não a deixe saber disso, por favor. Ela já me deixa louco sem saber desse poder.

Derek riu e respirou fundo.

— Sabe que temos pessoas a matar, não é?

— Sabe que uma dessas pessoas é o pai da sua *esposa*, não é? Seu sogro.

— Sabe que ela me deu permissão para torturá-lo, não é?

Paul riu e Derek não ficou imune a risada do amigo. Estava com saudade.

— Tenho certeza que não foi bem isso que ela disse, mas tenho certeza que é o que você fará. A única pergunta é: O que estamos esperando?

Derek relaxou sobre a poltrona do seu escritório.

Era muito bom estar em casa de novo.

Aricia acordou pela manhã sentindo seu corpo sendo abraçado por braços que outrora não estavam ali. Sorrir foi inevitável ao lembrar quem estava em sua cama, ao seu lado, lhe segurando forte em seus braços. Ela virou os lábios e beijou a pele do peito de Derek. Ele estava adormecido e parecia tranquilo. Depois que ele conversou com Paul, os dois subiram e ele pediu com carinho que, eles pudessem dormir, não era bem isso que Aricia tinha em mente. Ela queria resposta. Mas no final, Derek estava certo. Ela estava precisando mesmo dormir.

— Me admirando, senhora *Holt*?

Aricia sorriu. Ouvia muito as pessoas lhe chamando assim, seu dia-a-dia era ser chamada de Sra. Holt, mas ouvir Derek lhe chamar daquele jeito era maravilhoso, acendia seu corpo de uma forma que ela não sabia que era possível.

— Ainda não acredito mesmo que sou sua

esposa. Não tive muito tempo para viver isso, sabia?

— A partir de agora você terá esse tempo, *Patricinha*. Prometo.

— Não faça isso.

Aricia não queria mais promessas vãs aquilo acabava com ela, não só com ela, mas com seu filho a pessoa mais prejudicada em toda aquela história.

— Dessa vez não são vãs, *Patricinha*. O destino me obrigou a escolher entre lhe perder para sempre ou por um período, foi uma decisão difícil, mas foi uma decisão sábia. Não me arrependo.

— E sou sincera em dizer que você fez muito bem. Só não precisava ficar um ano longe.

— Precisava. — Derek fez carinho em sua bochecha e se baixou para beijar sua testa. — Tenho todas as armas possíveis para matar a Tara e nos dar um feliz para sempre.

— Será que existe *feliz para sempre* nesse mundo, *vagabundo*?

— Se não há, eu criarei para você, meu

amor.

Aricia ficou de joelhos sobre cama, deixando um braço de cada lado do corpo do Derek e se abaixou para beijá-lo. Aquilo não era sua lua-de-mel, mas podia ser um princípio dela.

— Eu estava com saudades. — ela sussurrou sobre os lábios do mafioso, passando os seus sobre ele.

— Não tanto quanto eu.

Seus lábios se tocaram em algo mágico, um gesto cheio de saudades. Aricia deixou seus lábios descenderem para o pescoço do Derek, enquanto suas mãos foram para sua cabeça, deslizando por seu pescoço, a mão de Derek fechou em sua cintura a apertando com força, e de forma lenta, ela sentiu Derek levando sua mão para baixo da sua camisola e vencendo as barreiras da sua calcinha, os dedos dele dedilharam um caminho em direção ao seu canal e Derek arriscou invadi-la divagar com os dedos e Aricia gemeu sobre seus lábios aumentando a velocidade do beijo. Sua língua trabalhando lentamente, enquanto sua mão descia pelo peito do Derek, passando por seus músculos e

NACIONAIS - ACHERON

vencendo as barreiras de sua roupa. Uma bermuda que ele estava usando junto como uma cueca. Aricia sentou sobre o colo do Derek e sentiu que seu membro estava levemente rígido, as carícias estavam começando a surtir efeito.

— Tenho que ir trabalhar. — Aricia sussurrou sobre a pele do pescoço de Derek antes de mordê-la.

— O que isso quer dizer? — Derek a invadiu mais um pouco com os dedos e Aricia subiu e desceu os quadris os sentindo deslizar em seu interior. Ela estava se excitando com as carícias também, prova disso era que seu sexo estava levemente lubrificado.

— Que se vamos começar algo eu tenho hora para terminar. — Derek gargalhou e a invadiu mais um pouco com o dedo, Aricia mordeu o lábio em aprovação.

— Você é dona daquela empresa. Das duas, na real, você pode ir a hora que quiser.

— Mas tenho feito do trabalho a minha segunda casa. O que você acha que irão pensar se eu não aparecer?

NACIONAIS - ACHERON

— Que você finalmente resolveu viver.

— Só sua mente para pensar isso e... — Aricia gritou quando Derek a pegou de surpresa trocando as posições e ficando sobre seu corpo. Colocando todo seu peso sobre ela.

— Não vou lhe prender aqui, Patricinha. Contudo, você não sairá dos meus braços sem eu antes ver com meus olhos o que está acontecendo aqui embaixo.

— Não está acontecendo nada aí embaixo. — Aricia riu com vontade quando Derek elevou uma sobrancelha como quem dizia: Tem certeza disso.

Ele puxou a calcinha dela para baixo e levantou sua camisola, seus olhos em nenhum momento deixou seu rosto, ele parecia querer guardar tudo.

— Tem certeza? — Aricia sentiu a língua de Derek chicoteando seu ponto de prazer, o toque era quase que imperceptível, mas o prazer era concreto.

Ela agarrou os lençóis com força, fechou os

olhos e se deixou levar pelo momento, sentiu os dedos de Derek invadindo seu canal, e sua língua chupando seu ponto de prazer e seus dedos a invadindo com força. Os sons dos seus sulcos contra os dedos de Derek eram a sinfonia do momento. Sentiu o prazer lhe entorpecer, invadir seu centro e logo ela estava gozando contra a boca e os dedos de Derek.

Aricia estava de olhos fechados, com a respiração agitada, seu coração acelerado e o sangue correndo em seus ouvidos em uma velocidade incrível, sentia uma leve camada de suor tomar conta do seu corpo e ela estava queimando, o que dirá do corpo de Derek? Ele estava fervendo.

— Patricinha. — ela abriu os olhos quando Derek a chamou e foi impossível não olhar para o volume sob a bermuda que ele estava usando. — Precisamos conversar?

— Sobre o quê?

— Preciso que você me ajude nos meus planos.

— Que tipo de ajuda? — Aricia engoliu em

NACIONAIS - ACHERON

seco e puxou Derek para que ele deitasse ao seu lado. Daria um jeito no desconforto do seu esposo depois, mas Derek estava com um olhar de quem, realmente, precisava resolver aquela situação com ela.

— Preciso que você programe um jantar para hoje de noite. Chame sua mãe, irmã, sobrinho, cunhado. Em suma, todas as pessoas que são importantes para você.

— Um jantar? Hoje de noite? Você não está pensando em aparecer nesse jantar, não é?

— De forma nenhuma. Em todos os casos eu estou morto, Patricinha. Só que tenho que resolver umas coisas e preciso que, as pessoas que são importantes para você, estejam todas em um mesmo lugar e seguras. Meus homens estarão à disposição de vocês. Segura não irá faltar.

— Você não falou nada sobre o meu pai. — Derek a olhou como se aquele assunto nem mesmo precisasse de cogitação.

— O que você quer que eu faça com seu pai, Patricinha? Já lhe contei tudo que sei sobre ele.

— Quero que você faça o melhor julgamento. Que não faça nada sem pensar.

— Tive um ano para pensar.

— Sei disso. — Aricia sentiu seus olhos se encherem de água. — Mas ele é meu pai.

— E até ontem de noite você disse que estava tudo bem sobre isso.

— Eu estava com raiva, Derek. Eu vivo com raiva e quando estou nesses momentos eu falo coisas que não condizem com meus pensamentos. Achei que você já soubesse disso.

Derek respirou fundo e se sentou na cama, o clima de paixão já não existia mais entre os dois. O que era péssimo depois do tempo que os dois tinham passado separados.

— Vou perguntar de novo. O que você quer que eu faça? Lhe pedi permissão, Patricinha.

— Para matar meu pai, Derek! Você é louco? — Aricia pegou suas peças íntimas e as vestiu.

— Ele quer a nossa ruína. Sempre quis. Quer me matar, matar nosso filho!

— Não acredito que meu pai seria capaz disso.

— Tudo bem. — Derek ficou de pé passando a mão pela cabeça. — Chame sua mãe, sua irmão e cunhado. As pessoas que são importantes para você para um jantar para você e deixa o resto comigo.

— Meu pai continua fora dessa sua lista.

— Porque eu preciso conversar com seu pai. — Aricia sorriu, mas era algo sem humor.

— Você não sabe conversar, Derek. Ainda mais com pessoas que querem seu mal.

— Exatamente, eu não sei. Mas farei isso por você. Já que você teme pela vida do seu pai. Só espero que amanhã não estejamos chorando a morte do meu filho.

— Você quer me dar motivos para lhe dar permissão para essa atrocidade.

— Não! — Derek se aproximou de Aricia segurando seu rosto. — Quero que você enxergue quem realmente é o seu pai. Mas eu entendo, ele é seu pai e você o ama. Não farei nada com ele. Não

carregarei essa culpa pelo resto da minha vida, mas preciso dele para encontrar a Tara.

— Tudo bem. Pode conversar com ele, Derek. Eu farei o meu melhor para que a minha mãe o deixe. Mas não encoste no meu pai. Como você mesmo disse, ele é meu pai.

— Infelizmente. — Derek a beijou e saiu do quarto.

Seria possível que eles nunca ficariam bem?



Aricia parou com o carro no imenso pátio da casa dos seus pais, já fazia um bom tempo que não aparecia por ali. Sua mãe ficaria surpresa com a sua presença. Ela respirou fundo, desceu do carro e trancou o carro ativando o alarme do mesmo. Entrou na casa e foi recebida por um imenso silêncio e uma sensação que não lhe agradou.

— Oi? — Aricia foi recebida por uma moça, que ela não conhecia. Cabelos loiros, corpo elegante e aparentava ser um pouco mais nova do que ela. — Posso ajudá-la? — quantas coisas tinham mudado

NACIONAIS - ACHERON

em um ano?

— Pode sim. Eu gostaria de falar com meus pais.

— Seus pais? — a menina ficou um pouco vermelha. — Você deve ser a Aricia, então, já que eu já conhecia a Aline.

— E você é?

— Desculpe. — ela corou mais ainda, mas tudo aquilo parecia bem falso para Aricia. — Estou ajudando o Israel com as tarefas da casa.

— Desde quando o meu pai precisa de ajuda com as tarefas da casa?

— Só faço meu serviço. — o sorriso simpático não estava mais presente no rosto da desconhecida que estava parada em sua frente.

— Imagino que serviço seja esse.

Aricia não esperaria para ser anunciada. Aquela casa era tanto da sua mãe quanto era do seu pai e ela tinha direitos.

— Seu pai está trabalhando no escritório e pediu para não ser interrompido. — Aricia seguiu na direção do escritório ouvindo os passos da mulher logo atrás de si.

— O engraçado de tudo isso é que meu pai é aposentado e eu não lhe perguntei nada.

A desconhecida realmente tentou se jogar na frente da porta antes que Aricia entrasse, mas foi infeliz em seu gesto. Aricia abriu a porta e viu seu pai com uma mulher que, fisicamente, era bem parecia com ela. Com a diferença que seus cabelos eram loiros, um loiro que não parecia muito real, mas ainda assim ela se parecia com ela. Cabelos longos, com cachos, olhos claros e um corpo de dar inveja. O que não dava nenhum pouco de inveja era a cena em questão.

Seu pai estava sentado em sua poltrona e a mulher estava sobre seu colo. Calmamente Israel baixou a blusa da mulher que estava para cima, e olhou na direção da Aricia.

— Eu disse que você não queria visitas. — a loira que a recebeu falou com o tom de voz cheia de raiva.

— Não se preocupe, Livy, conheço a minha filha.

A mulher que estava acompanhando seu pai lhe direcionou um olhar carregado e Aricia sentiu a arma que estava na sua cintura queimar. Ela estava

NACIONAIS - ACHERON

carregada, e bom, seus dedos estavam prontos para atirar.

— Essa é a sua filha? — a mulher dentro do escritório permaneceu sobre o colo do seu pai, como se ela não fosse a intrusa ali, a amante.

— Sim e você sairá para que a gente converse.

— Tem certeza disso? Realmente tenho planos para ela. — ela sorriu como se seus planos fossem realmente macabros e sangrentos.

Israel escondeu um feche de um sorriso e a beijou, chamando sua atenção para ele.

— Contenha-se, ela é minha filha.

— Grande merda. — a mulher finalmente saiu de cima do colo do seu pai e Aricia levou a mão sobre a arma na parte de trás da calça. — Não faria isso se fosse você. — ela se arrumou. Os dois estavam prestes a transar ali, Aricia sabia disso. — Estou esperando lá fora.

— Tudo bem, *amor*.

Aricia não sabia, exatamente, se o chão ainda estava sobre seus pés, mas ela segurava a porta como se ela fosse seu bote salvavidas. *Amor*, seu

pai chamou aquela mulher de amor. Ele estava com duas mulheres desconhecidas dentro da sua casa, a casa que sua mãe a criou vivendo como se fosse um prostíbulo.

— Entre Aricia. — Aricia soltou a porta e passou ao lado da loira. Ela sorriu em sua direção.

— *Cadela*. — ela a chamou de cadela e Aricia levou a mão sobre a arma, mas seu pai foi tão rápido, em um minuto ele estava atrás dela segurando sua mão.

— Que merda, Aricia. Você é desse tipo, agora?

— Que tipo? Do tipo que mata sua amante?

— Do tipo que sai por aí armada? Ainda bem que aquele homem morreu! Ele só lhe trouxe coisas ruins para vida!

— Quem é essa mulher?

— Alguém. — Israel caminhou na direção do bar que tinha no escritório e percebeu que seu pai estava excitado o que a deixou com nojo.

— Alguém com quem você está traindo a minha mãe.

— Sua mãe nem está mais morando aqui, Aricia.

Se você deixasse de viver dentro daquele castelo cheio de seguranças você saberia disso. Agora você está com a consciência pesada?

— Por que a minha mãe não está mais vivendo aqui?

— Incompatibilidade de pensamentos. Queria que ela fosse mais liberal em algumas coisas, ela não conseguiu. Então, ela resolveu sair de casa. Está com a sua irmã.

— Em resumo, você queria que ela aceitasse as suas duas amantes.

Israel sorriu.

— Você foi a mais esperta das três, ainda assim caiu nas garras daquele pilantra.

— Esquece o Derek, você não consegue esquecê-lo. Ele está morto.

— Graças aos Céus. Fiz muito esforço para que ele morresse dentro daquela máfia, mas Nial foi realmente com a cara daquele garoto.

— Então você tem sim algo a ver com a entrada dele na máfia.

— Sim, vi potencial no garoto e o queria longe, e
NACIONAIS - ACHERON

quando o quis por perto, eu a trouxe de volta para cidade.

— Você nos manipulou e depois o matou!

— Não, eu os manipulei, mas não o matei. Alguém o matou, mas esse alguém não fui eu.

— Realmente, quem o matou foi sua amante. Tara, e ela quer a morte do meu filho.

— Ela nunca tocaria no Gabe, já conversei com ela sobre isso.

Aricia sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco no estômago. Então era verdade.

— Então isso foi uma hipótese? Matar meu filho.

— Foi não, é... ela não gosta muito de você, Aricia. Você roubou o homem dela, a vida que um dia ela quis.

— Ele é o seu neto.

— Um neto que você não fez questão de me deixar por perto. — ele deu de ombros. — Estou o protegendo, mas não sei por quanto tempo Tara ficará longe.

— Aonde essa mulher está?

— Não sei. — ele respondeu sem muita certeza.

— Por aí.

— E quem é essa mulher que estava com você?

— Alguém.

— Odeio você, você acabou com seu casamento, está vivendo como um criminoso.

— Nada muito diferente do que você está acostumada, não é? Seu esposo era um criminoso e no final você se tornou uma.

— Se Tara matasse o Gabe, o que você faria?

— Esperaria você engravidar de novo para chamar ele de meu neto. Essas fatalidades acontecem nesse meio. Foi sua escolha.

Aricia escolheu aquele momento para virar uma leoa e voar na direção do seu pai, mas a idade não o afetou, Israel a segurou pelos ombros e Aricia ficou surpresa quando ele deferiu um tapa com força em seu rosto.

— Igual a sua mãe, precisa apanhar para entender aonde é o seu lugar. Menos, Aricia, Derek era um mafioso. Hoje você é alguém que carrega uma arma e tem uma empresa. Não mais além disso. — Israel

respirou fundo. — Já me estressei com você. Me deixe em paz.

E ela faria isso. Antes, a resposta que ela não sabia ela tinha. Não pensou duas vezes antes de sair do escritório as duas mulheres estavam paradas no corredor conversando e pararam quando a viram.

— O que você faria se eu partisse para cima de você agora?

— Explodiria sua cabeça. — Aricia respondeu para a amante do seu pai, quer dizer, tinha certeza que as duas eram suas amantes.

— Não tenho dúvidas sobre isso.

Aricia continuou caminhando na direção da saída. Mandaria mensagem para sua irmã, para saber da sua mãe e depois uma mensagem para o Derek.

— Ele está seguro? — ela não parou enquanto a amante do seu pai continuava falando. — Seu filho, ele está seguro? Vivendo dentro daquela casa? Realmente espero que esteja, pois ele é o meu principal alvo.

E naquele momento tudo fez sentido. Ela estava frente-a-frente com Tara, sua arque inimiga. Aricia

saiu correndo e ouviu as risadas das duas ainda no corredor. Ela entrou no carro e saiu da propriedade dos seus pais e só parou quando percebeu que estava segura o suficiente. Pegou o celular e digitou uma mensagem para irmã marcando o jantar e em seguida uma mensagem para o Derek.

Meu pai é todo seu.

Cuidado, Tara está com ele.

Seu celular começou a vibrar logo em seguida, mas ela não atendeu, queria fugir, não sabia do que aquela mulher era capaz ainda mais tendo seu pai como protetor.

Derek viu a porta abrir e em seguida Israel entrou no escritório que pertencia a sua casa. Naquele momento um jantar estava acontecendo nas residências dos Holts. Henrico já sabia que teriam possíveis mortes em sua área, e tudo estava certo. Israel ligou a luz e se assustou ao ver Derek sentado em sua poltrona e Paul ao seu lado com a arma sobre a mesa que lhe pertencia.

— Boa noite, *sogrinho*.

— Isso só pode ser algum tipo de piada. — Israel tentou fugir e Paul pegou a arma rapidamente e atirou contra a porta o impedindo de correr. — Você está morto.

— Não, isso é o que você e aquela cadela tentaram fazer, mas eu sempre fui mais esperto. Sente-se. — Derek apontou a cadeira em sua frente. — Vamos resolver algumas coisas antes que eu lhe mate. — Israel riu.

— Você não vai me matar. Aricia lhe odiaria por isso.

— Aricia lhe odeia nesse momento, Israel. Francamente, deixar Tara na presença da sua filha sabendo do estrago que ela é capaz.

— Tara não quer Aricia, Tara quer você.

— E o que você faz no meio de toda essa história, Israel? Traindo sua esposa!

— Não deu mais certo. Tara é alguém interessante. Me lembra muito o Nial e resolvi ajudá-la.

— Comê-la também. — Israel deu de ombros.

— Bonificação.

— Pois bem. — Derek ficou de pé fazendo a volta na mesa. — Você sabe que você é um homem morto, não é?

— Por que você acha isso?

— Porque você está sozinho.

— Por que você acha isso? — Derek viu uma loira passar pela porta e de imediato não a conheceu, mas dois segundos depois tudo clareou. Tara estava loira e portando uma arma na sua direção.

— Sempre desconfiei da sua morte. E o jeito que a sua mulher chegou hoje aqui, tive quase certeza que você estava vivo. Mas vocês não ficarão vivos por muito tempo.

— Acho que será o contrário, Tara. — Derek sorriu de lado enquanto, lentamente, pegava a sua arma.

— E quem garante isso a vocês?

— Eu. — Henrico Velásquez seguido de Lincoln Pierce saíram das sombras da sala. Tara arregalou os olhos e não sabia exatamente para quem apontar sua arma naquele momento, e bom, não tinha mais saída. Era ela e Israel contra, Derek, Paul, Henrico e Lincoln. Eles estavam sozinhos.

— Não estamos sozinhos, Derek. A casa está cheia de seguranças e nesse momento Livy já avisou metade dos homens que vocês invadiram a propriedade.

— Homens? — Derek andou mais um pouco se encostando a mesa do escritório. — Você quer dizer os homens que os nossos homens mataram lá fora?

Tara rangeu os dentes com a menção das palavras de Derek e para concretizar o que eles estavam falando, Luciano adentrou ao escritório com Livy em sua posse. Ela estava com as mãos amarradas, do canto da boca escorria um pouco de sangue, o rosto estava vermelho e os cabelos bagunçados.

— Essa cadela sabe lutar. — Luciano passou a mão sobre a testa secando o suor. — Mas sou melhor. — a jogou no chão de qualquer jeito, o som do corpo de Livy batendo no chão foi um som oco.

Derek andou um pouco pela sala e encostou a mesa encarando Tara sério.

— Você perdeu! Você teve um ano para arquitetar o plano perfeito, Tara e ainda assim você foi burra!

— Ele estava nas minhas mãos, Derek. Mas um pouco faria tudo o que eu queria. Mataria sua linda mulher, seu magnífico filho e quando, enfim, você aparecesse, pois eu sempre soube que você estava vivo eu lhe mataria.

— Mas não é isso que vai acontecer. —
NACIONAIS - ACHERON

Derek pegou a sua arma e se aproximou de Tara, sabia que ela não seria louca em atirar nele. — Até porque quando Israel descobrir que você tomou a casa dele todo seu dinheiro, acho que ele não ficará muito feliz e que você manipulou todo esse tempo.

Israel, que estava sobre a mira do revolve do Paul se espantou ao ouvir aquilo.

— Você o quê? — Tara revirou os olhos como se Israel fosse um homem burro, o que não deixava de ser.

— Você acha mesmo que você me atrai, Israel? Que eu e a Livy estamos dormindo com você todo esse tempo por que temos tesão no seu corpo? — Tara sorriu como se aquilo fosse alguma piada. — Por favor, não é, Israel. Esse tempo você foi uma marionete nas minhas mãos. Meu pai fez de você uma marionete quando estava vivo, eu fiz o mesmo com você.

Israel partiu para cima de Tara, e Paul não o segurou, foi incrível para Derek ver a mulher recebendo um soco contra o rosto. Não era a favor de agressão contra mulheres, mas aquela em questão não pensaria duas vezes antes de tocar na

NACIONAIS - ACHERON

sua esposa e no seu filho, assim como Israel não pensaria duas vezes pelo bem-estar da sua filha e neto, os dois se mereciam e mereciam o fim que estava chegando.

Paul se meteu entre os dois e separou a pequena briga que estava iniciando ali, Tara era alguém que sabia lutar. Seus tempos dentro daquela máfia e até mesmo andando com Derek lhe deram algumas vantagens.

— Levem esses três para fora. — Derek ordenou a Paul e ao Luciano.

Assistiu Lincoln pegar Tara, ajudando Paul no transporte dos três para o quintal. Não mataria os três ali dentro do escritório. A limpeza seria pior.

— O que pretende fazer com o Israel? — Henrico perguntou quando ficaram os dois dentro da sala.

Derek respirou fundo encarando o chão.

— Não sei. Realmente não sei, por mais que Aricia esteja com raiva, é o pai dela. Não quero ter parte nisso. Ser o cara que matou o pai da sua esposa, sabe?

Henrico riu como se aquilo fosse comum no mundo deles, mas Derek não entendeu o porquê da risada.

— Você quer que eu faça algo?

— O que seria o seu algo?

O olhar de que Henrico Velásquez lhe direcionou respondia tudo. Israel não ficaria vivo, mas também não seria morto por suas mãos.

Quando os dois saíram no quintal, os tais seguranças mencionados por Israel, estavam jogados, pelo menos seus corpos estavam, no chão do quintal. Todos mortos. Tara, Israel e Livy estavam de joelhos no gramado todos de frente para ele.

— Israel, eu realmente não sei o que fazer com você.

— Que tal me agradecer pelo o que você é? Já te disse, aquele garoto da periferia hoje é Derek Holt, chefe de uma máfia porque eu vi potencial nele no passado. Seja mais agradecido.

— Eu serei. — Derek se aproximou de Israel o olhando de cima. — Prova disso é que não

puxarei esse gatilho. Aricia não me culpará pela sua morte, Israel. — Derek sorriu quando medo passou pelos olhos de Israel. — Nos encontramos em breve.

Israel estava encarando Derek nos olhos quando Henrico se aproximou pela lateral e encostou a arma contra a cabeça do seu sogro. Um tiro foi o suficiente. A bala vazou do outro lado e o corpo de Israel caiu sobre o gramado.

Derek olhou na direção da Tara e ela estava com os olhos brilhantes, medo, ódio, até mesmo o amor que ela dizia sentir Derek conseguiu enxergar passando em seus olhos.

— Seu futuro podia ser brilhante, Tara. Mas você preferiu o lado negro.

— Eu só queria estar ao seu lado e estava disposta a tudo por você. Matar e morrer.

— Sei disso. — Derek acariciou o rosto da mulher que por muitas noites foi sua companheira. — Mas você escolheu matar as pessoas erradas. — Derek pegou sua arma e encostou perto do coração da Tara, ela fechou os olhos esperando a morte.

— Eu só queria o seu amor.

— Isso nunca seria possível. — Derek apontou o gatilho três vezes contra o peito de Tara.

Não negaria, seu coração queimou. Foi como se ele estivesse matado Nial, como se tivesse traído o homem que o acolheu quando ele mais precisou, mas no fim, o bem-estar da sua família era o que realmente importava.

— O que eu faço com essa mulher? — Paul apontou para Livy.

— O que você acha? — Derek virou as costas para cena e ouviu o som de um tiro ecoando pelo pátio.

Seu coração finalmente estava em paz, agora ele podia voltar para a sua família.



Derek colocou o copo para baixo sobre a mesa e viu quando a porta do escritório da sua casa foi aberta por Aricia. Ela estava com os olhos inchados e vermelhos e Derek respirou fundo. Era

exatamente aquele momento que ele tanto temia.

— Dei um remédio para a minha mãe, ela finalmente dormiu. Paul disse que cuidaria de tudo.

— Aricia respirou fundos. — Dos procedimentos do enterro e... O que eu falo para ela? — Derek viu uma lágrima cair sobre o rosto da sua esposa.

— Que seu pai estava tendo um caso com duas mulheres. Provavelmente sua mãe já sabia disso, que elas o roubaram e que isso causou uma briga entre eles. Henrico me garantiu que é isso que a policial colocará nos arquivos.

— Você... — Aricia encarou o chão antes de respirar fundo e olhá-lo de novo. — Você o matou?

— Não. — Derek respondeu bebendo um pouco mais da sua bebida. — Mas sei quem fez. Foi preciso.

— Sei que foi preciso, só não sei o que fazer com a minha mãe nesse momento. Ela... — Aricia balançou a cabeça. — Não tem nem dinheiro para enterrar o meu pai, Derek. Aquela mulher tirou todo o dinheiro dele e não sabemos nem aonde ela colocou.

NACIONAIS - ACHERON

— E provavelmente nunca mais seja descoberto, Patricinha. Mas dinheiro é o de menos. Você tem dinheiro agora, pode ajudar a sua mãe.

— Você se sente culpado. — Aricia o acusou.

— Você faz com que eu me sinta assim com esse olhar. Se eu soubesse o deixaria vivo, só mandava prender.

— Não estou lhe culpando. — ela finalmente andou até ele sentando em seu colo e beijando seus lábios rapidamente. — Só que ele era o meu pai.

— Sei disso. — Derek respirou fundo. — Só espero, sinceramente, que isso seja superado.

— Será... prometo a você que será.

Meses depois...

— Você tem certeza sobre isso? — Paul estava parado ao seu lado enquanto os dois, Derek e Paul, olhavam o galpão com os diamantes nas docas. — Caribe?

— Realmente gostei das ilhas caribenhas quando estive lá para o casamento do Rex Colton, acho que é um bom lugar para se aposentar.

— Você está certo sobre se aposentar, Derek?

— Mais do que certo. A vida da minha família é o que mais importa.

— E quais serão os negócios lá?

— Os mesmo daqui. As empresas aqui estão com ótimos ganhos, sei que posso confiar em você para enviar o que nos pertence. Eu abro algo para a Aricia no Caribe, só para que ela fique feliz.

— E você?

— Eu estou feliz. — Derek sorriu batendo contra o ombro do amigo. — Eu tenho a minha família, algo que eu sempre almejei. No fundo essa minha luta sempre foi por causa da minha família.

— Então não existe mais Derek Holt o mafioso?

— Não. — Derek virou em direção ao mar olhando aquela imensidão na sua frente. — A partir de agora existe Derek Holt esposo e pai dedicado.

A profissão que eu sempre quis ter.

— Se você diz. — Paul virou em direção do mar também. — Vou sentir sua falta, irmão.

— Vou sentir a sua falta também.

Epílogo

Derek olhou seu relógio de rolex e o mesmo estava marcando uma hora da tarde, seu copo de bebida estava intocado sobre a mesa enquanto ele observava a cena em sua frente. Era uma cena um tanto quanto interessante. Havia um homem de joelhos na sua frente, ele estava chorando, e era uma cena intrigante. Ao mesmo tempo que Derek sentia vontade de rir ele estava com pena do homem na sua frente.

— Sr. Holt, sinto muito pelo que aconteceu. Nunca foi a minha intenção roubar as suas pedras.

— Mas ainda assim você roubou. — Derek olhou novamente para o seu relógio. Eram uma e dois da tarde.

— Eu disse que ele tinha problemas com drogas, chefe. — Yvan, que estava segurando o homem no chão, com seu pé, respondeu com raiva e empurrou ainda mais a cara do, homem que era

seu soldado, contra o chão.

— Você sabe o problema que você arrumou para você nesse momento?

— Me desculpe, senhor, eu realmente não queria arrumar esse tipo de confusão, mas eu tenho problemas.

— Realmente você tem problemas e.... — o celular de Derek começou a tocar e ele elevou o dedo no ar fazendo os homens em sua volta se calarem. — Minha esposa, façam silêncio.

— Oi Patricinha.

— Aonde você está? — a respiração de Aricia estava agitada, completamente descompassada.

— Bebendo um pouco com o Yvan. Eu disse que sairíamos para conversar.

— E eu disse que... — Aricia deu uma pausa para gritar do outro lado e Derek arregalou os olhos. — Derek Holt, esteja em casa o mais rápido que você conseguir. *Sua filha* está nascendo e preciso ir ao hospital.

Derek queria gritar, essa era a vontade que

ele tinha naquele momento. Gritar. Depois que ele abandonou Roadland e toda a vida que tinha lá, ele e Aricia estavam construindo uma nova vida no Caribe, mas claro, não ficaria fora dos negócios por muito tempo. Nunca foi sua vontade, mas sempre foi seu sonho aumentar sua família ao lado de Aricia. E era o que estava acontecendo. Sua menina estava chegando.

— Chego em alguns minutos amor.

— Tenho vontade de matar as vezes, sabia? Inventar de sair para beber. — E Aricia parou para gritar mais um pouco. — Venha o mais rápido ou chamarei um táxi.

— Nada de táxi, estou perto de casa. Estou chegando.

— Logo!

— Patricinha. — Derek chamou por Aricia e sabia que mesmo com raiva ela o atenderia.

— Oi Vagabundo.

— Eu te amo. — ele ouviu uma baixa e cansada risada do outro lado da linha.

— Eu também te amo.

Derek finalizou a ligação e olhou na direção do homem que estava de joelhos na sua frente. Aricia não sabia das suas atividades, para ela, Derek estava completamente aposentado. Mas ele nunca estaria aposentado daquela vida, nunca mesmo. Não fazia seu estilo.

— Você é um homem de sorte. — Derek começou a digitar uma mensagem para o Paul. — Não tenho tempo para você hoje. — o homem parecia alguém aliviado, mas seu alívio sumiu quando Derek o olhou com um olhar de: Pense mais um pouco.

— Finalize.

Derek virou as costas para a cena e sorriu quando Paul lhe respondeu a mensagem com um saudoso *Parabéns Papai* e o som do tiro soou como fogos de artifícios aos seus ouvidos.

É, ele tinha o mundo em suas mãos.

Fim!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON